UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Carlos Eduardo França

O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos *skinheads* "carecas do Brasil" na sociedade paulista contemporânea

Marília
2008

Carlos Eduardo França

O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos *skinheads* "carecas do Brasil" na sociedade paulista contemporânea

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília - para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, linha de Pesquisa intitulada "Cultura, Identidade e Memória".

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lídia Maria Vianna Possas.

Marília
2008

Carlos Eduardo França

Banca Examinadora

Presidente: _____

Profª. Drª. Lídia Maria Vianna Possas

Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Unesp

1º Examinador: _____

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Cortez Wissenbach

Departamento de História da USP

2º Examinador: _____

Prof.º Dr.º Luis Antônio Francisco de Souza

Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp

Marília - SP, 06 de Março de 2008.

A minha filha Sofia que, mesmo antes de nascer, já é a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP pelo financiamento dos custos com a realização da presente pesquisa durante os anos 2006 a 2008.

A Prof.ª Dr.ª Lídia Maria Vianna Possas, meus sinceros agradecimentos por, durante o período de pesquisa, ter me orientado e incentivado a desenvolver o trabalho com olhares minuciosos sobre aspectos do objeto que, por vezes, deixava passar sem dar a devida atenção, além de neste percurso ter sido muito mais que uma orientadora, uma grande amiga.

Ao Prof.º Dr.º Luís Antonio Francisco de Souza que, na disciplina da Pós-Graduação a qual cursei, ter contemplado a sala com leituras sociológicas contemporâneas, debates importantes presentes no panorama nacional e internacional que, muitas vezes, fogem dos debates clássicos que tive nas disciplinas da graduação. As indicações bibliográficas e argüição do professor foram, sem dúvida, muito preciosas na minha formação acadêmica.

A Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Cortez Wissenbach que compôs a Banca de Qualificação e Defesa da minha Dissertação e contribuiu, sobremaneira, com sua leitura peculiar do meu trabalho e indicações de bibliografias que pudessem subsidiar a elaboração de um trabalho mais consistente, que suprimiu, na defesa, as lacunas presentes no texto de qualificação, além da professora me mostrar em suas falas a seriedade da pesquisa acadêmica e o papel e compromissos assumidos pelo cientista enquanto intelectual. Meus sinceros agradecimentos!

Ao Advogado Carlos Canhoto de São Paulo por ter me ajudado decisivamente à conseguir as cópias do Inquérito Policial no Tribunal do Júri, meus agradecimentos.

Ao Prof.º Ms. Alexandre de Almeida, estudioso do tema *skinheads*, que disponibilizou material para pesquisa e me contemplou com diversas informações preciosas em nossas conversas informais. Meus agradecimentos ao Alexandre que já é um estimado amigo.

Ao Presidente e Vice-Presidente da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista) que concederam entrevistas e preciosos dados sobre os propósitos do núcleo de novos integralistas organizados em Campinas, estado de São Paulo, e suas percepções sobre os grupos de *skinheads* contemporâneos que tentam se aproximar das idéias do integralismo.

Agradeço Regina Facchini, Vice-Presidente da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo pelo bate-papo sobre o polêmico assunto referente à homofobia.

Agradeço aos docentes da Unesp de Marília que contribuíram em minha formação.

Agradeço todos os meus amigos e amigas que me apoiaram nesta difícil caminhada.

Agradeço, em especial, Daniel Henrique Lopes pela amizade sempre presente.

Agradeço Leandro, Anderson, Cristina Cascarano, Fábio Lanza e Liria pelas amizades.

Não poderia deixar de agradecer a minha querida família, constituída da minha mãe, Ivone, pai, Valter, irmão, Carlos Henrique, namorada, Vanessa e amada filha Sofia.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo captar as reelaborações das representações sociais dos *skinheads* “carecas do Brasil” após a morte de Edson Neris da Silva em fevereiro de 2000 na Praça da República, região central da cidade de São Paulo. Partimos da articulação do teatro do poder que elaborou a culpabilidade do violento crime aos *skinheads* “carecas do ABC”, considerando-os em suas representações como bárbaros e merecedores de uma punição exemplar, que servisse de modelo para as outras pessoas que possuem preconceitos de gênero controlar suas emoções e agressividades diante do diferente. As brechas presentes nos documentos permitiram que nós apreendêssemos outros aspectos dos símbolos e signos que compõem as teias de significados que afirmam as formas identitárias dos *skinheads* “carecas do Brasil”. Esses *skinheads* reelaboram e ressignificam as suas idéias e práticas sociais tendo como termômetro de mudanças a circularidade entre eles e a força de representações da imprensa e das pressões de segmentos sociais. Portanto, problematizamos a análise sobre as representações elaboradas pelos “carecas do Brasil” nos *fanzines* e demais meios de divulgação das idéias e valores desses grupos, quanto às produzidas pela imprensa, priorizando o jornal *Folha de São Paulo*, dentre os anos de 2000 a 2004, para captar não apenas as relações de poder presentes no confronto entre essas representações, mas, também, visamos desconstruir narrativas, tendo em vista desvendar as idéias, pensamentos, valores, tradições e culturas inventadas nesses discursos. Enfocamos as suas ações e experiências vivenciadas nos espaços urbanos, tendo em vista elaborar reflexões sobre os problemas cotidianos, de reestruturação das territorialidades, das redes de sociabilidade e das culturas de pertencimento configuradas como *micropoderes* que emergem nesses espaços de forma contraditória e conflituosa, como novas formas de governança organizadas por novos atores sócio-políticos neste conturbado cenário da cidade de São Paulo e cidades circunvizinhas.

Palavras-chaves: *skinheads*, conflitos urbanos, representações sociais, grupos identitários**.**

Abstract

The aim of the present work was to understand the reelaborations of the social representations of the skinheads of Brazil, after Edson Neris da Silva's death in February, 2000, in a square (Praça da República), in downtown São Paulo. The study was based on the articulation of the power theater that elaborated the culpability of the violent crime against the "ABC skinheads". This articulation considers the representation of the skinheads to be barbarian and that they deserved an exemplar punishment, which would be a model for others who had gender prejudice, so they could control their emotions and aggressiveness towards the difference. The gaps in the documents allowed us to learn other aspects of the sings and symbols which make the meaning webs that affirm the identitary way of the skinheads of Brazil. These skinheads reelaborate and resignify their ideas and social practice having as a thermometer of changes the circularities between them and the power of the press representation and the pressure of social segments. Therefore, we problematized the representations analysis elaborated by the skinheads of Brazil in fanzines and other means of publicizing ideas and values of these groups, related to the representations produced by the press. We prioritize the newspaper Folha de São Paulo, between years 2000 and 2004, to understand not only the power analogy involved in the confrontation among these representations, but we also aimed to deconstruct the reports, intending to reveal ideas, thoughts, values, traditions, and created cultures in these speeches. We focused on the skinheads' actions and experiences in the urban areas, intending to elaborate considerations about daily problems, the territorialities structuralization, the sociability net, and the pertaining cultures configurated as micropowers that emerge in these spaces in a contradictory and conflictual way, as new forms of governance by new socio-political actors in this disturbed scenery of the city of São Paulo and surrounding cities.

Keywords: skinheads, urban conflicts, social representations, identity groups.

Sumário

Introdução, 8.

Capítulo I: A Morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva: as narrativas polifônicas e as possibilidades de captar as brechas do cotidiano, 13.

1.1. A construção da culpabilidade dos *bárbaros* pelo modelo de verdade dos *civilizados*, 15.
1.2. Conflitos de gênero e reações das entidades GLBT com a morte de Edson Neris, 36.

Capítulo II: A formação dos grupos de *skinheads* brasileiros: as tensões cotidianas, os conflitos sociais, as formações identitárias e as lutas por reconhecimento, 44.

2.1. Cenário urbano conflituoso e o surgimento dos *skinheads* "carecas do subúrbio", 51.
2.2. Um olhar sobre os grupos de *skinheads* contemporâneos aos "carecas do subúrbio", 61.
2.3. Garotas *skinheads*: corporalidade, gestualidade e inserção nos "carecas do Brasil", 68.
2.4. Conflitos sociais e afirmações identitárias dos "carecas" e do Poder Branco, 71.

Capítulo III: *Circularidade* de idéias e reinvenções identitárias dos "carecas do Brasil" diante das representações construídas na grande imprensa, 91.

3.1. Morte de Edson Neris: reelaborações e afirmações identitárias a partir de um evento, 101.
3.2. As bandas de estilo de música Oi!: expressões artísticas dos "carecas do Brasil" e novas percepções identitárias das lideranças dos "carecas" após a morte de Edson Neris, 111.
3.3. O templo religioso da Comunidade Zadoque e os "carecas de Cristo", 118.

Capítulo IV: "Carecas do Brasil" e os novos integralistas: distensões, contradições e tênues aproximações discursivas no contexto da sociedade paulista, 124.

4.1. Aspectos nacionalistas dos "carecas do Brasil" como reações de rebeldia social, 133.
4.2. "Carecas" e novos integralistas: as aproximações, constrangimentos e contradições, 150.
4.3. Novas orientações das lideranças dos "carecas do Brasil" após fev. de 2000, 155.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 162.

Referências Bibliográficas, 171.

Introdução

O presente trabalho teve como princípio o homicídio do adestrador de cães Edson Neris da Silva, cujos acusados foram os *skinheads* denominados “carecas do ABC” em fevereiro de 2000, Praça da República, cento de São Paulo. Este fato que motivou o pensar sobre as problematizações a respeito das representações sociais construídas sobre os “carecas do Brasil”, sejam as da imprensa quanto às de fragmentos de vozes do poder judiciário. Buscamos captar as ressignificações e afirmações identitárias desses grupos e as mudanças nas orientações do contingente de *skinheads* pelas lideranças escritoras dos *fanzines*.

Partimos deste fato de expressiva visibilidade e repercussão na imprensa escrita para levantar problemáticas através da captação do “teatro do poder” presente nas narrativas sobre a culpabilidade dos *skinheads* construídas pela mídia e instituições estatais e, através dos fragmentos identitários presentes nessas fontes, buscamos resgatar a história do surgimento dos *skinheads* no Brasil, seus grupos sociais contemporâneos, a diferenciação entre “carecas do Brasil” e o Poder Branco paulista, suas ações que reivindicam aspectos nacionalistas, os pontos que estabelecem teias de significados entre as narrativas dos “carecas” com os novos integralistas da SENE, bem como as reelaborações de idéias e posturas desses grupos.

A primeira viagem à cidade de São Paulo para realização da coleta de dados teve resultados quanto aos jornais sobre o tema disponíveis na Biblioteca Mário de Andrade e Centro Cultural de São Paulo, locais nos quais fui muito bem recebido pelos (as) atendentes que deram, na ocasião, todo o suporte possível para realização da pesquisa documental.

Nesta viagem, protocolei o pedido das cópias do Processo Crime 052.00.000.431 - 8, o qual foi encaminhado ao Desembargador J. M. para análise sobre a concessão das cópias reprográficas à UNESP, isento de custas, por se tratar de pesquisa desenvolvida em instituição pública, pedido este que foi indeferido. Visto que este documento era peça chave no

desenvolvimento de algumas questões postas no Projeto, diante do indeferimento o trabalho tomou novos rumos e, em sua totalidade, apenas perdeu as falas dos *skinheads* em juízo, pois seus depoimentos não puderam ser analisados devido o indeferimento do pedido das cópias reprográficas. Para não prejuízo da análise das questões propostas a respeito do Processo Crime, a intenção era utilizar, além da Reserva Técnica, o financiamento concedido pela FAPESP para tirar as cópias dos autos, não possíveis por conta dos custos elevados das cópias cobradas pelo Tribunal de Justiça de São Paulo[1], sendo possível, em outro momento, solicitar apenas as cópias do Inquérito Policial em que emergem as falas das testemunhas de acusação.

No entanto, com as discussões informais com Alexandre de Almeida, discussões com a orientadora Lídia M. V. Possas e com o Prof.º Dr.º Luís Antônio de Souza (UNESP/Marília) e Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Cortez Wissenbach (USP), a pesquisa ganhou novo fôlego e maior dinamismo, e aguçou o meu olhar de pesquisador ao sugerir a realização de uma "descrição densa" dos sujeitos concretos em questão, captando suas lutas e diversas ressignificações.

Procurei, portanto, coletar fontes documentais que subsidiassem a análise dos grupos *skinheads* "carecas do Brasil" para evidenciar as tensões, conflitos, lutas, contradições, constrangimentos e ressignificações desses sujeitos concretos pesquisados. O trabalho que resultou em coleta de material inédito, como a entrevista gravada com o Presidente e Vice-presidente da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista)[2], que constitui um dos novos núcleos integralistas que está se reorganizando atualmente na cidade de Campinas, onde foi apresentada a concepção de nacionalismo desta nova organização integralista, que retoma, com uma nova roupagem e significação, as bibliografias escritas pelos teóricos da

[1] No Tribunal de Justiça de São Paulo as cópias custam 0, 80 centavos cada folha. Visto que o Processo Crime 052.00.000.431 - 8 possui mais de 21 volumes, com cerca de 250 folhas cada, ficaria inviável, diante do custo elevado das cópias, solicitar todos os volumes dos autos para realização da pesquisa, o que prejudicou o trabalho.

[2] Deixo presente os meus sinceros agradecimentos ao Cássio e Marcelo, integrantes permanentes da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista) que foram muito gentis em me receber no Núcleo Central da SENE, concedendo depoimentos sobre as formas de pensamento nacionalista que compõem a subjetividade dos líderes e membros do Núcleo, ressaltou as idéias resgatadas da Ação Integralista Brasileira (1932-1938), bem como demonstrou com clareza a postura da SENE perante os grupos *skinheads* de "carecas do Brasil".

Ação Integralista Brasileira como Gustavo Barroso, Miguel Reale, e reporta-se freqüentemente a pessoa de Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB (1932 - 1938).

A descoberta dessas novas fontes documentais fez com que compreendesse na prática de pesquisa o "conselho" de Alain Corbin (2005) quando defende sempre o prazer da pesquisa e assinala que a história cultural é feita de recobrimento, de sedimentações e de inércias, cabendo ao pesquisador tentar entender esses códigos comportamentais e suas diferenças, as suas contradições entre as representações sociais construídas e as práticas das experiências empíricas tecidas no cotidiano, o dissenso entre as oralidades do se fazer grupal com a realidade prática que, por contradizer representações, causam constrangimentos aos grupos preocupados em postar uma forma específica de pertencimento na sociedade.

O prazer da pesquisa se consolidou no Trabalho de Campo em busca da coleta das fontes documentais, momento no qual o contato com os diversos sujeitos envolvidos diretamente e indiretamente com os grupos de "carecas do Brasil" se posicionam e, dentre essa polifonia de falas, conseguimos pensar diante da complexidade e tensões da realidade concreta dos sujeitos analisados, como nas conversas informais com o pesquisador Alexandre de Almeida[3] que, na ocasião, além de ter disponibilizado material para a pesquisa, contribuiu com sua fala sobre o processo conturbado que é trabalhar com um objeto tão fugidio como os grupos *skinheads*, e deu dicas para continuar a pesquisa sem perder o prazer de pesquisador.

O Trabalho de Campo na cidade de São Paulo e, posteriormente, em Campinas, foi extremamente produtivo por estreitar contatos e coletar dados inéditos, como na entrevista não gravada com Regina Facchini[4], militante da Associação GLBT de São Paulo, que contribuiu mostrando quais as reações dos militantes da Associação diante da morte de Edson Neris da Silva na Praça da República em fevereiro de 2000. Conversamos sobre diversas questões, dentre elas as manifestações de protesto dos gays, lésbicas, bissexuais e travestis

[3] Conversa informal realizada no dia 20 de Julho de 2007.
[4] Entrevista não gravada realizada com Regina Facchini no dia 22 de Julho de 2007.

pelo assassinato em questão, a lapidação do conceito de homofobia dentre os militantes da GLBT, e o que nos chamou mais a atenção que foi a fala de que este caso da violência grupal contra Edson Neris é importante de ser frisado, mas, no entanto, há vários casos isolados sobre violência letal contra esses gêneros diferentes dos modelos clássicos, homem/mulher, que não são amplamente divulgados pela mídia, e que são objeto de estudos recentes.

Após a realização da Pesquisa de Campo, entrevistas, coleta de dados complementares, visitas ao Tribunal do Júri para cópias do Inquérito Policial n.º451/2000 anexado ao Processo Crime 052.00.000.431 - 8, foi realizado uma entrevista gravada com o Presidente e Vice-presidente da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista)[5], na qual as vozes dos representantes dessa instituição de novos integralistas, mais bem estruturados que os *skinheads*, emergiram, mostrando os propósitos da SENE, bem como a percepção deles, das lideranças do núcleo, sobre os grupos de *skinheads*. As falas revelaram as tensões, contradições e constrangimentos e, de acordo com a fala deles, divergências de propósitos entre os novos integralistas e grupos de "carecas do Brasil".

Assim, a realização de uma "descrição densa" das fontes documentais, no sentido sugerido por Geertz (1978), permitiu a descrição, documentação dos registros e reflexão sobre o documentado, possibilitando a apreensão dos signos, símbolos e os significados que os "carecas do Brasil" os imprime para constituir as teias de significados responsáveis por manterem unidos os diversos indivíduos que se reúnem nesta formação identitária paulista. Portanto, os símbolos e os significados, positivos ou negativos, impressos por esses "carecas" são os responsáveis por afirmar e reelaborar as identidades dessas formas de sociabilidade.

A "descrição densa" das fontes permitiu a apreensão da polifonia de vozes e dos seus pontos convergentes e divergentes, que alimentam representações de segmentos sociais que se encontram em conflitos nas diversas disputas por poderes locais nas territorialidades paulistas.

[5] Entrevista gravada com os líderes da SENE dia 26 de Julho de 2007, cidade de Campinas, estado de São Paulo.

A apreensão deste cenário urbano conflituoso e das suas formações identitárias só foi possível através de um olhar minucioso, que se aproxima do olhar dos míopes, no sentido posto por Possas (1999), que se preocupa em perceber as reações e ressignificações identitárias das culturas e identidades dos grupos diante de um processo de modernização/modernidade.

A utilização de Geertz (1978) para apreensão dessa polifonia de vozes que giram em torno da morte de Edson Neris da Silva, fato que abre as "cortinas" para a elaboração do "teatro do poder" das instituições privadas e públicas, bem como do "teatro do contra-poder" articulado nas vozes das lideranças dos grupos de "carecas do Brasil" nos *fanzines*, permite amplo debate sobre a questão do silenciamento dos sujeitos, na perspectiva de Foucault (1987, 1990, 2005), e possibilita colocar na ordem do dia reflexões sobre a politização dos corpos de seres viventes, *zoé*, através das medidas biopolíticas do estado, como sugere Agamben (2002).

Este esforço intelectual de percepção desses sujeitos que se encontram à margem da história abre um horizonte de possibilidades de investigação e debates, como a função do processo civilizatório no controle das emoções e da agressividade dos sujeitos, as questões de gênero presentes nas relações entre os "carecas do Brasil" com os homossexuais, e com as mulheres pertencentes ao grupo, o surgimento de novo cenário urbano com apelos grupais por aspectos nacionalistas, que são questões reunidas na Dissertação e que, por ser um trabalho artesanal, leva consigo as peculiaridades e os momentos de angústia de quem o produziu, e, também, o desejo de refletir mais profundamente sobre as brechas analíticas do texto.

Capítulo I: A Morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva: as narrativas polifônicas e as possibilidades de captar as brechas do cotidiano

A historiografia contemporânea nos ajuda a discutir fenômenos não-factuais, eventos não consagrados como tais, por conceber os fatos históricos como uma construção humana imbuída de certa intencionalidade. Neste sentido, apreendemos que um "incidente" não-factual, a exemplo da morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva, caracterizado como homossexual pelos seus algozes *skinheads*, transforma-se em "evento" ou "fato histórico" a partir do momento que repercutiu nos órgãos produtores de conhecimento, influenciando a articulação de construções interpretativas nos campos da história, antropologia e sociologia, das várias questões que emergem a partir das reflexões sobre este brutal linchamento ocorrido na região central da metrópole São Paulo, mais precisamente na Praça da República.

Sendo assim, um acontecimento só é conhecido como tal mediante indícios da vida cotidiana. Os eventos e fatos históricos são construídos a partir das fontes que, por sua vez, são produções humanas que podem ser vistas como "monumentos"[6] intencionalmente deixados para contar determinada história à posteridade. Com isso, os documentos/monumentos produzidos e deixados à posteridade representam como determinados sujeitos e instituições, privadas ou estatais, gostariam de narrar a história de grupos sociais e construir uma representação de como esses podem ser percebidos em tempos posteriores, expressando relações de poder no campo discursivo e das representações que reafirmam estereótipos dos grupos sociais que, muitas vezes, atrapalham a percepção do observador sobre a realidade concreta presente na polifonia de narrativas da vida cotidiana.

[6] Esta expressão foi cunhada pelas produções de Michel Foucault que enfatiza que todo discurso ou narrativa é construída intencionalmente, e se transforma em documento/monumento apresentado à posteridade.

Neste sentido, partimos das fontes documentais, jornais e Inquérito Policial[7], para detectar as relações de poder e interesses em jogo presentes nas representações discursivas elaboradas por essas instituições sobre os *skinheads* “carecas do ABC” e “carecas do Brasil”. As instituições produzem narrativas que são construções humanas subjetivas elaboradas intencionalmente, com objetivo de impor determinada imagem de grupo ao futuro, e que lançam mão das regras legislativas presentes no poder judiciário para construir uma culpabilidade sobre o fato/crime que repercutiu amplamente na imprensa e opinião pública e, assim, garantir a “contenção dos bárbaros” da vez e do processo civilizatório da modernidade.

O objetivo deste primeiro capítulo é analisar as imagens e representações construídas intencionalmente pelo jornal *Folha de São Paulo* sobre os *skinheads* brasileiros, demonstrar as tensões e os conflitos presentes na concretude cotidiana desses sujeitos através da narrativa do crime e dos vários depoimentos sobre o homicídio de Edson Neris da Silva por um grupo de *skinheads* “carecas do ABC”, e chamar a atenção para o papel civilizatório assumido contemporaneamente pela grande imprensa e instituições estatais. Essas se colocam atualmente com a função social e política de civilizar os bárbaros, de promover o refinamento de práticas, costumes e valores que não estejam em sintonia com os postos pela democracia moderna e expressa, mais especificamente, nas medidas biopolíticas encabeçadas pelo Estado.

Adotamos as sugestões de Ângela Maria de Castro Gomes (1979) que propõe a concentração da pesquisa em um período de tempo específico, no qual as notícias jornalísticas sobre o tema estejam em maior evidência. Realizamos, assim, um levantamento sistemático das reportagens publicadas sobre o tema na *Folha de São Paulo*, e em outros jornais paulistas, entre os anos de 2000 a 2004, além de captar os acontecimentos mundiais deste momento.

Diante da dimensão do volume de informações coletadas na pesquisa sobre a temática, fomos estimulados a investir na construção de critérios metodológicos capazes de propiciar

[7] O Inquérito Policial n.º451/2000 encontra-se anexado ao Processo Crime 052.00.000.431 - 8, São Paulo, Juízo de Direito da Primeira Vara do Júri, Cartório do 1º Ofício do Júri.

um trabalho mais rápido e econômico, sem prejuízo da qualidade dos resultados obtidos de acordo com nossas hipóteses de investigação. Deste modo, optamos em concentrar a análise dos periódicos da Folha de São Paulo em momentos significativos, nos quais as práticas sociais dos grupos de *skinheads* estivessem sendo mais enfocadas pela grande imprensa.

Com isso, partimos do fenômeno factual envolvendo o assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva por um grupo de *skinhead*, e coletamos as notícias referentes ao tema publicadas entre os meses de fevereiro a dezembro do ano 2000 para, deste modo, utilizar o jornal como uma espécie de base em torno da qual o restante do material foi organizado. Assim, tecemos os possíveis interesses e relações de poder presentes nesses discursos impressos formulados pelos jornais que noticiaram o tema, e ressaltamos o "teatro do poder" articulado nas falas sobre o crime de homicídio presentes no Inquérito Policial.

1.1. A construção da culpabilidade dos *bárbaros* pelo modelo de verdade dos *civilizados*

Procuramos apenas narrar, aproximando de uma "descrição densa" das fontes e da concretude dos sujeitos na forma posta por Geertz (1978), as experiências dos *skinheads* em questão por meio da apreensão das representações construídas na possibilidade da polifonia de falas presentes nas fontes documentais, em que as narrativas dos vários personagens revelam relações de poder, tensões de gênero, lutas por territorialidades e reconhecimentos, contradições e constrangimentos cotidianos dos sujeitos pesquisados e de outros grupos.

A pesquisa de campo nos deu um novo fôlego e maior dinamismo ao trabalho, pois possibilitou demonstrar que a tentativa de buscar uma racionalidade nos pensamentos e nas ações cotidianas dos *skinheads* pesquisados é algo vão, principalmente no caso das motivações que levaram os "carecas do ABC" a agredirem e matarem Edson Neris da Silva, já que as fontes nos apresentam a real concretude desses sujeitos que possuem ações e formas

de pensar e agir que são em si mesmas contraditórias, e salienta lutas e correlação de forças nas suas práticas e representações que nos fez redescobrir a complexidade dos grupos.

No dia 07 de fevereiro de 2000, o jornal "Folha de São Paulo" publicou o seguinte "incidente" de ódio ocorrido na Praça da República, região central da cidade de São Paulo:

> [...] O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, morreu na madrugada de ontem depois de ter sido espancado por uma gangue de skinheads na Praça da República (região central de São Paulo). Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local, por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles. Pressentindo que seriam abordados, os dois amigos saíram correndo. Netto conseguiu escapar, mas Silva foi alcançado. A filosofia skinhead prega o repúdio, entre outros, aos homossexuais. Segundo o delegado Antônio Carlos Cândido de Araújo, do 3º DP (Santa Efigênia), a perseguição teria ocorrido pelo fato de os dois terem sido considerados homossexuais pelos skinheads. (SILVA, A. S., Folha on line 07/02/2000; p.4 -7).

Antes de iniciar a análise das narrativas polifônicas que foram construídas a respeito dos sujeitos envolvidos diretamente e, também, os personagens indiretamente citados nas representações sociais a partir da morte de Edson Neris, é necessário, como pesquisador, pontuar que o fato foi um acontecimento brutal. O assassinato de Edson Neris por um grupo de "carecas" caracteriza-se como linchamento com requintes extremos de brutalidade, pois pressupõe agressões, até levar a morte, de uma pessoa pelas ações de várias outras, seus algozes, que exteriorizam seus preconceitos sociais e de gênero na forma de violência física. Por caracterizar-se como linchamento, eis a dificuldade de singularizar a culpabilidade pelo homicídio a apenas uma pessoa envolvida no espancamento, o que acaba por dinamizar as inquietações e problematizações levantadas nesta pesquisa sobre os *skinheads* brasileiros.

Partindo das imagens e representações construídas sobre os *skinheads* pelo jornal *Folha de São Paulo* a partir do "incidente" de ódio que resultou no homicídio do adestrador de cães Edson Neris da Silva[8], a grande imprensa articula a fala jornalística no sentido de

[8] De acordo com a *Folha de São Paulo*, os acusados presos pelo espancamento e morte de Edson integram os *skinheads* denominados "carecas do ABC". Consta que foram presas em flagrante 18 pessoas (16 homens e 2 mulheres), todas indiciadas sob acusação de homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, impossibilidade de defesa da vítima e uso de meio cruel), tentativa de homicídio (contra Dário Pereira Netto, que conseguiu escapar dos agressores) e formação de quadrilha. (CORRÊA, S. Folha on line 08/02/2000; p.3-5).

construir a culpabilidade pelo extermínio do adestrador em questão aos *skinheads*, e considera que, atualmente, os homossexuais têm sido os principais alvos das ações violentas dessas gangues consideradas de extrema direita. Argumenta que a perseguição cotidiana contra esses cidadãos que expressam uma sexualidade diferente ocorre em todos os grupos de *skinheads*.

Ao informar a população e comentar o desencadeamento do processo aberto sobre o grupo "carecas do ABC", o repórter da *FSP* Sílvio Corrêa (08 fev.2000) expõe que um dos rapazes presos sob suspeita de participação no assassinato do adestrador de cães Edson Neris confirmou à polícia que integra o grupo de *skinheads* e que o crime foi praticado pela gangue.

Consta no Inquérito Policial n.º 451/2000[9] que a maioria dos *skinheads* que prestaram depoimento no Terceiro Distrito Policial – Santa Ifigênia – sob acusação de Homicídio Doloso e Formação de Quadrilha, manifestou o direito constitucional de somente falar em juízo. No entanto, o acusado F. A. S., com 19 anos em 2000, na presença de sua genitora, prestou o seguinte depoimento redigido de acordo com o escrivão de plantão:

> [...] O interrogado esclarece que se encontrava com o grupo de "skin heads" reconhecidos entre as "gangs" como "carecas do abc" e que nesta data após encontrar-se com o referido grupo este se dirigiram a Praça da República onde tomou conhecimento da agressão e morte praticada por seus elementos, que pregam o extermínio de minorias mas precisamente negros, nordestinos e homossexuais, bem como judeus. Tem conhecimento que os aqui detidos participaram da agressão ao indivíduo que soube chamar-se Edson Neris, que segundo o pessoal do grupo tratava-se de um homossexual. Na Praça da República o grupo tomou a direção ao Madame Satã, danceteria localizada no bairro da Bela Vista e dali a um bar que fica na rua treze de maio onde os mesmos se reúnem nos finais de semana [...] (fl. 17).

A reportagem da *FSP*[10] expõe à população brasileira o depoimento de um *skinhead* integrante do grupo "carecas do ABC" que declarou estar na Praça da República quando houve a agressão, bem como das testemunhas que disseram ter presenciado o crime, e, em consonância com o discurso da Polícia Civil do Estado de São Paulo, Terceiro Distrito Policial – Santa Ifigênia, apropria-se dessas falas para construir o "teatro do poder" que

---

[9] Processo Crime 052.00.000431 – 8, São Paulo, Juízo de Direito da Primeira Vara do Júri, Cartório do 1º Ofício do Júri, fls. 10 – 24.
[10] *Folha de São Paulo*, Sílvio Corrêa, 08 fev. 2000.

introduz o ponto de vista do jornal. Tanto a instituição privada, jornal *Folha de São Paulo*, quanto a instituição estatal, Polícia Civil do Estado de São Paulo, articulam narrativas com pontos em comum, no sentido de criar uma identidade dos grupos *skinheads*, considerando-os como neonazistas, pregadores do extermínio de negros, nordestinos, homossexuais e judeus.

A aquisição do Inquérito Policial anexado junto ao Processo Crime[11] referente à morte do adestrador Edson Neris da Silva por um grupo de "carecas do ABC", permite termos conhecimento sobre as narrativas que faltavam para compor a análise polifônica que sugerimos, pois a linguagem jurídica do Promotor de Justiça, as testemunhas oculares do ato de violência, as falas dos Policiais Militares que socorreram as vítimas e os Policiais Civis que autuaram os *skinheads* formam um cenário complexo de conflitos, intenções e contradições, e revelam as relações de poder no cotidiano da cidade de São Paulo entre os vários segmentos sociais, inclusive as tensões de gênero entre *skinheads* e homossexuais.

Os "carecas do ABC" foram acusados por homicídio qualificado consumado, tentativa de homicídio qualificado e formação de quadrilha[12]. As falas das testemunhas retratam, com minúcias, a brutalidade da ação violenta do grupo na Praça da República, e incluí nos autos do inquérito o depoimento de pessoas que, mesmo corriqueiramente sofrendo discriminação por parte de especialistas que fazem parte da burocracia estatal por não serem tratados como cidadãos, mas sim como *zoé* (seres viventes)[13], como os mendigos e os *punks* que relataram agressões de *skinheads*, esses foram chamadas a servir à intenção do aparelho estatal de encenar uma punição e dar a sensação de ter solucionado legalmente a situação de caos.

As falas presentes no Inquérito Policial restringiram-se somente as das testemunhas e a dos policiais que socorreram as vítimas e cuidaram do caso, pois, como já dito acima, a maioria do grupo autuado preservou o Direito Constitucional de falar somente em juízo.

---

[11] Inquérito Policial 451/2000 anexado ao Processo Crime 052.00.000.431 – 8.
[12] Processo Crime 052.00.000431 – 8.
[13] AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. , Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004.

Essa atitude, apesar de, por um lado, preservar o direito deles ficarem em silêncio e não produzirem provas contra si mesmo, por outro acaba promovendo o silenciamento desses sujeitos que, nos baseando nas produções de Foucault, é uma forma de exercer o poder sobre o indivíduo, no caso o poder inquisitorial da polícia civil em identificar e punir os culpados.

No entanto, as falas das testemunhas são bem esclarecedoras sobre a gravidade do acontecimento ocorrido na Praça da República, e revelam as tensões que pulsam no cotidiano conflituoso da Metrópole de São Paulo, as relações de poder, as lutas por espaços e garantia de uma territorialidade que se configura ora como espaço de lazer, ora como campos de enfrentamento. Essas tensões e agressões cotidianas entre *skinheads* e homossexuais são estimuladas pelos valores machistas desses grupos de "carecas" que ressaltam, em seus discursos e práticas vivenciadas na realidade concreta, a afirmação das suas condições de virilidade. Até mesmo na forma de religiosidade dos "carecas de Cristo" nos cultos da Comunidade Zadoque[14], estão presentes os valores machistas e patriotas, apesar dos "carecas" convertidos não praticarem, teoricamente, ações violentas contra outros grupos do templo[15].

No Inquérito Policial n.º 451/2000[16], a primeira testemunha A. C. L.[17] depõe que os indivíduos conhecidos como *skinheads* foram presos em flagrante pela morte com socos, pontapés e utilização de arma branca, "soco inglês", do homossexual Edson. O depoente relata que os *skinheads* possuem "[...] como ideologia o extermínio de homossexuais, negros e judeus aqui no Brasil constantemente agridem nordestinos e demais minorias [...]" (fl.12).

Apesar de alguns valores dos "carecas do ABC" se distinguirem dos *white power*, a testemunha A. C. L. acrescenta que:

> "[...] veio a saber que a quadrilha formada pelos indiciados aguardou a passagem da vítima, passando a agredir pelo simples fato de o mesmo ser homossexual, tal fato caracteriza a ideologia do grupo que tem como vínculo

[14] Esta forma de religiosidade será exposta mais detalhadamente no decorrer do texto, em capítulos seguintes.
[15] COSTA, Márcia Regina da. **Tribos Urbanas, Comunidade Zadoque e os Carecas de Cristo**.
[16] Inquérito Policial no qual consta os autos da autuação dos *skinheads* (Processo Crime 052.00.000431 – 8).
[17] Investigador da Ronda/1ª DELSECPOL – DECAP, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fls. 11 – 12.

> psicológico exterminar grupos minoritários da sociedade, sendo os mesmos conhecidos também como "White Powers" [...]" (fl.12).

O reforço da oratória do investigador A. C. L. deu-se com a *prova* por meio do testemunho de D. A. N.[18]. Em seu depoimento disse que os policiais civis encontraram uma "arma branca" em poder de uma das mulheres do grupo de "carecas do ABC"[19], e depõe que:

> "[...] quando a Polícia Civil ali chegou, de pronto a moça da foto 33, entrou para dentro do meu bar, correndo, visivelmente fugindo, e se agarrou na minha irmã; Que, ficamos aterrorizadas, ocasião em que a polícia entrou e perguntou da loira e eu acabei dizendo que estava ali, ai a moça acabou saindo, quase levando um tombo na porta; Que, a moça, nitidamente estava fugindo, de alguma coisa, pois foi a Viatura para naquele local e ela já saiu correndo para dentro do bar para se esconder [...] (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl.193).

O depoimento de D. A. N. realça o tom de culpa dos *skinheads* pela morte de Edson Neris. Ao dizer que uma das moças que estava junto aos "carecas do ABC" correu para dentro do bar como se nitidamente estivesse fugindo dos policiais civis que tinham chegado ao estabelecimento comercial, a utilização desta fala é apropriada no Inquérito como sendo uma *prova* incontestável sobre a culpabilidade dos "carecas" e a *verdade* das falas jurídicas, e ressalta a ação e função inquisitorial deste braço do estado que é de identificar culpados.

A quarta testemunha H. C. S.[20] depõe ter presenciado a agressão praticada pelos *skinheads*, e, de acordo com o escrivão de plantão, o depoente relatou o seguinte:

> [...] o referido grupo agride homossexuais que freqüentam as imediações da Praça da República. O referido bando costumeiramente agride pessoas de baixo poder aquisitivo, como o depoente, que informa ter visto moradores de rua serem agredidos pelo mesmo bando, que geralmente o depoente evita falar sobre o grupo temendo represália. O grupo é formado por homens musculosos e cabeça raspada usando coturno e outros utensílios militares. O depoente presenciou a agressão praticada pelo bando de "skin heads" contra a vítima, a qual foi cercada e espancada pelo bando, inclusive um deles, que não sabe identificar com precisão pois todos eles são parecidos, socou bastante a vítima com um soco inglês em uma das mãos [...] (fl. 14).

---

[18] D. A. N. é comerciante, natural de Salvador/BA. Na data do fato possuía um bar na rua treze de maio, local onde os "carecas do ABC" sempre freqüentavam nos finais de semana, principalmente aos sábados, e onde os acusados pelo crime foram autuados pela Polícia Civil, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fls. 191 – 194.
[19] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 13.
[20] Feirante e morador de rua/Praça da República, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 14.

O depoimento do feirante e morador de rua H. C. S. que testemunhou o crime vem reforçar os discursos da mídia e da Polícia Civil, dando ênfase as freqüentes agressões praticadas por esses grupos contra homossexuais e pessoas de baixo poder aquisitivo. O relato desta testemunha ocular, junto às outras narrativas sobre o crime, contribui para a articulação da culpabilidade dos *skinheads* pelo homicídio, e dá início à intencionalidade civilizatória da imprensa e, principalmente, do poder estatal, que é o de articular as formas de produção da *verdade* através das *provas* com relação ao fato e da construção de um Inquérito Policial, em que as práticas jurídicas constroem uma representação do grupo e um modelo de *verdade* que circula na sociedade[21] para, deste modo, colocar em prática medidas biopolíticas de punição[22].

Outra testemunha ocular do fato utilizada como *prova* comprobatória no Inquérito Policial foi o depoimento de C. A. S. B.[23] que, por solicitação da Polícia Civil e na presença do seu advogado, compareceu no Distrito Policial para, em suas palavras, "[...] auxiliar em tudo que for necessário, para estabelecer-se a *verdade dos fatos*, gravíssimos que culminaram com a barbárie ocorrida naquela Praça, contra aquele cidadão indefeso [...]"[24].

No depoimento, C. A. S. B. diz que reconheceu quando os "famosos *skinheads*", considerados por ele e pela população como carecas musculosos e inescrupulosos, se aproximaram das vítimas, e relata à autoridade policial a cena que presenciou:

> [...] quando esse pessoal se aproxima, e confesso, fiquei estarrecido, apavorado, tamanha a conduta daqueles que ali se aproximavam, como se fossem "guerrilheiros" (sic); Que, pude vislumbrar a Vítima e mais um rapaz, de costas para aqueles e de frente para mim, que seguiam tranquilamente naquele local, como se dali se utilizassem para cruzarem aquela praça, pois vinham no sentido da Rua Vieira de Carvalho, para à Avenida Ipiranga; Que, quando aqueles indivíduos, se dividiram em dois grupos, um ficou pelas costas daqueles e o outro vindo pela frente desses, de encontro; Que, aqueles que já haviam ficado para as "Costas" daqueles dois rapazes, apontaram com a mão, aqueles dois para os que vinham de frente e

[21] FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

[22] O conceito de biopolítica foi trabalhado por Agamben (2004) e expressa a operacionalização do controle do corpo social pelo Estado, principalmente do controle estatal que incide sobre o corpo das pessoas (zoé). Corpos esses passíveis de punição e politização por parte do Estado que, no caso do fato estudado, retrata a politização da vida através da punição dos "carecas" como medida política que encontra sentido a partir da negação da vida da vítima Edson Neris, fato este com ampla repercussão em outra esfera civilizatória materializada na imprensa.

[23] C. S. S. B. é Comerciante, natural de Itaberaba/BA, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 195.

[24] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 196.

> no momento em que cruzaram, os dois grupos se aproximaram, fizeram uma roda e passaram a "espancar" os dois, fechando-os em círculo, sem houvesse qualquer possibilidade de populares se aproximarem e daqueles dois fugirem daquele ataque monstruoso, porém um deles conseguiu escapar [...] (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl.197).

C. A. S. B. diz em depoimento que o grupo de *skinheads* agrediu muito a vítima, sendo que um deles parecia "enlouquecido". Afirmou que seguramente poderia identificar este último agressor, o mais violento, pelo fato deste possuir um porte físico mais avantajado. Além de garantir que poderia certamente reconhecer o último agressor, o depoente disse que, enquanto o agredido era espancado, as mulheres do grupo observavam "[...] seus parceiros abaterem a Vítima, tranqüilas, como se aquilo fosse uma "caça" [...]"[25]. Disse que se dispôs a testemunhar para ajudar na manutenção da prisão dos acusados, para que a *verdade* fosse descoberta, já que seguramente disse que foram eles e que os reconheceria pessoalmente[26].

Já o depoente A. P. N. V.[27] diz ser *punk* e narra, com riqueza de detalhes, que foi vítima dos "carecas do ABC" em questão em meados de setembro de 1998, e diz ter sofrido lesões corporais devido um ataque ocorrido em Santo André, sendo este ato objeto de Inquérito Policial. Diz ter identificado algum de seus algozes pelas fotos de jornais e na TV, e que, por isso, aproveitou a oportunidade de auxiliar a polícia na condenação desses *skinheads* para se ver *fazer a justiça*, pois possuía, na ocasião, plena convicção para assegurar que, com certeza, poderia reconhecer os agressores de Edson Neris como aqueles que o agrediram[28].

Diz no Inquérito Policial que, diante das inúmeras fotos exibidas no "Auto de Reconhecimento Fotográfico", "[...] taxativamente reconheci entre eles, alguns dos meus agressores implacáveis e desumanos [...]"[29], não restando dúvida sobre os seus algozes.

A testemunha A. P. N. V. acrescenta ainda em seu depoimento:

---

[25] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 198.
[26] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fls. 195 – 200.
[27] A. P. N. V. é Produtor Cultural, natural de região do Nordeste, mais precisamente Quixeramobin/CE, e relata fazer parte do movimento punk em São Paulo, Processo Crime 052.00.000431 – 8, f. 248.
[28]Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 249.
[29] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 249.

> [...] Que, sinto-me aliviado, mesmo sendo "PUNCK", eu acho que todas pessoas que "sofreram agressões destes monstros", para aproveitarem esta oportunidade, como "chance", para denunciar esses animais; Que, isso é uma "guerra" antiga, tem-se um "gancho" para que possa-se "desmascarar esses criminosos"; Que, não é um problema isolado, mas da própria sociedade, e sou integrante do "movimento punk"; Que, o evento ocorrido comigo em 1998, eu acabava de participar de um show, quando fui interceptado por esses carecas; Que, tive afundamento de face; Que, depois disso, procuramos entender o ocorrido, e esses grupos, de origem, são contra os "punks", são militarizados e quando estão batendo não se comunicam entre si e só param mesmo, quando a pessoa fica desacordada; Que, eu espero, que diante da publicidade dos fatos, todas as Vítimas desses "animais", se apresentem, pois eles se postam como se fossem uma raça suprema; Que, eu estou tendo uma chance, e ainda podendo colaborar com a polícia, não temo por minha vida e me coloco a disposição para auxiliar no que for preciso e manter presos na cadeia esses "bandos de assassinos", que nos finais de semana "matam pessoas" [...] (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl.250).

No auto de reconhecimento fotográfico realizado na Polícia Civil do Estado de São Paulo, o depoente N. Z.[30] identifica os autores da agressão contra A. P. N. V. ocorrida em 05/09/1998 em uma passarela próximo ao Paço Municipal de Santo André como, também, sendo os mesmos agressores de Edson Neris. No auto consta: "[...] passou o reconhecedor a examinar atentamente as dezoito fotografias, numeradas de 15 a 33, que lhe foram apresentadas e depois de examiná-las, apontou com certeza e sem sombra de dúvida para as fotografias de número 18 de nome M. P. M. e 19 de nome J. C. S., reconhecendo-os [...]"[31].

Os grupos de *punks* e os diversos grupos de *skinheads*, sejam eles "carecas do Brasil" ou *white power*, se enfrentam constantemente no cotidiano da Capital São Paulo e cidades circunvizinhas. O confronto se dá pelo fato de manifestarem uma corporalidade expressa em seus estilos de vida distintos que buscam lutar cotidianamente pelo reconhecimento e afirmação de suas formas identitárias que, como se pode observar, são reafirmadas nos estilos corporais e nos valores contrastivos manifestados por essas tribos urbanas[32]. Essas tribos estabelecem, na verdade, uma correlação de forças corporais no cotidiano para conquistar

---

[30] N. Z. é natural de São Paulo, Capital, e testemunha da agressão sofrida por A. P. N. V. em setembro de 1998, Paço Municipal de Santo André, Auto de Reconhecimento, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fls. 276 – 279.
[31] Auto de Reconhecimento, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 277.
[32] Ver como referência o livro de MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

espaços e respeito diante dos outros grupos, por eleger determinados locais na cidade de São Paulo como territorialidades de lazer, diversões e, que muitas vezes, são palcos de conflitos.

Esses diversos grupos identitários são, em sua maioria, considerados como foco de problemas para o Estado devido os vários conflitos que promovem no cotidiano, e que amplamente são divulgados pela imprensa. Isso causa sensação de desconforto por amedrontar a população dos centros urbanos. O Estado, por sua vez, considera esses grupos sociais identitários como *zoé* (seres viventes)[33] passíveis de terem suas vidas politizadas através da inquisição policial e punição judiciária e, para tanto, faz uso de grupos como *punks*, considerados muitas vezes como *Corpo Sacro*, para aumentar a quantidade de *provas* com o objetivo de punir e civilizar os bárbaros da vez, os *skinheads* "carecas do ABC".

Esse processo criado no Inquérito Policial tem por objetivo construir uma *verdade* através da culpabilidade desses bárbaros algozes, com a intenção de iniciar uma punição exemplar, reforçada pelas notícias da imprensa que, juntamente com o Estado, encabeça o processo civilizatório contemporâneo, e cria a sensação de justiça na mente da população, principalmente naqueles segmentos sociais mais afetados pelas agressões desses grupos.

A vítima de tentativa de homicídio, D. P. N., que foi agredido junto a Edson Neris descreve, com minúcias, a brutalidade das agressões dos seus algozes *skinheads*, demonstra a hostilidade das ações violentas com chutes, socos, tapas e pontapés, e, na ocasião, relata:

> [...] nesta oportunidade este Delegado de Polícia, exibe ao ora Declarante inúmeras fotos de homens e mulheres, adequados ao padrão do "grupo de carecas", com cabeça raspada, roupas pretas, entre elas as de nºs 15 a 33, onde após olha-las atentamente, não logrou a reconhecer seguramente, entre aqueles, seus algozes e de seu colega Edson Néri, porém relatou que face a aproximação inesperada daqueles, no ato da conduta violenta e do pânico a que fora acometido, não consigo isolar as fisionomia, eram altos, fortes, estrutura truculenta, vestidos de roupas pretas e carecas, por máquina de cortar cabelo, em postura agressiva, marchando para nossa direção [...] (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl.255).

[33] AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. , Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004.

Após socorrer a vítima Edson Neris e seu amigo agredido, o Cabo Policial Militar "socorrente", F I F N.[34], e o Soldado Policial Militar "motorista", J. R. B.[35], depois de terem conhecimento dos fatos ocorridos no cenário da Praça da República, o Cabo relatou que iria:

> [...] fazer um patrulhamento ostensivo, tipo diligência, na área, com vista a "identificação e localização daquele grupo de carecas"; Que, presente na unidade distrital apresentada a ocorrência ao Sr. Dr. Delegado de Plantão, esse diante dos fatos noticiados, os quais aqui constam elencados, nos dispensou, para que déssemos continuidade aos nossos serviços de policiamento ostensivo, pelo que retornamos as nossas atividades de costume; Que, apesar de uma noite tumultuada estávamos atentos, por onde circulávamos, no sentido de observar-se algum grupo, naquelas descrições, que fossem sugestivos de tratarem-se dos "Skinheads", quando tomei conhecimento quando aqui no 3º Distrito Policial, que 18 (dezoito) carecas haviam sido conduzidos nessa unidade policial, por se tratarem de "skinheads", onde permaneci no auxílio da Polícia Civil [...] (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl.325).

Após o retrato construído pelas testemunhas dos culpados pela morte de Edson Neris, nota-se o empenho da Polícia Militar em fazer um patrulhamento ostensivo no sentido de estarem atentos a algum grupo com as mesmas descrições dos *skinheads* para, deste modo, promover a punição desses sujeitos e, nas palavras do Cabo da Polícia Militar F. I. F. N., "[...] para que se possa, manter a ordem nesta circunscrição, passando segurança e liberdade à população para que circule nesses logradouros tranquilamente [...]"[36].

Enfatiza-se nesta fala a necessidade da punição dos *skinheads* para manifestar a sensação de justiça na população, sensação essa que ameniza o medo de sofrer ações violentas por parte desses grupos, e demonstra que a manutenção da ordem e da justiça encontra-se, teoricamente, fundamentada nesses atos punitivos e garantida pelo Estado. Este atua como instituição coercitiva que tende a controlar as práticas ilícitas dos indivíduos, a exemplo das ações agressivas dos sujeitos como os que integram os grupos *skinheads* de "carecas" que são monitoradas por parte da polícia e passíveis de punição pelas instituições disciplinadoras[37].

---

[34] F. I. F. N. é Funcionário Público – Cabo da Polícia Militar – que socorreu a vítima Edson Neris, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 322.
[35] J. R. B. é Funcionário Público – Soldado da Polícia Militar – motorista da viatura que socorreu a Vítima Edson Neris, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 326.
[36] Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 325.
[37] BRANDÃO, C. F.. **Os processos de civilização e o controle das emoções**. Bauru/SP: Edusc, 2007.

Com a intenção de dar maior força à representação neonazista[38] construída pela *FSP* sobre os "carecas do ABC", e dar maior ênfase na necessidade do poder judiciário punir esses sujeitos considerados bárbaros, Sílvio Corrêa (09 fev.2000) entrevista dois dos rapazes presos sob acusação de ter participado do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva.

Em entrevistas realizadas pela *Folha de São Paulo*, esses integrantes acusados pelo crime expõem que os "carecas do ABC" não possuem ideais discriminatórios e pregam apenas o nacionalismo e a melhoria das condições de vida da população, inspirando-se em concepções do Integralismo de Plínio Salgado, Chefe Nacional da Ação Integralista Brasileira- AIB (1932 - 1938), movimento que absorveu aspectos de natureza fascista[39].

Ao apresentar a fala dos *skinheads* entrevistados, o repórter Sílvio Corrêa (09 fev.2000) introduz o comentário sobre a presença de orientação fascista do movimento AIB para evidenciar a intenção da *FSP* de difundir a idéia do caráter neonazista dos grupos *skinheads.*

No momento em que essas representações são evidenciadas pela impressa, há organizações nacionalistas se reorganizando e retomando os princípios integralistas, com vistas a rearticular os discursos da AIB e elaborar uma proposta de caráter político. Essa proposta visa criticar os partidos políticos atuais de direita e de esquerda, tendo discursos semelhantes às narrativas e idéias dos *skinheads* "carecas do Brasil".

---

[38] O fenômeno do neonazismo é apresentado pela imprensa e estudiosos como a retomada de pensamentos e atitudes discriminatórias e intolerantes que lembram o nazismo da década de 1930. Um trabalho minucioso sobre o neonazismo, as memórias e negacionismos e a intolerância do final do século XX foi escrito por Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus (2006) intitulado **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória**: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987 – 2003), Editora Unesp.

[39] A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento de massas, de inspiração fascista, mais importante organizado no Brasil, fundado por Plínio Salgado em 1932. Tornou-se o primeiro partido nacional com uma organização de massa implantada em todo o país, cujo a força política de arregimentação foi estimada, em 1936, entre seicentos mil e um milhão de adeptos. A expansão dos movimentos do tipo fascista no Brasil eclodiu mais expressivamente na década de 1930, com a formação de pequenos partidos e movimentos regionais. A Ação Integralista nasceu numa fase de ascensão das idéias autoritárias de direita, a partir do marco político estabelecido pela Revolução de 1930, radicalizando em direção do discurso ideológico fascista as tendências antiliberais difundidas entre amplos setores político/intelectuais no contexto pós-revolucionário, Possas (1993).

O Integralismo Linear fundado em 1992 e a SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista) de 2006, e com sede fundada no coração de Campinas em março de 2007, são organizações que se inspiram nos aspectos nacionalistas do Integralismo de Plínio Salgado (1932 - 1938), para reinventar esses discursos à luz do tempo presente e, através de frases de impacto, objetivam arregimentar novos adeptos, refutando o caráter de violência social atribuído aos *skinheads*[40].

Ao comentar a repercussão nacional do "incidente" de ódio enfocado pela *FSP*, Sílvio Corrêa (11 fev.2000) coloca que a Secretaria dos Direitos Humanos determinou a intensificação das investigações sobre a morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva, bem como o acompanhamento do julgamento dos acusados de praticar o crime pelo Conselho de Defesa da Pessoa Humana. Este órgão da União é responsável pelo monitoramento do andamento das apurações dos principais crimes contra os direitos humanos ocorridos no país.

Neste momento estava estourando diversas manifestações extremistas no cenário internacional, principalmente nas capitais européias, não se restringindo aos acontecimentos violentos de intolerância deflagrados por grupos nos espaços urbanos brasileiros. Esses grupos internacionais encontraram, também, respaldo no plano institucional como a expressiva votação nos candidatos do partido da Frente Nacional de Le Pen na França.

[40] A eclosão de novos núcleos de integralistas e suas novas formas de pensamento foi possível de ser captada na entrevista gravada com o Presidente e Vice-Presidente da SENE, que nos disponibilizaram material sobre a **Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista** e sobre **O Integralismo Linear**. As brechas presentes nas oralidades permitiram captar as vozes desses sujeitos, e as semelhanças de suas narrativas, dos seus símbolos e significados com as dos *skinheads* presentes nos *fanzines*, que estarão presentes em capítulo posterior.

O sucesso dos partidos de cunho nazista no Norte e Sul da Alemanha que capitalizaram o apoio que antes seria do partido Democrata-Cristão[41], e a Liga Lombardina na Itália que ganhou o apoio do povo fazendo apologia ao personagem de Benito Mussolini[42].

O repórter da *FSP* aponta que a gravidade do "incidente" de ódio praticado pelos "carecas do ABC" ao espancar até a morte Edson Neris da Silva recebeu atenção especial da União, alegando que esses grupos neonazistas são responsáveis pela deflagração de atos violentos e pela apologia ao extermínio de minorias sociais, a exemplo dos homossexuais.

De acordo com o texto do sociólogo Tulio Kahn (2000)[43] as ações desses grupos de *skinheads* vem sendo acompanhadas pela grande imprensa e autoridades desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992. Essas facções de *skinheads* têm sido apresentadas, na opinião do sociólogo citado acima, como responsáveis por pichações difamatórias, depredações, ameaças às lideranças de minorias, difusão de idéias racistas, homofóbicas, separatistas e anti-semitas por meio de panfletos, *fanzines* e na Internet.

Tulio Kahn (2000) coloca que esses grupos também foram acusados de envolvimento em "incidentes" mais graves, a exemplo do envio de bombas caseiras às instituições como a Anistia Internacional, práticas cotidianas de estupros, agressões físicas e assassinatos que assumiram uma força significativa na sociedade a respeito do comportamento desses grupos.

---

[41] No feriado do Dia do Trabalho normalmente ligado às esquerdas, os ultradireitistas da Frente Nacional reuniram em maio de 1998 cerca de 10 mil pessoas na França, cidade de Paris, em desfile seguido de ato público, trazendo faixas com os dizeres: "A França para os franceses", "Mundialização = Impostos" e "Nem racistas, nem xenófobos, mas patriotas". Ato semelhante ocorreu com a extrema direita alemã que consegui realizar em Leipzig uma manifestação reunindo 6 mil simpatizantes do ultranacionalismo, convocados pelo Partido Nacional da Alemanha (NPD) que protestavam contra as altas taxas de desemprego do país que gravitavam em torno do percentual de 12,6%.

[42] Ver: José ARBEX (1997), Paulo Fagundes VIZENTINI (2000) e Paul HOCKENOS (1995).

[43] Reportagem publicada na Folha no dia 14 de fevereiro de 2000.

Apesar das denúncias e acusações sobre os "carecas", esses acontecimentos encontravam-se inseridos na qualidade de "boatos"[44] pelo fato de, segundo a antropóloga Márcia Regina da Costa[45], as investigações policiais terem apurado que o envio de bombas caseiras à Anistia Internacional não ter sido de autoria dos grupos de "carecas do Brasil".

A morte de Neris da Silva, atacado porque "parecia" homossexual, foi, segundo um levantamento feito na imprensa desde 1992, o nono homicídio que pode ser atribuído a esses grupos de extrema direita. Deste modo, Kahn (2000) entende que outros "inimigos" foram surrados por esses grupos, seguindo o mesmo padrão de linchamento, com ataques de muitos contra poucos que são escolhidos por serem negros, nordestinos, *gays*, *punks* ou judeus.

Neste sentido, o sociólogo em questão considera que esses grupos de *skinheads* podem ser considerados como neonazistas, pois se apresentam como herdeiros de doutrinas que no passado foram responsáveis pelo sofrimento e pela morte de milhões de pessoas. Assim, compreende esses grupos como perigosos por defenderem valores e idéias que se encontram adormecidas na sociedade, ainda hoje, mesmo que em versões mais moderadas. Idéias que não se restringem a alguns poucos extremistas e são mais difundidas do que seria desejável.

O papel inquisitor da Polícia Civil do Estado de São Paulo, juntamente com a função civilizatória da imprensa, iniciou o processo de culpabilidade dos bárbaros acusados de matar Edson Neris, que possuí uma conotação de maior vigilância, punição e tom de justiça quando

---

[44] De acordo com Lídia Maria Vianna Possas (1993) em **O Trágico Três de Outubro**: estudo histórico de um evento, os boatos são relatos construídos a partir de algum incidente e geralmente assumem caráter acusatório. Levar em conta os boatos na conjuntura em que eles se efetivam possibilitam ao pesquisador tomar conhecimento de outras formas de linguagem e mais, levar em consideração não só aqueles que o produziram, mas também leva o pesquisador a indagar o porque a produziram? Desvendar "o que se passa" e "o que está em jogo" são questões levantadas em torno do tipo de fontes "boatos", e permite observar a potencialidade desse tipo de oralidade para construir a culpabilidade de grupos sociais sobre determinado ato de violência. Em consonância com os argumentos acima, as falas do historiador Peter Burke, em seu artigo "Boato Forte" (*Mais*, 28 nov. 2004), diz que o fenômeno "boato" é importante pelo fato de poder ser pensado como um 'relato curto, anônimo e não confirmado quanto a um suposto evento' que, ao ser reproduzido pelos meios de comunicação, assumem significativa força e caráter de verdade no campo das representações que coordenam o mundo social.

[45] Diálogo informal realizado através de e-mail em 2006 com a estudiosa do tema, Márcia Regina da Costa.

atinge a esfera jurídica com a denúncia do Promotor M. C. M.[46] apresentada ao Ministério Público do Estado de São Paulo em 15/02/2000.

Nesta há, mais detalhadamente, a articulação da culpabilidade dos *skinheads* pelo ato violento que resultou no homicídio em questão. O Promotor, ao reunir o conjunto de apurações presentes no Inquérito Policial[47] articula a denúncia dos criminosos e diz que todos os *skinheads* envolvidos associam-se em quadrilha, sempre utilizando armas, para o fim de cometer crimes e prática de todo o tipo de violência contra pessoas que entendem inferiores, como judeus, negros, homossexuais e nordestinos. Diz que esses *skinheads* saíam frequentemente em conjunto para a eliminação dessas pessoas.

O Promotor M. C. M. reforça em sua fala que na data do fato/crime, 06 de fevereiro de 2000, os "carecas do ABC" mais uma vez reuniram-se para a ação e, na Praça da República, partiram para a agressão das vítimas por essas estarem de mãos dadas. Assim, correram em direção das vítimas e munidos com as armas, soco inglês, bem como se utilizando das mãos para esmurrar e das botinas, tipo coturno, para chutar, começaram o brutal espancamento.

Na fala do Promotor de Acusação M. C. M. fica bem frisado a seguinte imagem da cena do crime e da representação jurídica dos agressores e do sofrimento dos agredidos:

> [...] Agiram os denunciados, quando da prática dos homicídios pelo repugnante, nojento e portanto torpe sentimento de discriminação, eis que suspeitaram que as vítimas eram homossexuais.
> Agiram ainda quando da prática dos homicídios de modo a dificultar a defesa das vítimas, eis que em superioridade numérica (cerca de trinta pessoas).
> Agiram finalmente de maneira cruel contra a vítima Edson, posto que já caída e sem oferecer qualquer reação os denunciados continuaram a agredi-lo, impondo portanto um desnecessário sofrimento. (Processo Crime 052.00.000431 – 8, fl. 06).

Neste contexto de maior enfoque dos grupos *skinheads* pela grande imprensa que os representou como sujeitos neonazistas e racistas, ocorreu um atentado com bomba de

---

[46] 18º Promotor de Justiça de 1º Tribunal do Júri, Processo Crime 052.00.000431 – 8, fls.03 – 09.
[47] Inquérito Policial n. 451/2000, fl. 05 anexado ao Processo Crime 052.00.000431 – 8.

fabricação caseira em um trem da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos)[48]. A explosão destruiu o teto da composição e provocou pânico nos passageiros. A possibilidade da efetivação de um atentado deste gênero era eminente, visto que a bomba de fabricação caseira explodiu dez horas após a ligação de uma pessoa que realizou denúncia anônima de um telefone público à Polícia Militar, apontando a existência do artefato no trem da CPTM.

De acordo com os jornalistas que redigiram a reportagem, o homem que denunciou a existência da bomba avisou que o atentado era um protesto contra a prisão dos 18 "carecas do ABC" suspeitos de matar o adestrador de cães Edson Neris da Silva no dia 06 de fevereiro de 2000. O texto publicado pela *FSP* reforça a representação violenta e extremista dos múltiplos grupos *skinheads* considerados pela grande imprensa como neonazistas e racistas.

Neste mesmo mês de fevereiro, uma segunda bomba explodiu em trem estacionado na estação da Luz, em São Paulo. Apesar do pânico dos 200 passageiros por causa da explosão, não houve feridos. A bomba-relógio de fabricação caseira explodiu no penúltimo vagão da composição, que tinha como destino final Francisco Morato, ao norte da região metropolitana da grande São Paulo. A polícia investiga duas hipóteses para o atentado: represália de camelôs e o de ser um protesto da gangue dos "carecas do ABC", principais suspeitos das explosões[49].

Em resposta aos atentados com bombas ocorridos na Grande São Paulo, o governo estadual divulgou a criação de um grupo especial para combater crimes de intolerância. Assim, foi criado o GRADI (Grupo de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância)[50] que teve como principal objetivo analisar, catalogar e rastrear a atuação de indivíduos e grupos extremistas que cometem crimes relacionados com racismo, preconceitos sexual ou religioso.

---

[48] O atentado com artefato explosivo ocorreu no dia 24 de fevereiro de 2000, como consta nas informações apresentadas na seguinte reportagem da *FSP*: CAMACHO, R; IWAMIZU, A. L.; PANDA, R. Bomba destrói teto de trem da CPTM. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.3-8, 18 fev. 2000.

[49] Como fontes documentais CAMACHO, R; IWAMIZU, A. L.; PANDA, R. Bomba destrói teto de trem da CPTM. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.3-8, 18 fev. 2000. SILVA, Alessandro. CPTM reforça segurança em trens. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 13 mar. 2000, p.3-4.

[50] Como fonte "SP cria polícia contra intolerância". In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 mar. 2000, p.2-3.

Voltando-nos para o desfecho do Processo Crime dos "carecas do ABC", o repórter Alencar Izidoro (06 maio 2000) expõe que o comerciante *skinhead* J. C. S. [51], 19, delatou em 05 de Maio de 2000 os cinco integrantes do seu próprio grupo pela agressão que resultou na morte de Edson Neris da Silva no dia 6 de fevereiro do mesmo ano, na Praça da República.

Alencar Izidoro (06 maio 2000) expõe que J. C. S.[52] modificou seu depoimento inicial em troca de benefícios concedidos pelo júri como prisão domiciliar e redução penal. Assim, J. C. S. disse ao Juiz José Ruy Borges Pereira, presidente do 1º Tribunal do Júri, que 30 pessoas estavam com o grupo na noite do crime, mas somente J. F. S., 28, e H. V., 22, e três menores de idade que foram levados para a delegacia e soltos logo em seguida, agrediram brutalmente o adestrador de cães com socos e pontapés, valendo-se, também, de um soco inglês.

O *skinhead* J. C. S. disse que resolveu contar *a verdade* porque seus companheiros estariam brigando entre si na carceragem do 15º DP. O depoimento de J. C. S. também desmente o de todos os outros 17 presos, que, além de negar participação no crime, diziam não ter passado pela Praça da República. Por ter confessado e auxiliado o poder judiciário no sentido de dar continuidade ao Processo Crime e a uma condenação exemplar dos acusados, J. C. S. teve benefícios com prisão domiciliar e redução de até dois terços da pena. Além de J. C. S., o Juiz também concedeu o pedido de liberdade provisória ao acusado R. Q., 20, por falta de *provas*. Os outros 16 acusados tiveram seus pedidos de liberdade provisória negados.

Após o novo depoimento de J. C. S. acusando alguns colegas de grupo pelo assassinato do adestrador Neris da Silva, os "carecas do ABC" deveriam dizer à Justiça que 7 das 18 pessoas presas no dia 6 de fevereiro participaram do espancamento ocorrido na Praça da República (centro de São Paulo). A *Folha* apurou que J. F. S., 28, e H. V., 22, confessaram

---

[51] Apesar do Processo Crime 052.00.000.431-8 e as informações presentes nos periódicos da Folha de São Paulo serem de caráter público, opto por não expor neste trabalho, por motivos éticos, os nomes dos réus na integra, já que a pesquisa visa captar a subjetividade, formas de pensar e agir dessas sociabilidades *skinheads*.

[52] No dia da autuação dos "carecas do ABC" acusados de envolvimento no crime, J. C. S. manifestou perante o Delegado do Terceiro Distrito Policial – Santa Ifigênia – seu direito constitucional de falar em juízo, Processo Crime 052.00.000.431 - 8, fl.16.

o crime a três advogados na carceragem do 15º DP no dia 08 de maio de 2000, e revelaram o nome de mais cinco agressores. Outros presos teriam concordado em prestar novo depoimento no Tribunal do Júri admitindo essa versão. A intenção do grupo é se beneficiar da lei que favorece réus colaboradores, a exemplo do que aconteceu no caso do réu J. C. S.

Depois dos novos depoimentos de alguns "carecas do ABC" envolvidos neste ato de violência, o Juiz José Ruy Borges Pereira colocou, no dia 26 de julho de 2000, em liberdade 8 das 18 pessoas acusadas inicialmente pela morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva. O Juiz também determinou que sete dos acusados fossem submetidos a júri popular pela morte de Silva e pela tentativa de assassinato de Dário Pereira Netto. Assim, a reportagem nos informa que seis "carecas do ABC" continuam presos, inclusive V. C. S. e o réu H. V. [53].

O conjunto de notícias presentes nos periódicos da *Folha de São Paulo* nos meses de fevereiro a dezembro de 2000 demonstra que as reportagens publicadas no jornal constroem uma imagem homogênea das facções dos *skinheads* brasileiros. Assim, apresentam-os como grupos que sustentam preconceitos contra negros, judeus, nordestinos e homossexuais, além de serem considerados agrupamentos de extrema direita que defendem posições neonazistas, imagens homogêneas que, muitas vezes, dificulta a compreensão da concretude desses sujeitos e das suas formas reais e múltiplas de pertencimento no social.

A intenção das notícias publicadas no jornal é elaborar, em consonância com o discurso jurídico, um modelo de verdade através da construção de uma representação singular desses múltiplos grupos de *skinheads* brasileiros, tendo em vista dar maior força de aceitação ao teatro do poder articulado pelo Estado que se posiciona como responsável por declarar quais as medidas biopolíticas mais convenientes a serem tomadas para "solucionar", mesmo que seja momentaneamente, o problema da violência urbana que permeia o cotidiano das gangues paulistanas. A estratégia para se por em prática essas medidas biopolíticas é

[53] Em dezembro do ano de 2000, a Quinta Turma do STJ negou recurso em *habeas corpus* à V. C. S. acusado de integrar a gangue denominada "carecas do ABC". ira Netto. (Negado pedido... Folha on line, 16/12/2000, p.C7).

identificar os sujeitos, singularizar os agressores dentre os vários sujeitos que cometeram o linchamento para, depois, cunhar a culpabilidade do ato de violência a alguns do grupo. Deste modo, as instituições disciplinadoras do estado aplicam as punições cabíveis de acordo com o conjunto de regras legislativas que representam a democracia e a constituição brasileira.

Em sintonia com Foucault (2004), esses discursos jurídicos que possuem sua própria verdade nos estimulam a pensar sobre como se forma o saber e as práticas desses homens e mulheres, das suas individualidades que transitam em ações que ora encontram-se dentro das regras, ora as transgridem e os põem como sujeitos fora da regra, passíveis de punição e de politização de suas vidas, quando suas ações agressivas atingem uma dimensão de barbárie, de práticas que os colocam como contrários ao refinamento de costumes e controle de sensibilidades proposto pelo Estado e processo civilizador contemporâneo. Quando atingem esse grau de complexidade esses *skinheads* "carecas do ABC" passam a estar em maior evidência na imprensa e nas instituições coercitivas do Estado, que em sua função moderadora prioriza colocar em prática medidas punitivas que acalmem os anseios da população por uma punição desses sujeitos considerados bárbaros, para que, deste modo, essa punição exemplar sirva de modelo para que atos parecidos não ocorram no cotidiano paulista.

No entanto, para que essas medidas biopolíticas do Estado expressem um tom de justiça, os verdadeiros culpados pela morte de Edson Neris precisavam ser identificados, pois a ação de violência corporal não contou com a participação de todos os *skinheads*, cerca de 30 pessoas, presente na Praça da República. Portanto, quando encarcerados no 15º DP, o Poder Judiciário faz uso, primeiramente, da punição inicial dos acusados e, logo em seguida, concede benefícios aos membros do grupo, como prisão domiciliar e redução da pena, para que eles próprios denunciem uns aos outros. Essas medidas estimulam o aumento do conjunto de *provas* e a identificação dos *verdadeiros culpados* para que esses recebam uma condenação

exemplar, que sirva de referência para outras pessoas não cometerem os mesmos atos criminosos sob a possibilidade de sofrerem condenações parecidas com as desses *skinheads*.

A intenção da grande imprensa e Poder Judiciário comprovar a culpabilidade dos *skinheads* ao apresentá-los como assassinos neonazistas que atuam contra minorias é, através de uma punição exemplar, mostrar ao restante da população a força do poder estatal em sua biopolítica que assume o papel civilizatório de reprimir e punir os sujeitos que possuem ações consideradas bárbaras. Essa punição exemplar atua com força de coibir outras ações do gênero, dando uma sensação de segurança ao restante da população que não compartilha dos mesmos valores e preconceitos presentes na mentalidade dos *skinheads* paulistanos e, deste modo, fixa-se a idéia de que a *verdade* e a *justiça* encontram-se centralizadas na esfera estatal.

Nota-se que a imprensa, primeiramente, lança luz diante do fato com um tom acusatório de que os “carecas do ABC” encontrados em um bar próximo ao crime foram os responsáveis pelo linchamento e morte de Edson Neris. Isso, quando difundido na opinião pública, cria um julgamento prévio desses sujeitos como sendo os verdadeiros culpados pelo homicídio ocorrido na Praça da República em fevereiro de 2000. Desta forma, o papel inquisitorial da Polícia, associado com as reportagens da imprensa, constroem um julgamento prévio dos “carecas” detidos, e o poder das instituições do estado, no caso da Polícia Civil do Estado de São Paulo, ganha maior força quando esses sujeitos são silenciados pelas representações da imprensa e, também, quando se silenciam nos autos do Inquérito Policial.

Após identificar, dentre os vários que participaram do linchamento, os *verdadeiros culpados*, o poder do estado se intensifica quando o silenciamento dos sujeitos atinge um outro patamar, o do Poder Judiciário. A partir do momento que esses sujeitos são presos e o Inquérito Policial se transforma em Processo Crime, a identificação dos verdadeiros culpados começa a ser mais bem articulada e o silenciamento dos sujeitos quanto as suas verdadeiras identidades individuais e identidade coletiva do grupo não aparecem. No Processo Crime

adota-se um enredo de questões, por parte do Promotor, que vislumbra culpabilizar os sujeitos acusados, o que está dentro da função da promotoria. Este processo, no entanto, não dá voz a esses sujeitos no sentido de entendê-los em suas concretudes, o que realça ainda mais o silenciamento desses indivíduos que assumem no Poder Judiciário uma posição defensiva.

1.2. Conflitos de gênero e reações das entidades GLBT com a morte de Edson Neris

Diante da liberdade de alguns *skinheads* suspeitos pela morte de Neris da Silva, o jornalista da *FSP* Alencar Isidoro (08 jul.2000) apresenta um texto que sintetiza a indignação dos parentes de vítimas da violência diante da impunidade da Justiça brasileira, reunindo-se na Praça da Sé para defender penas mais rígidas aos criminosos. Com fotos e cartazes em mãos, essas pessoas diziam esperar a sensibilidade do governo para adotar medidas como prisão perpétua e pena de morte, além da redução da maioridade penal. Benedita Júlio Rodrigues, 38, saiu de Ferraz de Vasconcelos (Grande SP) para exibir um cartaz sobre o seu irmão, Edson Neris da Silva, assassinado pelos "carecas do ABC" na Praça da República. Mostrou-se indignada com a liberdade de alguns acusados de terem cometido o crime[54].

A morte de Edson Neris da Silva ganhou ampla repercussão nos meios de comunicação e mobilizou os integrantes e simpatizantes da Associação da Parada do Orgulho GLBT, que organizaram protestos e passeatas como reações diante deste ato de violência contra o homossexual em questão.

[54] Como fonte IZIDORO, Alencar. Parentes de vítimas pedem penas rígidas. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 08 jul. 2000, p.C3.

De acordo com entrevista não gravada realizada junto à Regina Facchini[55], membro da Associação GLBT, discutimos quais as reações deste segmento social perante o ato de violência deflagrado por um grupo de *skinheads* contra Edson Neris. Facchini expôs que essas formas de agressões contra *gays*, lésbicas, bissexuais e travestis faz parte do cotidiano na região central da cidade de São Paulo, e é tema de várias pesquisas de gênero que tratam de violência letal contra homossexuais, como a pesquisa de Lacerda[56].

No diálogo Facchini (jul. 2007) disse que, já em 1996, um grupo de *skinheads* havia espancado até a morte um artista plástico na Avenida Paulista; porém este foi um fato que não repercutiu tão amplamente na imprensa, e ficou mais restrito aos grupos de homossexuais que freqüentam circuitos em comum nos bares e ambientes paulistanos que mais se encontram[57].

As informações trocadas com Facchini (jul. 2007) sobre as violências cotidianas cometidas pelos *skinheads* contra os homossexuais na região central de São Paulo são reforçadas pela narrativa de D. P. N.[58], vítima e testemunha do homicídio de Edson Neris, que diz freqüentar um bar de amigos homossexuais na Rua Vieira de Carvalho, e que:

> [...] sabia-se e conversava-se, que, "Grupos de Carecas", quando se cruzavam com "homossexuais", "negros" e "nordestinos", passavam a agredir, violentamente pessoas com essas características; Que, em virtude de freqüentar "bares de homossexuais" e saber do comportamento desses "grupos de carecas, que se vestem de roupas pretas e possuem a cabeça raspada", eu tinha medo de me deparar com essas pessoas [...]. (Processo Crime 052.00.000.431-8, fl. 253).

As fontes nos permitem apreender o medo presente no cotidiano dos homossexuais que freqüentavam bares nas regiões circunvizinhas à Praça da República, e que já havia um debate incipiente sobre as ações violentas desses grupos de ódio constituídos por *skinheads*.

---

[55] Meus sinceros agradecimentos à Regina Facchini, Vice-Presidente da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, que me recebeu em sua residência e foi muito simpática ao debater sobre este polêmico assunto inerente aos conflitos de grupos de *skinheads* contra *gays*, lésbicas, travestis e homossexuais paulistanos.
[56] Lacerda, Paula. **O Drama Encenado**: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2006, 149f.
[57] De acordo com o depoimento de D. P. N. (Processo Crime 052.00.000.431 – 8, fl. 253), os homossexuais costumam se encontrar em bares localizados em ruas próximas à região central da cidade de São Paulo, como a Rua Vieira de Carvalho, Praça da República, Rua Santo Antônio, Rua Treze de Maio/Bairro Bela Vista.
[58] Processo Crime 052.00.000.431-8, fls. 252 – 256.

No entanto, Facchini (jul. 2007) ressalta que a morte de Edson Neris e a ampla difusão deste fato na mídia estimularam, na Associação GLBT de São Paulo e em grupos de gêneros afins, discussões a respeito dos crimes de ódio cometidos por grupos contra homossexuais.

Esse movimento interno dos grupos GLBT foi responsável por lapidar, com mais precisão, no interior das associações, o conceito de *homofobia*. Facchini (jul. 2007) salienta que a aversão aos homossexuais congregada no conceito de *homofobia* é algo culturalmente construído, e que permanece como idéia fixa na mente de grande parte dos segmentos sociais brasileiros. A *homofobia*, vista desta maneira, alimenta agressões tanto simbólicas, no campo das representações, como violências corporais que, muitas vezes, acabam sendo letais.

Por se tratar de grupos sociais que se opõem violentamente contra homossexuais e pessoas com gêneros distintos[59] o fato da morte de Edson Neris deu maior força de afirmação às manifestações grupais dos homossexuais contra grupos discriminatórios de intolerância. Abriu-se, deste modo, espaço para mostrarem publicamente, em manifestações, o direito humano de serem diferentes, e de contestarem valores machistas e tradicionais de grande parte de segmentos sociais que, mesmo não se postando de forma violenta como os *skinheads*, sustentam culturalmente essas agressões por desprezarem o direito dos diferentes gêneros viverem bem, e desses grupos GLBT manifestarem suas singularidades de pertencimento no social através de expressões corporais que destoam dos padrões biológicos clássicos.

Regina Facchini (jul. 2007) disse que o fato de se tratar de um grupo discriminatório que atacou e matou um homossexual permitiu a articulação e afirmação perante a sociedade e opinião pública das identidades e propostas desses gêneros, que compreendem os anseios tanto dos representantes como dos membros vinculados às instituições GLBT. No entanto,

[59]A referência metodológica sobre a categoria "gênero" utilizada na Dissertação pautou-se em orientações e nos textos da Prof.ª Dr.ª Lídia Maria Vianna Possas, que concebe a categoria "gênero" como possível de ser utilizada para diferenciar os sexos como construções culturais elaboradas socialmente, e não determinadas biologicamente. Logo ter um corpo masculino e assumir funções e papéis femininos está dentro da perspectiva da cultura do gênero, a exemplo dos textos POSSAS (1999, 2001, 2004, 2006, 2007), bem como nas discussões realizadas no Grupo de Pesquisa/CNPq intitulado "Cultura e Gênero", liderado por Lídia M. V. Possas.

ressaltou que, além desse crime de ódio deflagrado contra homossexuais, existem diversos outros crimes localizados e cometidos individualmente, praticados por “clientes”, e que ocasionam a morte de homossexuais, e que não são noticiados pela imprensa falada e escrita.

Esses crimes, de acordo com Facchini (jul. 2007), são objetos de estudos acadêmicos. Frisa que, além do machismo e sensação de superioridade apresentada por pessoas que têm relações sexuais com homossexuais, o sentido da ação violenta dessas pessoas que cometem crimes individualizados de ódio contra este gênero se dá pelo fato de, corriqueiramente, o homossexual ter um poder aquisitivo mais elevado do que seu “cliente”. Esta situação cria certo desconforto que, atrelado aos valores individuais dos sujeitos que se posicionam com um ar de superioridade na relação, contribui para a ação criminosa contra os homossexuais.

Este clima de aversão com relação aos homossexuais, reunidos em torno do conceito de *homofobia*, e a discriminação dos gêneros diferentes que se diferenciam dos padrões biológicos clássicos, masculino/feminino, pode ser apreendido em representações construídas, até mesmo, por pessoas próximas à Edson Neris, que, em depoimento, deram relatos negando as afirmações da grande imprensa quanto a homossexualidade da vítima dos *skinheads*, dizendo que Edson “[...] nunca teve nenhum desvio de conduta, tais como homossexualismo, como fora dito pela imprensa [...]”[60].

Este relato mostra certo constrangimento de pessoas próximas em aceitarem declaradamente à orientação sexual de Edson, bem como representa uma concepção individual que, no sentido utilizado por Ginzburg (1987) em seu trabalho “O queijo e os vermes”, aponta as formas de pensar de expressivo contingente da população que, ao sustentar suas condições biológicas de gênero, não conseguem aceitar o diferente como passível de existir e ser reconhecido como pessoas com direitos iguais garantidos por lei.

[60] Declaração de J. G. R., Processo Crime 052.00.000.431-8, fl. 179.

A partir deste diálogo com Facchini (jul. 2007), as representações negativas que expressivos contingentes da população possuem a respeito de gêneros diferentes, e as práticas violentas manifestadas individualmente ou em grupo contra homossexuais, travestis e lésbicas, expressam as permanências de pensamentos discriminatórios, que enxergam os sexos masculinos e femininos como, na expressão de Linda Nicholson (2000), uma espécie de "porta-casacos" de identidades, nos quais os corpos são vistos como tipos de cabides de pé em que são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos as personalidades e comportamentos que as pessoas deveriam incorporar para serem identificadas como sendo do sexo masculino ou feminino, correspondendo, assim, com a sua determinação biológica.

O pensamento predominante na cultura da sociedade brasileira é responsável por lapidar uma construção social codificada em torno da distinção masculino/feminino, que incluem construções de representações sobre as características, personalidades e comportamentos determinados pelo sexo, e que separam os corpos femininos dos corpos masculinos. A construção desses dois gêneros binários cria saberes sociais como modelos de sexualidade apresentados como sendo estáticos, e expressam formas de corporalidades e expressividades que as pessoas deveriam assumir de acordo com sua genitália. Afirmam-se, deste modo, as maneiras de ser biologicamente inerentes aos sexos masculino/feminino como referências materiais da identidade e do caráter humano que a sociedade deveria se enquadrar.

Esta forma de pensar que ocupa as mentes de diversos segmentos sociais elege o biológico como a base sobre a qual os significados culturais são construídos, e ainda concebem o fisiológico como um "dado" no qual as características específicas são "sobrepostas", um "dado" que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais. Esta visão de que constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais, certos padrões de comportamento, e de que tais constantes sociais

associadas à determinações sexuais não podem ser transformadas, cunham o determinismo biológico; determinismo este que reforça preconceitos nas relações sociais entre gêneros.

A tendência a pensar em identidade sexual como algo dado biologicamente, básico e comum entre as culturas é, na sociedade brasileira, muito poderosa. Esse modo de pensar e distinguir o masculino/feminino cria estereótipos culturais de personalidade e comportamento, e reforça formas culturalmente variadas de se entender o corpo. Neste sentido, a noção bissexuada de corpo masculino/feminino predomina como idéia fixa na mente de grande contingente de pessoas, e constituí-se em termos altamente dúbios expressos através das corporalidades que exteriorizam, ou deveriam exteriorizar, uma forma binária de sexualidade.

Nota-se que este determinismo biológico que pressupõe toda uma influência direta nos comportamentos e linguagens corporais dos sexos masculino/feminino encontra-se como permanência cultural presente na subjetividade de diversos segmentos sociais que reforçam, mesmo que na esfera cultural, formas de agressividade e virilidade que são levadas às últimas conseqüências por grupos discriminatórios que compartilham desses mesmos valores, mas que, no entanto, os extravasam na forma de violência física, muitas vezes letal, a não aceitação grupal ou individual desses gêneros que destoam das determinações biológicas.

Os *skinheads* que compartilham formas extremadas de determinismo biológico, que levam as últimas conseqüências as suas condições de virilidade e agressividade, e que investem nos seus corpos como manifestações do poder individual e grupal, modelando-os através da ginástica, dos exercícios, do desenvolvimento muscular, da prática de artes marciais e da exaltação do belo corpo, expressam, como diz Foucault (1979), “[...] a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos [...]”, (p.146).

A materialidade do poder presente na corporalidade dos *skinheads* quando associada as suas convicções e valores que concebem os homossexuais da seguinte maneira: “[...] quanto aos homossexuais preferíamos que fossem isolados para que nossos filhos não

cresçam presenciando esta anomalia [...]”[61], produz uma reação que se manifesta, em determinados momentos e territorialidades, de maneira agressiva contra pessoas que não se enquadram nos padrões biológicos, comportamentais e gestuais correspondentes aos sexos.

Se no caso do Estado Republicano o interesse é proteger o corpo da sociedade, de um modo quase médico, através de receitas terapêuticas e métodos de assepsia como exclusão dos delinqüentes, a eliminação dos criminosos, a punição dos bárbaros e a exclusão dos “degenerados” por meio de medidas biopolíticas, no cotidiano este poder se transforma e cria suas próprias regras de convivência e esterilidade social. O efeito de investimento do corpo pelo poder produz corporalidades grupais cotidianas que constituem *micro-poderes* que atuam em territorialidades específicas, e que produzem suas próprias regras e métodos de assepsia, pois, ao considerar os homossexuais como anomalias e, portanto, pessoas “degeneradas”, esses se transformam, na visão dos *skinheads*, em pessoas passíveis de serem eliminadas.

Os conflitos sociais expressam, deste modo, as correlações de força presentes entre grupos diversos que se manifestam como *micro-poderes* no cotidiano da sociedade paulistana, e reafirmam suas formas de sociabilidade e pertencimento na concretude da realidade social através de suas corporalidades, gestualidades, comportamentos e padrões de caráter distintos, responsáveis por transformar o cotidiano paulistano em palco de conflitos entre gêneros. Esses conflitos reabrem debates sobre o determinismo biológico que distingue o masculino do feminino, e que está presente na cultura da sociedade brasileira, não abrindo espaço para as vozes e manifestações das outras expressões corporais e comportamentais; bem como suscita debates sobre os *micro-poderes* cotidianos e seus métodos assépticos que produzem suas próprias regras e receitas terapêuticas de eliminação dos considerados “anormais” e “degenerados”, entrando em rivalidade com as leis estatais de proteção do corpo social.

---

61 Carecas do Ceará In: Protesto Suburbano, 1999; n.º43.

O diálogo com Facchini (jul. 2007) nos permitiu captar quais as reações da Associação GLBT diante deste fato ocorrido na Praça da República em fevereiro de 2000, mas, também, nos instigou a pensar sobre as razões culturais que estão presentes na mentalidade de expressivo segmento social, e que alimentam as violências de gênero, quanto os papéis sexuais prescritos são violados. Acreditamos que a abordagem e reflexão sobre essas questões permitem apontar para o debate mais detalhado das memórias, subjetividades, tradições culturais rearticuladas e, portanto, inventadas, pensamentos e desejos que esses sujeitos possuem, e que liberam de forma agressiva contra pessoas de gêneros e corporalidades diferentes, em momentos e territorialidades nos quais as instituições punitivas do Estado não se encontram presentes.

As fontes que utilizamos até o presente momento, jornais, Inquérito Policial e entrevista com Regina Facchini, nos apresentam narrativas que constroem modelos de verdades, apontando sobre determinados comportamentos e experiências cotidianas dos *skinheads* “carecas do ABC” e “carecas do Brasil”. Foucault (2005) ressaltou que a própria verdade tem uma história, e que, em nossas sociedades, existem vários outros lugares onde a verdade se forma, onde vemos nascer certas formas de subjetividade e domínios do saber a partir dos quais podemos construir outras histórias, uma história externa e exterior da verdade.

Neste sentido, as outras fontes, pesquisas bibliográficas e *fanzines* produzidos pelos *skinheads*, nos permitiram adentrar em um outro mundo e desvendar outros aspectos do grupo,nos instigando à novas problemáticas, como, por exemplo: quem são realmente os *skinheads*? Quais suas origens e suas histórias? Quais são os seus novos grupos sociais? Quais os seus sinais diacríticos que os diferem das outras formas grupais de sociabilidade? Quais os seus pensamentos que se aproximam dos integralistas e da releitura e ressignificação grupal dos aspectos nacionalistas presentes no pensamento social? Essas são algumas das questões que levantamos e nos apontaram os muitos percursos a percorrer no decorrer desta pesquisa.

Capítulo II: A formação dos grupos de *skinheads* brasileiros: as tensões cotidianas, os conflitos sociais, as formações identitárias e as lutas por reconhecimento

Os primeiros grupos de *skinheads* se manifestaram na Inglaterra dos anos de 1960 como ato de rebeldia dos jovens da classe operária inglesa diante da crise econômica e social vivenciada pelo país, da introdução de novas tecnologias, da onda de desemprego e inserção de minorias étnicas. Essas minorias, por uma questão de sobrevivência, aceitavam trabalhar por salários não compatíveis com os tetos sindicais fixados pelos operários que possuíam uma história e trajetória tipicamente britânicos.

Os grupos contemporâneos de jovens organizados na forma de gangues começaram a se proliferar na Inglaterra por volta de 1950, e foram fortemente influenciados pela ampla disponibilidade de recursos existentes nos países de capitalismo hegemônico, que retomaram a "todo o vapor" o desenvolvimento econômico e industrial após 1945, com o fim da 2ª Grande Guerra. Esta circunstância favoreceu a geração jovem das "Décadas de ouro" com o aumento significativo da oferta de empregos, elevação da qualidade de vida e do poder de compra da maioria da população britânica, principalmente dos segmentos sociais ligados aos setores da classe operária[62].

A disposição de parte da juventude em não se enquadrar à instituição familiar e às instituições sociais reguladoras, associada a ampla disponibilidade de recursos oferecidos aos vários segmentos sociais pelo processo de ascensão econômica e industrial consolidado nos anos 50 e 60, e também pela possibilidade de uma onda democrática do pós guerra que permitiu aos jovens ingleses criarem múltiplas "culturas juvenis" compostas por práticas, costumes, valores, pensamentos responsáveis por lhes proporcionar identidades próprias.

[62] Costa, 2000; Abramo, 1994; Hobsbawn, 1995; Chavel, 2002.

Essas diversas manifestações iam de encontro aos padrões tradicionais do mundo burguês, a exemplo dos grupos da década de 1960 como os teddy-boys, rockers, *punks* e *skinheads*[63].

Helena Abramo (1994) diz que esses grupos possuíam certo tempo livre para se reunir em torno do lazer e de atividades de diversão, onde "[...] desenvolvem um estilo próprio de vestimenta, carregado de simbolismos, e elegem elementos privilegiados de consumo, que se tornam também simbólicos e em torno dos quais marcam uma identidade distintiva." (p.32).

As territorialidades e espaços de convivência e lazer constituíam locais de organização das manifestações e sistematizações das idéias dos diversos grupos de jovens. Essas reações radicais e claramente identitárias, aparentemente inexplicáveis, expressam a angústia de jovens que encontram dificuldades em adaptar-se aos padrões e valores emergidos quando entram em contato com o as obrigações da sociedade industrial ou, então, indicam as expressões corporais de grupos preocupados em projetar novas formas de sociabilidade alicerçadas na vontade de destruição da ordem social estabelecida por acharem que esta não mais lhes dá significado a vida. Esses grupos sociais manifestam em suas corporalidades e padrões de comportamento o sentido de liberdade e o horizonte de possibilidades estimulado no período posterior ao pós-guerra, que estimulou as articulações de grupos identitários.

Em fins dos anos 1960, início dos 1970, as conjunturas históricas e sociais dos países centrais do capitalismo foram marcadas por uma intensa crise econômica, imobilidade social, aumento dos índices de desemprego e pobreza, que produziu certa insegurança e desilusão nos jovens desta geração que não mais tinham possibilidade de projetar melhorias das suas qualidades de trabalho, elevação de salários e de seus padrões de vida, como tiveram os jovens das gerações anteriores, que se beneficiaram de um bom momento na economia e nas suas qualidades de vida. Essa circunstância desfavorável fomentou a reações de rebeldia e de busca de agrupamentos em torno de "identidades próprias" por parte de uma camada da população das gerações nascidas nos anos 50 e 60. Ao presenciar a impossibilidade de

[63] Costa, 2000 e Abramo, 1994.

ascensão social, tendo em vista a falta de perspectivas e garantias de ingressar no mercado de trabalho, esses jovens se revoltaram e organizaram manifestações violentas de rebeldia como os *skinheads*[64], como ocorreu na Alemanha do pós 1918 que reuniu conjunturas desfavoráveis que estimulou manifestações semelhantes de grupos que fortaleceram a ascensão do nazismo.

A entrada da economia capitalista mundial nas chamadas "Décadas de Crise"[65] nas quais um clima de insatisfação rondava esses países europeus, marcou mudanças de posturas e pensamentos de uma camada da juventude que, ao se defrontarem com um período de crise econômica e social no qual a introdução de novas tecnologias acompanhada por políticas neoliberais que visava o controle da economia pelo mercado, a contenção dos gastos públicos em projetos sociais, a contenção da entrada de estrangeiros nos países e influenciou também as políticas nas empresas que restringiram as oportunidades de emprego no mercado de trabalho, esses jovens começaram a se organizar em grupos radicais de tendência nacionalista no cenário urbano mundial, a exemplo dos *skinheads* ingleses. Buscaram defender bandeiras como a melhoria das condições de vida dos setores ligados à classe trabalhadora de seus países de origem, aumento das oportunidades de emprego no mercado, e assumiram, muitas vezes, posturas agressivas diante de minorias étnicas e segmentos estrangeiros por verem nesses imigrantes uma ameaça eminente aos poucos empregos disponíveis no mercado.

O período de crise econômica do final dos anos 60 forçou a iniciativa privada inglesa a investir na organização de um processo de reestruturação e modernização das indústrias nacionais sob novas bases tecnológicas, desenvolvendo a produção de mercadorias com a redução da quantidade de empregados nas fábricas. Essa ação prejudicou as empresas tradicionais e os empregos que essas proporcionavam, além de estimular a substituição de operários por máquinas e expulsar centenas de trabalhadores do interior das fábricas[66].

---

[64] Chavel, 2002; Hobsbawn, 1996; Costa, 2000; Abramo, 1994.
[65] Hobsbawn, 1996.
[66] Costa, 2000 e Hobsbawn, 1996.

Esse processo de inovação tecnológica das indústrias afetou, principalmente, os setores mais frágeis da classe operária. Alguns desses segmentos sociais reagiram através da articulação de grupos radicais que lançavam ações violentas e agressivas diante da maciça entrada de minorias étnicas e imigrantes no país, considerando-os como uma "ameaça externa" aos empregos dos trabalhadores considerados tipicamente ingleses[67].

Esses focos de racismo alicerçado pelo ressurgimento da idéia de "grandeza nacional" e cultural no imaginário da sociedade inglesa, abriram espaço ao fortalecimento de partidos de extrema-direita, a exemplo do *National Front*. Esses partidos articulavam seus discursos por meio de propagandas contra imigrantes em defesa dos cidadãos britânicos, com a invenção da idéias de afirmação da sua cultura, de sua raça e sua nação, discursos que iam ao encontro das aspirações populares de expressivos segmentos britânicos tradicionais e grupos radicais.

Tanto os grupos de *skinheads* ingleses dos anos 60, quanto os "carecas do subúrbio" brasileiros dos anos 80, surgiram em um momento problemático de crise econômica e social que acabou atingindo a maior parte dos setores mais frágeis do operarido e gerou um espectro de medo e insegurança. Esse clima alimentou o surgimento de grupos sociais e partidos políticos radicais de tendência nacionalista, que encontra certa "base social" e ideológica nas reivindicações operárias do momento e, também, no resgate de tradições culturais que retomavam mitos como o de "grandeza nacional" e "classe operária tradicional".

Hobsbawm (1996) diz que a combinação de depressão com uma economia maciçamente projetada para expulsar cada vez mais mão-de-obra humana cria certa tensão nas políticas e sensação de desorientação, insegurança e perda das referências políticas de grande parte da população. Essa combinação abre espaço para o fortalecimento de partidos políticos e grupos radicais que sustentavam posições protecionistas, nacionalistas e, muitas vezes, xenófobas, diante da maciça imigração de trabalhadores e minorias étnicas. Resgata-se,

---

[67] Costa, 2000; Hobsbawn, 1996; Vizentini, 2000.

deste modo formas políticas discursivas como a demagogia nas eleições de uma liderança pessoal, defesa de medidas nacionalistas e hostilidade frente aos estrangeiros.

Os *skinheads* ingleses assumiam um visual constituído por características próprias dos operários, como calças com suspensórios, botas e jaquetas, cabeça raspada. Procuravam passar uma imagem de jovens que adotavam um estilo "limpo", e pretendiam orgulhosamente reafirmar suas origens proletárias de trabalhadores que sofriam as agruras da crise econômica e social do período. Assumiam uma postura de operários agressivos e truculentos, puritanos, chauvinistas, machistas e considerados como anti-socialistas, nacionalistas e antiimigrantes.

Tendo em vista o fato dos diversos estilos culturais adotados pelos diferentes grupos de jovens estarem de maneira genérica associados a algum tipo de música, como nos chama a atenção Abramo (1994), os skinheads ingleses assumiram, inicialmente e até mesmo de uma forma paradoxal, alguns elementos e valores culturais dos negros, tendo como ponto de referencia os gostos musicais, como o *reggae* vindo da Jamaica, e outros componentes culturais dos *rude-boys* Esses elementos musicais foram, como nos mostra Costa (2000), adotados pelos *skinheads* dos anos 60 como características constitutivas da sua identidade grupal. Esses primeiros *skinheads* britânicos passaram a ouvir sons famosos como o *reggae* de Bob Marley e o estilo de música *ska* de Laurel Autken e, também, *Desmond Dekker*, *Prince Buster*, *The Skatellites*, *The Ethiopians*, *The Upsetters*, dentre outras bandas[68].

No entanto, com a corrosão dos valores tradicionais da classe operária inglesa, a transformação nas fábricas e indústrias e introdução de novas tecnologias que afetaram todos os segmentos da sociedade inglesa, o crescente "aburguesamento" do futebol e dos locais de lazer em geral, seguido pelas mudanças ideológicas ocorridas no *reggae* que não mais fazia concessões à classe trabalhadora branca da Inglaterra por se tornar um "canal de expressão" dos problemas sociais e políticos específicos dos negros que ocupavam os guetos urbanos,

[68] Os primeiros *skinheads* ingleses por não terem, no início, um estilo de música própria e por terem contato com estrangeiros da Jamaica, adotaram, contraditoriamente, os sons do *reggae* e *ska* como expressões musicais.

acabaram formando um conjunto de fatores que, articulados em um mesmo momento histórico, produziram o refluxo momentâneo dos *skinheads* ingleses no cenário urbano.

Aproveitando o clima social de desemprego, caos e falta de perspectivas dos jovens neste momento com o aumento da violência presente na Inglaterra em meados dos anos 1970, houve o lançamento da banda *Sex Pistons*[69] e produziu uma verdadeira revolução com a introdução do *punk* no *rock*. Neste momento, os *Sex Pistons* passaram a ser os porta-vozes da crise econômica e insegurança social vivida pela sociedade britânica, mostrando as novas atitudes culturais e políticas defendidas por grupos sociais radicais que estavam se apresentando de maneira ativa no cenário urbano conflituoso da Grã-Bretanha. As expressões desta banda tinham a intenção de chocar a opinião pública com suas ações e letras radicais, acompanhadas por uma gestualidade e cênica corporal com tons de agressividade simbólica que representava certa violência real dos jovens por romperem com os padrões tradicionais aceitos pela sociedade.

Com a entrada em cena, no final dos anos 70, do estilo *new wave*[70] elaborado por alguns grupos *punks* que colocavam em primeiro plano os interesses comerciais ao produzir músicas e artigos de consumo visando à comercialização e sendo absorvidos pelo mercado mundial, começou a eclodir vários conflitos e mudanças de posturas que desembocaram em um combate desta vertente no início dos anos 80.

O combate foi adensado por uma ala considerada mais politizada e consciente dos *punks* e, também, por grupos de *skinheads* ingleses, que, sob o lema *Punk not Dead* popularizado pela banda escocesa *The Exploited*, propunham produzir um novo estilo de música que reorganizasse os grupos marginalizados em torno de um mesmo estilo musical, a

---

[69] Os *Sex Pistols* foi uma banda *punk* inglesa que influenciou gerações de jovens com seu estilo musical agressivo, que correspondia aos anseios e manifestações de rebeldia das gerações da década de 1970.
[70] O estilo *new wave* encontra-se em nota explicativa abaixo quando referimo-nos a inserção do estilo no Brasil.

música Oi![71].O som Oi! surgiu como alternativa musical para promover a união dos *punks*, *skinheads* e jovens desempregados em torno de um estilo musical mais combativo, contra a tendência mais comercial das músicas *new wave*.

A vinculação de uma parte dos *skinheads* ingleses à extrema-direita foi estimulada pelo surgimento, por volta de 1975-1976, de novos *skinheads* que se apropriaram das características e valores dos fundadores desta forma identitária, ampliando-as através da introdução de novas expressões ideológicas e políticas. Essas novas maneiras de pensar alicerçavam-se em idéias declaradamente neonazistas e racistas e, por serem patriotas e levarem as últimas conseqüências à defesa de posturas chauvinistas, acabavam entrando em constantes conflitos com os *punks*, principalmente os que criticavam as tradições britânicas.

Embora haja clareza sobre a relação de alguns segmentos dos *skinheads* britânicos com idéias neonazistas e racistas, e da ligação de alguns grupos com partidos políticos da extrema-direita, há a necessidade de estabelecer distinções entre a pluralidade de facções que integram os *skinheads*. A intenção é captar as especificidades e vivências concretas existentes no interior desta forma de organização social heterogênea, na busca de realizar uma análise mais pontual que consiga dar conta de apreender as singularidades e diferenciações presentes nos múltiplos grupos existentes nas diversas regiões do mundo. Esses grupos, por serem heterogêneos, sustentam posições que se aproximam da extrema-direita (neonazistas), da extrema-esquerda (*redskins*), dos anarquistas ou idéias que apenas lembram o nacionalismo.

Percebemos, portanto, a necessidade de conduzir nossa análise através da utilização de um olhar mais minucioso que nos aproxima de uma visão hermenêutica de modo à captar a pluralidade de sujeitos em temporalidades distintas, no sentido sugerido por Maria Odila da Silva Dias (1998), e grupos que compõem os *skinheads* na Inglaterra, como em outros países onde essas formas de manifestação tiveram espaço para sua organização, a exemplo dos

[71] O estilo de música Oi! foi organizado na Inglaterra devido os anseios dos *punks* e, principalmente, *skinheads* em ter um canal de expressão das suas idéias e manifestações de pessoas marginalizadas através da música.

skinheads brasileiros. A proposta de realização de uma pesquisa empírica e atenta aos fragmentos documentais nos possibilitou perceber as várias nuanças contidas nas formas específicas de idéias defendidas pelos grupos de *skinheads*, e permitiu chamar a atenção para o fato de que nem todos os *skinheads* se declaram como neonazistas.

2.1. Cenário urbano conflituoso e o surgimento dos *skinheads* "carecas do subúrbio"

No Brasil, as influências das primeiras informações sobre os *punks* e, em menor medida, dos *skinheads* britânicos, tiveram efeito a partir de 1977 através de discos, revistas especializadas, jornais, entre outros meios de circulação de informações. Os vários setores ligados à imprensa investiram na apropriação de informações e disseminação de imagens homogêneas imbuídas de pré conceitos sobre esses grupos sociais em caráter internacional.

A organização dos grupos *punks* e *skinheads* no Brasil correspondem ao final do período do Regime Militar que, desde 1964, inaugurou uma fase de crescimento relativamente longa através do investimento em planos políticos e econômicos, o chamado "milagre brasileiro", que permitiu ao Brasil alcançar vários êxitos no parque industrial e na área econômica nos anos que vão de 1968 a 1973. Embora nesta época o poder de compra dos trabalhadores ter reduzido devido à compressão salarial e concentração de renda, o impacto e comoções sociais neste momento de acentuado desenvolvimento econômico foram atenuados diante da expansão das oportunidades de emprego com o aumento dos setores industriais que permitiram absorver um número maior de pessoas por família urbana, e possibilitou, em seu conjunto, o aumento da renda familiar e um espectro de *esperança* na sociedade brasileira.

No entanto, o período de forte crise do Regime Militar chamado "distensão", anos 1978 e 1979, marcou o início do clima de *frustração* e insatisfação dos segmentos sociais

diante do período de profunda crise econômica e social brasileira. A crise foi representada pelos movimentos mais combativos do campo e das cidades, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (Contag), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) influenciada pela Igreja Católica, a rearticulação das forças sindicais em novas bases organizativas e a greve dos metalúrgicos e dos professores que reivindicavam principalmente o reajuste salarial que não acompanhou os índices de inflação manipulados pelo governo nos anos de 1973 e 1974.

Este período de medo e insatisfação popular foi agravado no ano de 1979, quando Figueiredo assume o governo e lança um novo pacote de medidas econômicas que colocou o país em um período relativamente longo de recessão, produzindo a fuga dos investimentos internacionais seguidos da falência de indústrias pesadas situadas nas regiões mais industrializadas do Brasil por volta dos anos de 1981 a 1983, como nos pólos industriais de São Paulo que se encontravam nas regiões com fortes traços operários da Zona Leste e no ABC paulista, locais onde surgiram as primeiras manifestações dos "carecas do subúrbio"[72]. Mannhein (1964) diz que no momento em que há a desintegração das instituições sociais reguladoras, as personalidades das pessoas comuns não mais aceitam o controle exercido pelo poder institucional, ocorrendo, consequentemente, a desintegração do comportamento e a invenção de novos padrões de personalidade. Neste sentido, em um período como o Brasil no final dos anos 1970, início dos 1980, em que tão pouco firmes se encontravam as instituições reguladoras da conduta social e da moral da população devido os primeiro choques sociais oriundos da crise econômica e inflação que gerou uma sensação de insegurança no homem da rua, houve o surgimento de respostas de vários segmentos sociais que buscavam alguma instituição política ou social que os oferecesse certa segurança ou, então, tentavam se

[72] Costa, 2000; Fausto, 1996 e os *fanzines* Protesto Suburbano, Consciência Oi!, União e Atitude Zine, Brasil Oi!, Marcha Nacional, que constituem conjunto de produções textuais repletos de imagens, símbolos e signos com significados específicos atribuídos pelos seus produtores, que circulam como informativos entre os vários grupos de *skinheads* "carecas do Brasil". Nesses *fanzines* as lideranças escritoras desses informativos divulgam os acontecimentos cotidianos, as festas de confraternização com bancas Oi! das várias regiões brasileiras, as campanhas realizadas pelos "carecas" como ações em prol da coleta de agasalhos para serem distribuídos entre as pessoas carentes, que permite a circulação de idéias e comunicações entre os grupos de "carecas do Brasil".

aglutinar em agrupamentos sociais que os proporcionasse o fortalecimento das suas identidades próprias ou das novas formas identitárias como reação diante do cenário urbano conflituoso emergido como produto da problemática crise sócio/econômico.

Neste contexto, o cotidiano da Grande São Paulo passou a ser marcado por um cenário conflituoso ocupado pelos grupos identitários de jovens que sustentavam corporalidades que ganhavam força de evidência nas imagens e simbologias em forma de tatuagens e nos adereços sustentados pelo corpo como signos que davam identidade ao grupo, manifestando a maneira como queriam ser vistos na relação contrastiva com o outro, e as gestualidades e expressões corporais que reforçavam os seus padrões de comportamentos, suas idéias e as práticas sociais divergentes, responsáveis por transformar as ruas paulistanas e cidades circunvizinhas em palcos de conflitos onde expressavam suas relações cotidianas de poder.

Abramo (1994) diz que o cotidiano das territorialidades paulistanas estava ocupado pela presença de diversos grupos juvenis articulados em torno de estilos de vida espetaculares, cujas diferenciações se davam através da música, da roupa e de adereços, das posturas e dos comportamentos no lazer. Os primeiros grupos foram os *punks*, seguidos por roqueiros (metaleiros ou *heavy*), "carecas", *darks*, rastafáris, rappers, dentre outros[73].

A construção de uma análise mais pontual dos "carecas do subúrbio" na qual seja apreendida a realidade complexa e as tensões e conflitos presentes na história cotidiana de formação deste grupo exige, primeiramente, a abordagem do surgimento dos grupos *punks* no Brasil. O processo de organização de determinada parcela de jovens em torno do grupo apresentado como "carecas do subúrbio" que passaram a se identificar com as posturas dos primeiros *skinheads* ingleses passa, antes, pelos grupos de *punks* da Zona Leste e ABC.

[73] Ver imagens do Hip Hop, *heavys* e *Anarco punks* nas páginas 80, 81 e 82.

Os setores ligados à imprensa estimularam, no final da década de 1970, início de 1980, a expansão do estilo *punk* no Brasil, principalmente entre os vários adolescentes e jovens que residiam nos subúrbios e bairros pobres de São Paulo e noutros centros urbanos do país. No Brasil havia a projeção de certa descrença pela grande imprensa quanto à possibilidade de inserção do *punk* na cultura brasileira, considerando-os como pura "curtição" de jovens facilmente cooptados e incorporados pela "cultura de massa" e "indústria da moda"[74].

Com a intensificação das aparições e manifestações dos *punks* no cenário urbano da Grande São Paulo, acompanhado pela maior difusão do estilo musical *punk-rock* da banda *Sex Pistols*, a imprensa começou a produzir reportagens a respeito desses grupos sociais. Nessas matérias jornalísticas esses jovens eram apresentados como pessoas que assustam e agridem a sociedade por romperem com costumes e valores tradicionais, e sustentarem formas subversivas de violência anárquica, uso de drogas, agressões e desregramentos sexuais que vão de encontro a moral conservadora e bons costumes aceitos pela maior parte da sociedade.

Com vistas a romper paradigmas explicativos pautados em macro-análises que consideram somente grandes movimentos sociais de massas revolucionários ligados ao operariado como passíveis de análise científica,buscou-se em nossa pesquisa captar os traços culturais que compõem as formas identitárias dos grupos de "carecas do Brasil",. Com o "olhar dos míopes", no sentido posto por Possas (1999)[75], foi possível apreender a concretude e complexidade cotidiana dos sujeitos inseridos no processo de modernização/modernidade, observando as pulsações dos movimentos sociais em distintas formas de inserção e expressão.

---

[74] De acordo com Márcia Regina da Costa (2000), enquanto os *punks* da Europa eram representados como jovens que buscavam se expressar através do insulto, da violência, do descrédito aos valores democráticos e vinculados à partidos políticos de extrema-direita, no Brasil as manifestações de rebeldia desses jovens eram vistas como algo temporário. Neste momento a grande imprensa estava investindo na construção de interpretações negativas que classificavam esses vários fenômenos sociais como puro "modismo" influenciado pela indústria cultural ou como expressões de um protesto cético de jovens desencantados com as questões e rumos da sociedade.

[75] Ver POSSAS, L. M. V. **Cultura e identidade na globalização**: olhando com o olhar dos míopes. Cadernos da Ffc, Marília, v. 8, p. 175 - 190, 1999.

Buscamos, portanto, nos desvencilhar da visão sociológica mais tradicional responsável por produzir interpretações distorcidas e pré concebidas dos movimentos sociais contemporâneos, no esforço de mostrar a necessidade de tornar possível a captação da dinâmica social e histórica na qual esses sujeitos estavam imersos. Este esforço nos permite criar brechas teóricas para compreender fenômenos juvenis como diversas respostas específicas de segmentos sociais preocupados em projetar uma reação e intervenção com caráter de rebeldia diante de períodos singulares com conjunturas problemáticas em crise.

O *punk* encontrou um terreno fecundo nos subúrbios da grande São Paulo, onde a violência e ausência de perspectivas dos jovens fizeram com que se aproximassem de padrões sociais não aceitos pelos costumes tradicionais da sociedade brasileira, e difundidos na mídia. Essa postura de jovens rebeldes aproximou os *punks* das atitudes da banda inglesa dos *Sex Pistons*, que atraíram esses segmentos da juventude suburbana da Grande São Paulo que se identificavam com o modo agressivo de expressão simbólica e com as práticas sociais violentas dos grupos *punks* estrangeiros. Essas ações com conotações de violência corporal correspondiam com o meio social e locais conflituosos onde esses jovens estavam inseridos.

Com as pressões dos segmentos populares e da força das representações negativas da mídia sobre esses *punks* apresentados como jovens transgressores e despreocupados quanto aos problemas sociais e rumos políticos do país, houve uma mudança de postura por parte de uma parcela dos *punks* que se preocuparam em organizar uma sociabilidade mais politizada como resposta diante das pressões da sociedade e dos setores ligados à grande imprensa.

Entre os anos de 1978 a 1982, lideranças que atuavam na região metropolitana de São Paulo tentaram utilizar os *fanzines* bandas e debates com a imprensa para congregar os *punks* em torno de uma organização social mais bem estruturada denominada por eles como “movimento punk”. Esses *punks* se preocuparam em fundamentar seus discursos em pensadores do anarquismo, afastando-se do niilismo anárquico, com caráter violento, da

agressão como forma de expressão corporal, e do uso da suástica como símbolo utilizado pelos primeiros *punks* com o significado de apontar para a necessidade de destruição do sistema, a exemplo das atitudes dos integrantes da banda britânica dos *Sex Pistons*.

Esta mudança de posturas e pensamentos exerceu influências por gerar tensões e conflitos entre os grupos *punks*, e fomentou algumas ambigüidades e contradições e a formação de um cenário urbano conflituoso envolvendo os *punks* que circulavam na região metropolitana da cidade de São Paulo, denominados *punks da city*, defensores da necessidade de construir um movimento de revolta contra o Estado e sistema capitalista através da fundamentação teórica alicerçada nas idéias do anarquismo; com os *punks* que habitavam os subúrbios da Grande São Paulo, mais especificamente as regiões da Zona Leste e ABC, defensores da necessidade de reafirmar os valores e posturas agressivas predominantes nos anos 1970, e colocar em primeiro plano a articulação de ações mais ásperas e violentas diante de segmentos sociais aburguesados e da realidade considerada por eles como violenta.

Nos primeiros anos de 1980, o cenário urbano conflituoso da Grande São Paulo permeado por rixas entre os *punks da city* e os *punks* dos subúrbios, associado à união destes últimos com alguns "carecas" dos territórios da Zona Leste e ABC paulista, abriu espaço ao surgimento de novos atores sociais constituídos por jovens provenientes dos segmentos operários. Esses, ao aproveitarem o período de contradições, divergências de posturas e tensões ocorridas no interior dos grupos *punks*, articularam a formação de um grupo singular apresentado com o nome de "carecas do subúrbio", e reunido em torno de uma forma identitária própria composta por certa agressividade corporal e incorporação de novas idéias.

As conjunturas históricas de crise econômica e social mundial abriram espaço para a formação de várias gangues ou "tribos urbanas", como ressalta Michel Maffessoli (1989) em seu livro "O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa", como os grupos de *skinheads* ingleses que ganharam maior visibilidade no cenário internacional nos

primeiros anos da década de 1980, após terem se envolvido em uma série de manifestações violentas que chamaram a atenção dos setores ligados à imprensa britânica e internacional.

Esses conflitos urbanos ocorridos na Inglaterra ganharam maiores destaque em julho de 1981, momento no qual foram produzidas manchetes com a acusação dos *skinheads* ingleses serem os responsáveis pelo cenário de caos e confrontos urbanos do momento, pelo fato de serem entendidos pela imprensa como racistas, intolerantes, xenófobos, que constituíam elementos violentos organizados como "verdadeiras tropas de choque"[76] articuladas e facilmente manipuladas pelos partidos de extrema-direita, que lançam propostas de se oporem politicamente à entrada de minorias étnicas e estrangeiros no país.

No momento em que os confrontos envolvendo os grupos de *skinheads* britânicos contra estrangeiros eram focalizados pela imprensa, no Brasil, por volta de 1981 e 1982, a problemática residia no conflito interno dos grupos *punks*. Com a difusão do estilo *new wave* no país e a distensão dos *punks*, houve o fortalecimento do primeiro grupo de *skinheads* "carecas do subúrbio" enquanto ala radical do *punk* que surgiu nos subúrbios de São Paulo.

Os "carecas do subúrbio" se apresentavam como reação e oposição diante da eclosão do *new wave*[77], e reafirmava os valores e idéias agressivas que retomavam as práticas dos *punks* da década de 70 que se apresentavam de forma violenta na sociedade por acreditarem que essas ações faziam sentido na realidade complexa e conflituosa na qual estavam inseridos.

De acordo com Sánchez-Jankowski (1997),

> [...] geralmente as gangues surgem em comunidades de baixa renda onde há escassez de recursos. Assim, quem é criado nesse meio aprende que é preciso ser agressivo para garantir esses recursos: caso contrário outros deles se apossarão. Esse processo de socialização leva as pessoas a agir de modo

[76] Ver Vizentini, 2000, p.19.

[77] De acordo com a análise de Janice Caiafa (1985) em seu livro "Movimento punk na cidade. A invasão dos bandos sub.", o *new wave* pode ser entendido como a possibilidade da assimilação do punk pela moda, pela mídia, pela sociedade de consumo que o levaria a sua morte, a exemplo da vertente bastante expressiva que surgiu no cenário punk brasileiro do início dos anos 80 e que gerou vários conflitos e reelaboração de posturas por parte dos diversos grupos sociais que faziam parte deste estilo alternativo de vida. Podemos, portanto, considerar o "new wave" como a maximização da despreocupação e da diversão individual dos jovens em detrimento da ausência total de questionamento e crítica social gerado pela apropriação de tudo o que a indústria cultural e da moda investe e divulga como artigos de consumo por excelência.

> particularmente preconceituoso para com as demais e a empregar toda a força possível para garantir ou manter uma posse ou um objetivo. Assim, o membro de uma gangue, tanto quanto os demais moradores desses meios sociais, usa da violência para alcançar objetivos individuais. (p.32).

Esta citação que diz que a violência das gangues e dos moradores suburbanos pode ser relacionada e entendida pelo fato desses sujeitos estarem inseridos em um meio social marcado por dificuldades econômicas e problemas cotidianos de convivência, lança luz à apreensão dos argumentos que sustentam os comportamentos violentos dos "carecas do subúrbio". Esses *skinheads* tentam justificar que adotam posturas agressivas e se afirmam socialmente através da violência por serem "duros como a realidade", e por residirem em um ambiente social conflituoso no qual estão presentes problemas como roubos, drogas, tráficos, brigas de rua e onde predomina no imaginário das pessoas a idéia da "lei do mais forte".

Os "carecas do subúrbio" se identificaram com os comportamentos dos *skinheads* ingleses, que transmitiam radicalidade com a agressividade e violência real e simbólica de suas ações, e na ênfase dada ao nacionalismo e visual tipicamente operário, acompanhado pelo corte careca que, originalmente, tinha o sentido de manter a higiene corporal do grupo.

Esses sujeitos resolveram "adaptar o estilo" à realidade social singular do Brasil através do investimento na formação de um grupo social *skinhead* apresentado com o nome de "carecas do subúrbio" que, por viverem em um ambiente social, cultural, étnico e histórico particularizado, acabaram adotando e recriando os valores e pensamentos dos *skinheads* estrangeiros por meio do confronto com seus componentes culturais específicos. Este trabalho de apropriação e ressignificação acabou permitindo aos "carecas do subúrbio" a produção de "uma cópia bastante original"[78] ao estabelecer diferenciações frente a alguns pensamentos e posturas defendidas pelos grupos de *skinheads* ingleses mais noticiados na grande imprensa.

No momento em que as informações dos *skinheads* britânicos tiveram maior repercussão no Brasil, os "carecas do subúrbio" criaram outros canais de comunicação

[78] Utilizamos como referencial teórico e metodológico a historiadora Lilia Mortiz Schwarcz (1998).

apresentados como *fanzines*. Os *fanzines* contribuíram para a formação de uma rede de informações entre os vários sujeitos integrantes deste primeiro grupo de *skinheads* brasileiro que, ao se diferenciarem de algumas projeções e representações construídas pelos setores da grande imprensa, investiam na elaboração de imagens próprias na tentativa de privilegiar alguns componentes singulares que conferiam os sinais identitários próprios do grupo.

Os *fanzines* foram eleitos pelos grupos como meio de difusão de informação muito utilizado pelos *skinheads* brasileiros para estabelecer debates e discussões sobre as formas identitárias dos grupos no Brasil, as gestualidades que expressavam agressividade, as polêmicas, contradições e conflitos diante dos grupos *punks* e, principalmente, suas diferenciações diante dos *skinheads* internacionais. A utilização dos *fanzines* constituiu, portanto, um veículo muito importante de definição e reelaboração das posturas do grupo, de suas representações e ressignificações que se modificavam frente às pressões da mídia.

Os "carecas do subúrbio" editores dos *fanzines* podem ser considerados os integrantes mais bem informados que ocupavam um papel ativo de destaque no grupo, pelo fato de se encarregarem do trabalho de apropriação de informações e novidades dos *skinheads* internacionais presentes no material oferecido pela grande imprensa e, também, da realização de um trabalho de interpretação, adaptação e ressignificação deste conteúdo de acordo com as características e particularidades históricas inerentes à "nação brasileira". Isso constituiu estratégias de comunicação utilizadas pelo grupo para criar códigos próprios e atualizados na tentativa de disseminar para todos os membros dos agrupamentos uma imagem singular.

Para lançar luz à compreensão da questão abordada por nós sobre a apropriação e ressignificação dos componentes culturais dos *skinheads* ingleses e a concomitante criação de códigos reguladores que aglutinam os indivíduos em torno de uma identidade grupal internamente aceita, refletimos sobre alguns elementos presentes na definição de gangue elaborada por Sánchez-Jankowski (1997, p.28-29). As gangues podem ser consideradas como

uma forma de organização societária em que se torna indispensável à criação de certa interação social dirigida por uma estrutura de lideranças com papéis bem definidos, na qual a "autoridade" dos indivíduos ligadas a estes papéis é tão legitimada que os códigos sociais elaborados por eles tem a intenção de regular, tendendo para uma certa homogeneidade, tanto os pensamentos e comportamentos dos sujeitos que possuem papéis de destaque no grupo, como membros de bandas, quanto aqueles indivíduos que compõem a coletividade grupal.

Os sinais diacríticos que diferenciavam os "carecas do subúrbio" dos outros grupos sociais se aglutinam em torno das posturas de agressividade e violência, simbólica e real, as idéias pouco estruturadas de nacionalismo, os tipos de vestimenta com calça, camiseta e suspensórios que lembravam à imagem dos típicos operários, o "corte careca", a afirmação da origem de classe e das características operárias expressas em seu meio social, Zona Leste e ABC paulista[79], que possui elementos que reforçam a representação operária desses grupos, apesar de não serem ligados realmente à classe operária[80], expressam valores típicos dos trabalhadores de um modo geral, como a busca de dignidade através do trabalho, o respeito e reconhecimento social buscado por terem que trabalhar para sobreviver, ênfase nas condições de virilidade, defesa dos explorados e desempregados, crítica as políticas econômicas postas em prática pelo Estado e a auto-afirmação diante da sociedade por meio do uso da violência.

Paralelamente a preocupação dos *punks* da cidade em construir um movimento mais politizado, os "carecas do subúrbio", em 1982, estavam pensando em articular uma forma de organização social e elaborar, ao nível do discurso e das representações, uma imagem de agrupamento de jovens sérios provenientes dos segmentos operários.

---

[79] José de Souza Martins (1992) em seu livro intitulado **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha, retrata os princípios do nascimento da classe trabalhadora na região de São Caetano, que reforça no imaginário da população atual a sensação de pertencimento dos moradores desta região como fazendo parte da história de formação dos bairros, da cidade e da classe operária, por esta territorialidade ser repleta de ambientes que lembram este aspecto fabril.

[80] Nas Qualificações presente no Processo Crime n.º 052.00.000.431-8 os *skinheads* identificados possuem vínculos empregatícios de segurança, office-boy, ajudante de despachante aduaneiro, inspetor, vendedor, que são profissões ligadas ao setor terciário, vinculados à prestação de serviços e não a classe operária em si..

Esses jovens eram representados como fortes e violentos e que reagiam desta forma pelo fato da sociedade também ser violenta, consideravam-se nacionalistas, conscientes, preocupados com o "destino do Brasil", não alienados, sem vícios e empenhados em buscar a dignidade e "inserção social" por meio do trabalho[81]. Isso cria uma imagem deles próprios que os diferenciassem dos grupos *punks*.

A tônica dos discursos dos *skinheads* "carecas do subúrbio" leva-nos à pensa-los como um grupo de jovens que adotam ao mesmo tempo posturas sérias inerentes ao modo de vida e valores do mundo dos adultos como a preocupação com o trabalho, ênfase na disciplina e responsabilidade no desempenho das funções nas esferas da vida, defesa de papéis machistas que reforçam condições de virilidade difundidas dentre amplo segmento da sociedade, preocupação quanto aos problemas nacionais, sustentação de posições contrárias às drogas.

Por outro lado, os "carecas do subúrbio" podem ser vistos como sujeitos com posturas típicas da juventude e que, muitas vezes, se aproxima do estado de delinqüência ao deflagrar ações violentas contra minorias que não se enquadram em seus padrões de personalidade aceitos, a exemplo da comunidade gay brasileira; ou contra grupos que defendem práticas e pensamentos diferentes como os *punks*, os hippies; organização social na forma de gangues; utilização, como ocorreu no início do movimento, de símbolos malvistos socialmente como a suástica nazista; permitindo-nos observar as manifestações deste grupo como variando entre os valores do mundo adulto e os inerentes a condição juvenil dos seus membros.

2.2. Um olhar sobre os grupos de *skinheads* contemporâneos aos "carecas do subúrbio"

Ao voltar à atenção para os novos grupos de *skinheads* mais recentes e atuantes, que surgiram no cenário urbano das várias regiões do Brasil após o aparecimento dos "carecas do subúrbio" em 1982, apresentamos as suas idéias, tipos de representação, práticas sociais e

[81] Ver imagens que retratam as posturas violentas, patrióticas e proletárias em anexo nas páginas 83 e 84.

novas estratégias de ação criadas por esses grupos, bem como apontamos, com o auxílio de Geertz (1989), os signos e símbolos que agem como agentes aglutinadores na formação das teias de significados presentes nas formações identitárias desses grupos de "carecas do Brasil". Demonstramos, também, as simbologias e sinais diacríticos que fazem parte dos elementos diferenciadores e antagônicos desses grupos, responsáveis por estabelecer certa distância e, até mesmo, divergência de posturas e uma série de conflitos físicos e de maneiras de pensar entre os grupos que compõem o heterogêneo conceito de *skinheads* brasileiros.

Atualmente há significativo aumento da utilização da Internet como novo instrumento estratégico de divulgação dos valores e pensamentos defendidos por esses grupos que compõem os skinheads brasileiros. A Internet consiste em um dos veículos de comunicação mais utilizado principalmente pelos "carecas do Brasil" que são grupos que sustentam posições semelhantes às defendidas pelos "carecas do subúrbio"[82] e "carecas do ABC".

Existe, no entanto, sinais diacríticos que diferenciam os *skinheads* "carecas do Brasil" dos *skinheads white power*, bem como signos e símbolos imbuídos de significados que atuam como agentes catalisadores que singularizam e aproximam os atores sociais que integram as diversas sociabilidades dos *skinheads* denominados genericamente de "carecas do Brasil"[83].

Os grupos de "carecas do Brasil" expressam em seus discursos a aproximação e simpatia ao pensamento da Ação Integralista Brasileira (AIB), cujo principal lema centrava-se nos dizeres "Deus, Pátria e Família"[84], além desses sujeitos serem mais maleáveis quanto a adesão à partidos políticos de tendência nacionalista, a exemplo dos novos núcleos partidários

---

[82] Informações obtidas pelo site dos carecas do Brasil através do e-mail carecasdosuburbio.brasil@gmail.com

[83] Denominamos genericamente os *skinheads* "carecas do Brasil" por se tratar de vários grupos que possuem valores parecidos, que se assumem como "carecas do Brasil", mas que, no entanto, possuem nomes particularizados de acordo com a região em que estão localizados, a exemplo dos "carecas do subúrbio", região da Zona Leste de São Paulo, "carecas do ABC", região do ABC paulista, "carecas do Ceará", estado do Ceará.

[84] Rosa Maria Feiteiro Cavalari é professora de Filosofia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro, desde 1989, licenciada em Filosofia pela Pontifício Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), mestra em Educação (Filosofia e História da Educação) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutora em educação (História e Filosofia da Educação) pela Universidade de São Paulo (USP), além de escritora do livro "Integralismo": ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999 (CAVALARI, 1999).

contemporâneos que fazem uso do pensamento integralista da década de 30, reinventando-o de acordo com as conjunturas históricas e a dinâmica posta pelo momento presente[85].

O Integralismo possuí, ainda hoje, força de representação como permanência de modelo de nacionalismo na mente de segmentos sociais, e influencia núcleos espalhados pelo Brasil com a participação de vários integrantes remanescentes de 1930 e 1940, que preservaram em suas mentalidades o pensamento estabelecido pela doutrina integralista brasileira, cujos principais idealizadores foram Plínio Salgado e Gustavo Barroso e que, atualmente, contam com inovadores instrumentos de organização política que investem na apropriação de recursos tecnológicos contemporâneos para reviverem e ressignificarem o Integralista de 1930 de acordo com a dinâmica histórica e social do momento presente[86].

Outra diferenciação que deve ser levada em consideração, consiste na constatação de que os indivíduos identificados como dos grupos de "carecas do ABC" e "carecas do subúrbio" encontram-se localizados nas regiões periféricas da Grande São Paulo, mais especificamente nas regiões da Zona Leste e ABC paulista.

Os integrantes dos grupos de "carecas do Brasil" encontram-se distribuídos nas diversas cidades do país, principalmente as de grande e médio porte como Porto Alegre, Campinas, Ribeirão Preto, Campo Grande, Baixada Fluminense, e nos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Espirito Santo, Recife, Ceará, Bahia, como em outras regiões do nordeste e do Brasil, assumindo nomes identitários de acordo com as territorialidades em que estão organizados[87].

---

[85] Entrevista com a Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Costa, PUC/SP, 19/02/2003.

[86] A relação entre os novos núcleos de integralistas e os "carecas do Brasil" será mais detalhada em capítulo posterior, em que os argumentos dos "carecas" vão ser relacionados com as idéias do Núcleo Integralista SENE. Como fontes POSSAS, L. **O Trágico Três de Outubro**: estudo histórico de um evento. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1993. 198 p.; CAVALARI, R. M .F. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: EDUSC, 1999; Grupo de Pesquisa/CNPq Cultura e Gênero.

[87] Como fontes os *fanzines Protesto Suburbano* números 29, 38, 41, 43, 45, 46, 47, 48, entrevista com a Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Costa, PUC/SP, 19/02/2003 e Costa, 2000.

Neste ponto, nos deteremos à discussão da premissa encontrada na literatura empenhada em pesquisar o tema relacionado às gangues, centrada na visão em que esses agrupamentos estão associados a um determinado território físico específico, utilizando a análise de Sánchez-Jankowski (1997). Nesta o autor coloca o ponto fraco desta interpretação como sendo a dificuldade de formular uma apreensão mais precisa do tipo de território que cada uma dessas organizações sociais delimitam como campo para manifestar suas ações.

Sánchez-Jankowski (1997) entende que, apesar das gangues agirem como "tribos" e definirem um território físico singular como espaço onde os seus integrantes residem e se interagem cotidianamente, esses grupos coexistem com outras formas identitárias de associação que se encontram na mesma territorialidade e defendem diversos pensamentos e ações que, muitas vezes, divergem das idéias defendidas pelos "carecas do Brasil".

A defesa dos valores, posturas perante os outros grupos, crenças grupais em manter uma corporalidade saudável se afastando do uso de drogas, potencializadas com a prática de exercícios físicos como musculação, jiu-jitsu, Muay Thai, boxe, constituem elementos que estabelecem uma teia de significados que dá força de afirmação do *eu* grupal dos grupos "carecas do Brasil" perante os *outros*. Esta identidade do próprio eu dos *skinheads* "carecas do Brasil" se reforça quando entram em relações de poder antagônicas e conflituosas com as múltiplas formações sociais que circulam nas mesmas territorialidades, a exemplo dos encontros com os *punks*, homossexuais, políticas partidárias de esquerda, dos defensores de posturas políticas alicerçadas no sindicalismo e, também, com o mercado de drogas[88].

Os territórios físicos da Grande São Paulo onde os "carecas do subúrbio" e "carecas do ABC" se encontram correspondem às regiões da Zona Leste e ABC paulista. No entanto, seus componentes e valores catalisadores que integram o pensamento e identidade própria dos sujeitos membros desses grupos fundamentados em propósitos que exaltam o patriotismo, os

[88] Como referências CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação, política e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2001; GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

aspectos que apontam para a defesa de idéias nacionalistas, a retomada de reivindicações trabalhistas dos segmentos da classe trabalhadora e da construção de representações de que eles próprios são operários[89], delimitando um campo de atuação social estruturado em torno de valores considerados por eles centrais da classe como a aspereza, o machismo, a ênfase em preservar suas condições de virilidade e a busca da dignidade através do trabalho, acaba permitindo aos integrantes desses grupos articularem ações específicas diante da realidade social na qual estão inseridos, e buscar ampliar sua capacidade de convencimento e aceitação social, com vistas a arregimentar novos adeptos que se identifiquem com suas idéias.

O campo de atuação das práticas e, principalmente, dos valores e idéias dos "carecas do subúrbio" teve aceitação social e dimensão ampliada, e repercutiu na formação de outros grupos de *skinheads* que sustentam posições e idéias semelhantes em outras territorialidades brasileiras. O dinamismo social dessas idéias ganhou maior dimensão quando os primeiros *skinheads* utilizaram *fanzines* e bandas com estilo de música Oi! para divulgar suas crenças.

Deste modo, consideramos que, embora os "carecas do subúrbio" possam ser reconhecidos como uma forma de organização social singular com características próprias que delimitam como espaço físico de localização o território específico da região da Zona Leste paulista, as formas de pensamento e sustentação de idéias que tendem ser nacionalistas, a defesa dos valores de grupo considerados virtuosos como a sustentação das condições de virilidade e a disciplina na execução das funções nas esferas da vida, principalmente a relacionada ao trabalho, os costumes e práticas sociais, as definições e reelaborações de posturas e pensamentos do grupo extravasam o espaço geográfico de localização e atuação regional específica dos "carecas do subúrbio" através da utilização dos *fanzines*, escritos e os eletrônicos, presentes em páginas virtuais construídas pelos integrantes do grupo na Internet.

Este processo de difusão dos valores e pensamentos dos "carecas do subúrbio" se dá por meio dos *fanzines*, encontros de confraternização, estilo musical manifestado pela música

[89] Apesar de a pesquisa ter revelado que os *skinheads* "carecas do Brasil" não serem realmente operários.

Oi!, correspondências através de cartas, construção de *sites* de difusão de idéias do grupo espalhados pela Internet que acabam criando uma rede de comunicações e um campo estratégico de difusão de informações muito mais amplo, que rompe com as dimensões sociais estabelecidas pelo território físico. Possibilita aos grupos a consolidação de uma rede nacional de relações e trocas de informações com as outras formas de associação dos *skinheads* defensores de posturas semelhantes que se encontram nas diversas territorialidades do país, e permite a atualização e reinvenção das idéias dos grupos e a consolidação de uma dinâmica social que tende a tecer um conjunto de componentes catalisadores de integração.

Os pontos semelhantes existentes entre os "carecas" apontados acima possibilitou que pensássemos na configuração desses elementos como signos e símbolos catalisadores utilizados por esses grupos sociais, que buscam construir teias de significados e simbologias que reforçam seus pensamentos e alicerçam as suas diversas práticas cotidianas peculiares. Estas se manifestam com o propósito de consolidar uma rede de relações e estimular a aglutinação dos seus membros em torno da composição de formas específicas de organização.

Alguns dos elementos culturais são comuns entre os grupos "carecas do subúrbio", "carecas do ABC" e "carecas do Brasil", e constituem elementos e sinais centrípetos responsáveis por aglutinar esses agrupamentos em torno de uma ampla identidade grupal capaz de proporcionar a conservação de certa coesão interna entre esses grupos de *skinheads*.

Esses grupos de "carecas do Brasil" tendem a defender idéias que lembram posturas nacionalistas, concepção de Estado e nação forte e centralizado como única solução que deve ser tomada para resolver os problemas sociais de todos os brasileiros, sustentam posições e bandeiras de defesa como a proteção da Amazônia, aumento dos investimentos públicos no setor militar com o propósito de consolidar um exército nacional forte e bem equipado do ponto de vista bélico, fundamentado na idéia das possibilidades reais de defesa diante de ataques dos países fronteiriços, o fim das privatizações, oposição as transnacionais e

multinacionais que, de acordo com os integrantes desses grupos, exploram os brasileiros e os privam de adquirir melhor qualidade de vida pelo fato de expropriarem suas riquezas, transferindo-as para as matrizes que se concentram nos países capitalistas hegemônicos[90].

Os "carecas do subúrbio", "carecas do ABC" e "carecas do Brasil" defendem em sua concepção nacionalista uma vaga idéia de que o fortalecimento das indústrias e economia nacional centralizada seria capaz de criar um efetivo bem estar aos brasileiros, e garantiria o emprego para todos os cidadãos que integram a sociedade civil brasileira. Estabelecem, desta maneira, manifestações como oposições ferrenhas às políticas fundamentadas nos princípios do neoliberalismo por essas fragilizarem a soberania nacional ao estabelecerem o "liberalismo econômico" e a não intervenção do Estado na economia e em gastos com projetos sociais; além da oposição aos políticos considerados corruptos pelo fato desses permitirem a entrada do capital estrangeiro e especulativo no Brasil, fornecendo incentivos aos processos de privatização de setores estatais comprados por grandes investidores internacionais.

Os "carecas do subúrbio" e "carecas do Brasil" podem ser considerados, utilizando Paul Hockenos (1995, p. 24)[91], como defensores de uma forma de sociabilidade fundamentada na idéia de "nacionalismo cívico" entendida por nós como sendo a defesa de um projeto de Estado e de nação concebido enquanto conjunto de indivíduos reunidos em torno de uma gama de características étnicas e culturais diferentes, vivendo integrados em um mesmo Estado alicerçado na democracia constitucional e direito jurídico concedido apenas aos cidadãos nacionais que abrange, também, a igualdade jurídico/civil de todos perante a lei, e reforça a idéia de soberania nacional frente aos demais Estados-nações do mundo.

---

[90] Como fontes documentais a entrevista com a Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Costa, PUC/SP, 19/02/2003; *fanzines* Protesto Suburbano, Consciência Oi!, União Atitude Zine, Marcha Nacional, e o livro de Costa (2000).
[91] Ver HOCKENOS, Paul. **Livres para odiar**. São Paulo: Scritta, 1995.

A aceitação por parte dos grupos dos “carecas do subúrbio”, “carecas do ABC” e “carecas do Brasil” de mestiços, negros e povos de outras etnias em seus respectivos grupos, partindo da defesa do argumento de que a sociedade brasileira é composto por uma ampla diversidade étnica e cultural demonstra a proximidade do conceito de “nacionalismo cívico” proposto por Hockenos (1995), embora não descarte a possibilidade de, por ventura, esses grupos compostos, também, por afro-descendentes agredirem negros e mestiços[92] pelo fato desses não fazerem parte de sua formação identitária, como ocorre frequentemente com os *skinheads* que, muitas vezes, encontram-se em situações de adversidade radical e violência física e simbólica direcionada contra alguns agrupamentos e minorias sociais, a exemplo da “comunidade gay” brasileira, ataques aos *punks* e pessoas com outros estilos corporais.

2.3. Garotas *skinheads*: corporalidade, gestualidade e inserção nos “carecas do Brasil”

Os “carecas do Brasil” reforçam em sua corporalidade e expressões simbólicas um perfil masculinizado, traduzido na sustentação de condições de virilidade, culto ao corpo e exercícios de musculação e estilização corporal que os dão a conotação de agressividade ao visual grupal e os auxilia a exercer seu poder com violência contra minorias sociais que se desviam desses padrões e princípios identitários conservados pelos *skinheads* em questão. Apesar da defesa de um perfil corporal masculino e a preservação de condições de virilidade, há a aceitação de mulheres no interior dos grupos dos “carecas” com a condição de que essas se disponham a adotar os signos que conferem identidade própria e singular ao grupo.

As garotas dispostas a ingressarem nos grupos de “carecas do Brasil” devem estar em sintonia com as idéias fundamentadas em posturas nacionalistas, comportamentos baseados na ostentação de certa agressividade real e simbólica com o culto ao físico e a exercícios de

[92] Intervenção do Prof.º Dr.º Luis Antonio Francisco de Souza (UNESP/Marília) que, junto a Prof.ª Drª. Maria Cristina Wissenbach (USP), participaram da Banca do Exame de Qualificação no mês de Setembro de 2007.

ginástica, aceitação de símbolos grupais como tatuagens em forma de teias de aranha, arames farpados, bandeiras do Brasil acompanhadas com mastros em forma de machadinha que constituem um conjunto de imagens, signos e símbolos muito freqüentes entre os integrantes desses grupos, e dão significado às suas formas identitárias de pertencimento no social[93].

As recomendações para as moças presentes nos *fanzines* são mais notáveis através das representações e nas imagens construídas pelos *skinheads* produtores desses informativos, em que são apresentadas, ao lado dos homens, como moças companheiras com vestimentas e corporalidades agressivas, corte de cabelo careca, símbolos que as integram aos grupos de "carecas do Brasil", sempre apresentando estilos corporais e gestuais com conotações de violência simbólica, aproximando-se dos padrões corporais sustentados pelos homens[94].

Além disso, as garotas havidas em fazer parte dos "carecas" devem adotar o corte de cabelos curtos ou raspados e, também, os tipos de vestimenta que devem ser semelhantes às utilizadas pelos membros do grupo. Essa vestimenta caracteriza-se pelo uso de coturnos, saias acima do joelho ou calças jeans, suspensórios acompanhados por camisetas curtas e jaquetas[95], nos transmitindo uma imagem com traços de masculinidade quanto às suas representações nos *fanzines*[96], que também se manifestam nos papéis sociais ocupados por essas garotas no trabalho, que são, por exemplo, de segurança que retrata uma função considerada masculina[97].

---

[93] *Fanzines* Protesto Suburbano n.º 41, 43, 47; União Atitude Zine n.º 3; Consciência OI! n.º11 e Costa (2000).

[94] O companheirismo entre mulheres e homens nos grupos de "carecas" pode ser percebido nas imagens anexadas as páginas 86 e 87.

[95] O estilo corporal das garotas *skinheads* pode com gestualidades que possuem conotações de violência simbólica pode ser observado nas representações das imagens anexadas as páginas 88 e 89.

[96] Como fontes *fanzines* Protesto Suburbano n.º 41, 43, 47; União Atitude Zine n.º 3; Consciência OI! n.º 11.

[97] A *skinhead* "careca do ABC" E. A. P. B., 28 anos de idade, exerce a profissão de Segurança, e apresenta características corporais que a aproxima da identidade dos *skinheads*, Processo Crime 052.00.000.431 – 8, p.274.

De acordo com Sérgio Vinícius de Lima Grande (2001)[98], existe um número muito reduzidos de garotas que ingressam no universo dos “carecas do Brasil”. Dentre essas garotas, muitas utilizam cabelos curtos e coturnos como simbologias que as caracterizam como integrantes identificadas com os valores e comunidade de sentidos presente nesses *skinheads*. Algumas dessas garotas se dispõem a praticar artes marciais e se envolver em casos de violência cotidiana contra grupos sociais com formas identitárias que contradizem as dos “carecas do Brasil”, e nos demonstram que assumir o estivo de vida “careca” é não apenas se integrar ao grupo, mas assumir seus signos e símbolos que dão significado identitário aos integrantes desta forma de sociabilidade, sendo o corte careca um elemento fundamental.

A partir do momento que as pessoas, sejam elas homens ou mulheres, ingressam nos grupos de “carecas do Brasil” e se dispõem a adotar as formas de pertencimento e signos que estabelecem as teias de significados que amarram as identidades desses grupos, e assume o corte careca, os valores e convicções, bem como suas características vinculadas aos padrões estéticos de etnias diferentes, são deixados de lado, e a construção de outra identidade do eu singular no interior do grupo vai sendo construída, sendo o corte careca, o estilo de vida e a sustentação de uma corporalidade agressiva que se expressa como poder elementos centrais.

As garotas, de acordo com Lima Grande (2001), são sempre postas a prova pelos outros elementos do grupo ou pelas outras garotas se realmente possuem atitudes de “carecas”, se possuem certos comportamentos que reforçam a permanência delas no grupo. Os julgamentos dos comportamentos das garotas têm como parâmetro as atitudes dos homens “carecas” no seu cotidiano, nos espaços de sociabilidade e confronto com outros grupos.

Apesar de algumas garotas “carecas” aderirem totalmente aos valores e simbologias grupais e rasparem as suas cabeças como forma de manifestar seu pertencimento aos agrupamentos de *skinheads*, muitas das garotas que andam com os “carecas do Brasil” e

---

[98] Ver GRANDE, S. V. L. **Violência urbana e juventude em São Paulo**: um estudo de caso sobre os skinheads. Araraquara: Dissertação de Mestrado, 2001.

convivem com eles no cotidiano não se assemelham às representações presentes nos *fanzines*, de garotas com cabelos curtos ou raspados e vestimentas parecidas com a dos homens, como apreendemos nas fotografias presentes no Inquérito Policial[99]. Porém, alguns dos aspectos como a corporalidade e expressão facial agressivas puderam ser apreendidos nas imagens, em que uma das garotas assumiu-se como Segurança e apresentava estilo corporal que se assemelham as representações presentes nos *fanzines*, exprimindo o poder corporal do grupo.

2.4. Conflitos sociais e afirmações identitárias dos "carecas" e do Poder Branco

O momento de maior densidade de conflitos entre os múltiplos grupos de *skinhead*s e, também, entre esses grupos e setores populares, instituições sociais e partidárias de esquerda como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), foi nos últimos anos de 1980. Neste momento, os grupos dos "carecas" começaram a ser mais focalizados e colocados em evidência pela imprensa, jornais e revistas de maior tiragem[100].

Neste processo conflituoso, os "carecas do subúrbio", "carecas do ABC" e "carecas do Brasil" viram a necessidade de redefinir suas posturas através na reelaboração de suas idéias e afirmação dos seus valores e identidades através dos discursos diante da inserção de novos atores e grupos sociais que, provenientes dos segmentos médios da sociedade, ingressaram como *skinheads* no cenário brasileiro, e identificaram-se como *White Power* (Poder Branco). Esse grupo se pôs nos cenários urbanos das gangues paulistanas com manifestações que afirmavam pensamentos radicais, a exemplo da retomada de símbolos do nazismo como a suástica, a consideração do negro como primitivo, do nordestino como degenerado e do branco paulista como civilizado[101], atuando por meio de ações violentas de revolta como

---

[99] Ver Processo Crime 052.00.000.431 – 8, p. 274 – 275.
[100] Entrevista com a Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Costa, PUC/SP, 19/02/2003.
[101] Ver ALMEIDA, Alexandre. ***Skinheads***: os "mitos ordenadores" do Poder Branco paulista. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 2004.

respostas específicas frente às dificuldades enfrentadas por essa camada social no processo de modernização acelerada do parque industrial e desemprego crônico do final dos anos 1980[102].

A reelaboração das idéias e afirmações identitárias dos "carecas do Brasil" ocorreu pelo fato das atitudes radicais do grupo Poder Branco ter chamado a atenção da imprensa, que começou a evidenciar as manifestações dos diversos *skinheads* brasileiros como sendo todas de caráter neonazista, reforçando representações homogeneizadas desses grupos nas quais todos eram apresentados com o estereótipo de jovens violentos, neonazistas e racistas.

Os integrantes do grupo Poder Branco paulista se diferenciavam dos grupos de "carecas do Brasil" uma vez que se declaravam claramente como herdeiros das idéias nazistas, e reafirmavam com símbolos e signos como a suástica e Cruz Celta as teias de significados que conferiam identidade ao grupo. Preocupavam-se em afirmar práticas sociais que correspondiam com essas representações violentas, com ações fundamentadas posturas racistas que os conferiam a identidade de neonazistas, com sustentação de preconceitos sociais quanto outras etnias, a exemplo dos negros, e povos de outras regiões, como os nordestinos migrantes que se inseriram na cidade de São Paulo e provocou reações em 1980. Defendiam, a partir desses preconceitos, algumas idéias e mitos sociais que ordenavam suas práticas, como o mito da defesa da superioridade étnica e da hegemonia da raça branca paulista frente aos outros povos e minorias considerados por eles como sendo inferiores[103].

---

[102] Paralelamente ao surgimento dos novos atores sociais no movimento skinhead brasileiro defensores de posturas neonazistas e racistas apresentados com o nome de "White Power", observamos que no cenário mundial estava havendo a eclosão de intensos conflitos no conglomerado multinacional da região do Leste Europeu após a queda do muro de Berlim em 1989, podendo ser entendidos como manifestações deflagradas por movimentos extremistas, grupos de skinheads e por comunidades "etnicamente homogêneas" e defensoras da concepção de "nacionalismo étnico" alicerçado em uma ideologia que pressupõe práticas sociais racistas, de ódio étnico, expancionistas e revanchistas, além de confrontos entre uma população étnica majoritária contra minorias sociais que convivem em um mesmo espaço geográfico, contrariando, assim, as premissas de uma Europa democrática e unificada (HOCKENOS, 1995, p.13-35).

[103] Ver ALMEIDA (2004).

Os sinais diacríticos que singularizam os *skinheads* do Poder Branco paulista em comparação com os "carecas do Brasil" são fundamentados nos mitos reunidos e rearticulados na mente desses grupos que, utilizando Chartier (1990), são responsáveis por influenciar nas representações sociais presentes no imaginário desses atores cotidianos, e na orientação de suas práticas com conotações de violência na concretude da realidade social. Os sinais, símbolos e mitologias que singularizam os integrantes do Poder Branco paulista foram reunidos na pesquisa tendo como referência a Dissertação de Almeida (2004) [104].

O Poder Branco paulista qualifica, por meio de categorias, todos os sujeitos sociais e, a partir daí, buscam legitimidade nos mitos e nos aspectos inerentes a identidade grupal para colocar em prática suas ações sociais diante das outras pessoas. Os mitos políticos de supremacia racial branca, a secessão paulista e conspiração judaica constituem três criações imaginárias e representações inventadas que orientam as praticas desses sujeitos no cotidiano.

O primeiro mito ordenador do Poder Branco paulista é o da supremacia racial branca. É prática comum em veículos que divulgam informações, instituições sociais e no cotidiano popular a distinção dos acontecimentos envolvendo grupos entre "civilizados" e "bárbaros"[105], delimitando no senso comum noções de existência de indivíduos "superiores" e "inferiores". A noção de supremacia da raça branca é inventada pelo Poder Branco paulista para classificar hierarquicamente os grupos sociais considerados inferiores, categorizando-os pela cor da pele e pelas características corporais para justificar a eliminação dessas pessoas.

Por acreditarem que a raça a qual o indivíduo pertence exerce influência de determinação em seu padrão de comportamento e delimita as diferenças culturais, o Poder Branco paulista acredita que a miscigenação entre as raças promovidas entre as relações dos

---

[104] Nesta Dissertação intitulada ***Skinheads***: os "mitos ordenadores" do Poder Branco Paulista, Almeida (2004) realiza análise de seleto material sobre os *skinheads* integrantes do Poder Branco paulista, e constrói uma pesquisa fiel das formas de pensar e mitos defendidos pelo grupo acima qualificado, e faz uso de um olhar minucioso de pesquisador preocupado em analisar como esses sujeitos realmente pensam e quais as motivações subjetivas que os estimulam a agir de forma violenta contra outros grupos sociais. Para tanto, Almeida (2004) se afasta de pré-conceitos e considerações ideológicas que limitam a percepção da realidade concreta do objeto.

[105] Ver NOVAES, Adauto. (org.) **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

brancos com os negros e migrantes nordestinos é o fator preponderante responsável pela criminalidade, delinqüência, mendicância e todos os males existentes em uma sociedade. As presenças dos negros e nordestinos tidos pelo Poder Branco como inferiores são os fatores responsáveis pela degeneração física, cultural e, também, psíquica e mental do branco[106]. Com este argumento o grupo anula o outro como ser humano igual, e justifica sua violência.

O negro é apresentado pelo Poder Branco paulista como a imagem da raça que se encontra em estágio primitivo, que possui a incapacidade biológica de evoluir e atingir o grau de civilização da raça branca[107]. O Poder Branco paulista apresenta o negro como inserido na condição primitiva por possuírem características culturais e comportamentais inerentes à raça, e considera-o como indivíduo animalizado que se aproxima dos macacos e, pelo fato da escravidão ter acabado e o Brasil encontrar-se em um processo de modernização/modernidade dos seus setores industriais, o trabalho braçal dos negros não teriam espaço nessa sociedade.

A suposta inferioridade dos negros é reforçada pelo Poder Branco paulista através de artigos de revistas que pretendem se inserirem no meio social como científicas, apesar de não terem seus critérios de categorização biológico/social aceitos pela comunidade científica contemporânea. Reafirmam seus argumentos de que o negro possui uma debilidade intelectual de caráter genético que se faz visível em suas características físicas que o coloca em estágio inferior ao grau de desenvolvimento do branco, e o impossibilita viver em sociedade. Os integrantes do Poder Branco paulista dizem que os negros, por não terem capacidade intelectual de conseguir empregos nesta sociedade, acabam sobrevivendo da criminalidade.

O Poder Branco paulista projeta a figura do negro como o incapaz intelectualmente de se inserir socialmente devido sua condição biológica determinante que reúne características de inferioridade que o aproxima dos seres primitivos, e da associação com a imagem do criminoso e delinqüente responsável pelos problemas e ameaças a sociedade do branco. O

---

[106] Essas idéias se apóiam em autores da Europa ocidental do final do século XIX, como Gobineau e Lombroso.
[107] Ver imagem que elucida a afirmação dos negros como primitivos na página 90.

grupo apresenta como solução a reação da raça branca civilizada contra os bárbaros negros, através do uso da violência como forma de eliminação social desses sujeitos, com a crença que essas medidas, que se aproximam da idéia de limpeza étnica, seria a solução para combater os índices de criminalidade e construir um estado de São Paulo melhor para viver[108].

Outro mito inventado e presente no imaginário do Poder Branco paulista é o da imagem do nordestino como degenerado por estar sujeito à degenerescência do ser humano causada pela miscigenação entre duas raças consideradas como sendo inferiores pelos membros do Poder Branco, mistura entre os negros e os índios. Os nordestinos são, portanto, a representação emblemática construída por esses *skinheads* da escória social, e demonstram as conseqüências negativas da união entre pessoas de diferentes raças que, também, são retratados como invasores que migram à São Paulo e toma o espaço e empregos dos paulistas.

O Poder Branco paulista considera, portanto, os nordestinos como inferiores culturalmente por causa das suas associações genéticas e, também, pessoas invasoras que migram para o estado e cidade de São Paulo em busca de tomar os empregos dos paulistas, tornando-se uma ameaça econômica ao Estado por se tratar de pessoas degeneradas e propensas à criminalidade e, por isso, requerem atenção e maiores gastos por parte do estado. Além de sustentarem as imagens dos nordestinos apresentadas acima, o Poder Branco atribui aos nordestinos à transmissão de doenças sexuais como a AIDS, associando-os às práticas do homossexualismo e da prostituição como sendo os principais meios de transmissão da doença.

Ao associar os nordestinos com pessoas degeneradas e doentes, os integrantes do Poder Branco paulista os consideram como responsáveis pelo atraso do desenvolvimento do estado de São Paulo, pois o aumento da invasão dos nordestinos, considerados bárbaros, gradativamente degradaria, enfraqueceria e destruiria, de acordo com esses *skinheads* do Poder Branco, o corpo social sadio do estado de São Paulo composto por uma raça branca.

---

[108] O combate à criminalidade proposto pelo Poder Branco paulista pode ser observada na imagem da p. 91.

O branco é visto no imaginário do Poder Branco paulista como a imagem do civilizador, reafirmada com a figura do bandeirante, que, diferentemente das outras raças presentes no Brasil, promoveu o processo civilizatório de São Paulo com os europeus. Esses são responsabilizados por determinar a ancestralidade branca desses *skinheads*, e legitimarem o direito de agirem com ações violentas contra raças consideradas corrompidas geneticamente e inferiores, por essas colocarem em situação delicada o bem estar dos brancos civilizados.

Os idealizadores dos discursos do Poder Branco paulista estimulam seus iguais a reagirem contra a presença dos negros, nordestinos e miscigenados, através da violência física contra essas pessoas e de evitar contatos com sujeitos enquadrados nessas raças consideradas degeneradas, além de incentivarem a não prática de qualquer ajuda beneficente às pessoas de baixa renda, alegando que essas ajudas são canalizadas ao auxilia de negros e nordestinos, e que esse ato contribui para a permanência desses grupos sociais em solo paulista. Entendem, portanto, a necessidade de criar um espaço exclusivo e uma nova pátria aos paulistas brancos.

Para solucionar a complexidade da situação do problema racial inventado pelos *skinheads* vinculados ao Poder Branco paulista, cria-se a rearticulação do mito da Secessão Paulista como único caminho a seguir para evitar a degeneração do sangue branco com o contato com as raças consideradas por eles como inferiores, através de uma área de ocupação exclusivamente branca onde haveria garantia de qualidade de vida da raça branca paulista. Isso garantiria, na visão desses *skinheads*, a garantia que os recursos financeiros produzidos por São Paulo fossem somente investidos no estado, sendo revertidos para benefícios sociais e desenvolvimento econômico da "raça paulista" branca e com ancestralidade européia[109].

O Poder Branco paulista considera, porém, a figura do Judeu como principal opositor na construção da pátria paulista emancipada e composta pela raça branca, tão idealizada pelos *skinheads* deste grupo. Esses *skinheads* acreditam que o povo Judeu tem a intenção de

[109] Almeida (2004) ressalta que essas idéias separatistas reelaboram pensamentos da Revolução Constitucionalista de 1932, em que havia sátiras em relação aos nordestinos para afirmar a Secessão paulista.

dominar o mundo através do domínio econômico e, no Brasil, os controles do povo seriam realizados pela política, meios de comunicação e estímulo à miscigenação entre as raças. No imaginário do Poder Branco paulista, a grande imprensa brasileira encontra-se sob o poder do Judeu, que estimula a miscigenação como forma de desmobilizar a unidade branca paulista e, por meio do incentivo da mistura racial no estado de São Paulo, esses *skinheads* acreditam que a imprensa Judia atua como elemento que contribui sobremaneira na degradação da raça branca, enquanto os conspiradores judeus casam-se apenas entre si e fortalecem sua raça.

Consideramos que o Poder Branco paulista defende uma sociabilidade que pode ser considerada, utilizando as contribuições de Hockenos (1995, p.24-25), como fundamentada na idéia de "nacionalismo étnico" que pode ser entendida como a defesa de um projeto de Estado nacional, onde os direitos oferecidos pelos órgãos responsáveis por administrar politicamente o país não são legados de acordo com os direitos legislativos de cidadania oferecidos pelo Estado democrático ocidental, mas sim pelos privilégios adquiridos por meio de linhagens biológicas estabelecidas pela própria lei natural inerente a cada comunidade étnica ligada aos pensamentos de raça pura, superioridade étnica, grandeza nacional do branco paulista alicerçados em origens históricas de valores, costumes, culturas, e lingüísticas comuns.

Diferente do Poder Branco paulista, os "carecas do Brasil" reuniram em seus grupos aspectos próprios inerentes as especificidades étnicas e culturais do tecido social brasileiro, e ressignificaram as idéias dos *skinheads* ingleses para utilizá-las como elementos catalisadores de formação identitária dos grupos. Esses grupos aceitam negros, mestiços e povos de outras etnias no interior do grupo, e com isso os "carecas do Brasil" acabaram investindo em uma "ritualística local" (SCHWARZ, 1998, p.16) ao se apropriarem da particularidade étnica da composição social brasileira para alicerçar suas maneiras de pensar e seus aspectos nacionalistas de sociedade que, de acordo com eles, beneficiaria todas as "raças" brasileiras.

Apesar da aceitação de negros e mestiços na composição grupal dos “carecas do Brasil” não anular uma eventual agressão dessas etnias por parte desses *skinheads* por motivos que estão para além dos relacionados às suas características raciais e regionais, o fato de articularem narrativas nas quais há a afirmação da possibilidade de todas as etnias e povos que compõem o Brasil lutarem na construção de um país melhor para todos constitui fator que atrai e convence os jovens em buscar se unir em torno dessas formas de sociabilidade identitárias, que distinguem-se do Poder Branco paulista por não quererem ser associadas com as representações sustentadas por este grupo de serem neonazistas e racistas declarados.

O surgimento e repercussão do grupo Poder Branco Paulista no cenário urbano, as representações construídas pela grande imprensa e as pressões exercidas pelas instituições de coerção do estado de São Paulo fizeram com que os “carecas do Brasil” repensassem e rearticulassem seus valores, idéias, símbolos, signos e significados através da reelaboração dos seus discursos e posturas no final da década de 1980, na busca de apresentar nos *fanzines* uma associação identitária com idéias mais claras e reafirmadas com imagens de combate às ações neonazistas do Poder Branco. O surgimento do Poder Branco como outro seguimento que reivindicou o nome de *skinheads* estimulou os “carecas do ABC”, do “subúrbio” e os grupos de “carecas do Brasil” à reforçarem suas idéias essenciais que os distinguiam desses *skinheads* mais extremistas e neonazistas, reforçando suas identidades na relação contrastiva com a nova forma identitária desses novos *skinheads* declarados como Poder Branco.

O cenário complexo das gangues de *skinheads* paulistanos, principalmente com a entrada em cena de novos atores sociais com idéias mais radicais, claramente racistas, neonazistas e separatistas como o Poder Branco Paulista, fomentou ressignificações de discursos, simbologias e de seus significados por parte dos grupos de “carecas do Brasil”. Assim, o que se fez necessário no processo de pesquisa foi dar voz a esses sujeitos, buscar as *circularidades* de idéias e reinvenções identitárias de acordo com o surgimento desses novos

sujeitos no cenário paulistano, e o maior enfoque dado pela mídia a esses pensamentos racistas do Poder Branco, o que foi possível através das fontes *fanzines* nas quais os “carecas” mostraram a tentativa de se fazerem reconhecer como diferentes dos neonazistas.

o Heavy NÃO MORREU

Por André L. Mesquita

de heavy, que preferem ser chamados de headbangers (batedores de cabeça).

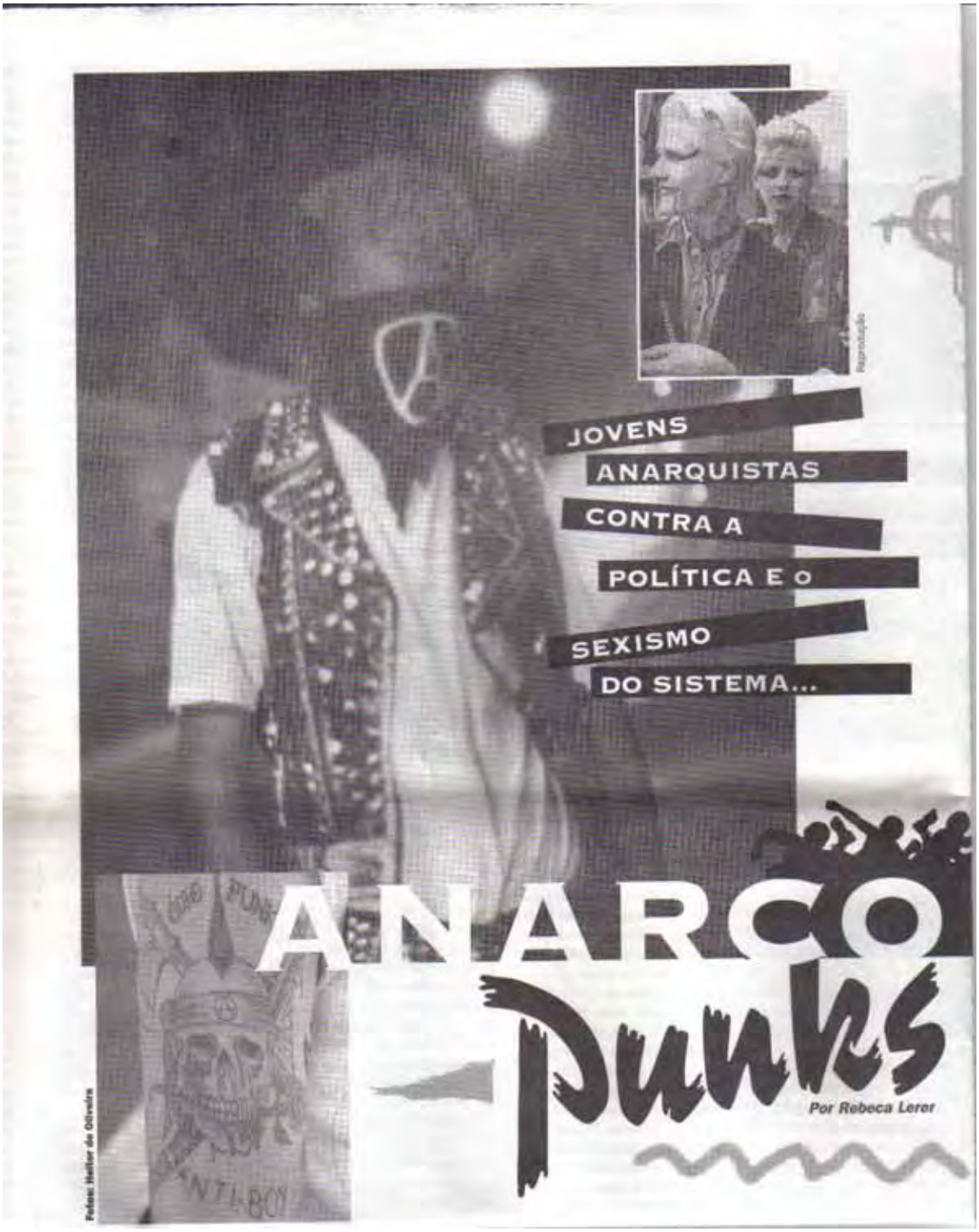
Nos anos 80, em São Paulo, as Grandes Galerias cediam espaço para os cabeludos. Os punks que ali frequentavam tornaram-se minoria, enquanto novas lojas de heavy metal surgiam. São Paulo também foi cenário importante para o metal. Bandas como Centúrias, Harpia, Korzus e outras fizeram a cena heavy em São Paulo tocando no Black Jack, no Dynamo ou no SESC. Posteriormente surgiram novas bandas, com destaque para o Sepul-

Aqui, algumas personalidades do Heavy Metal: Ozzy Osborne, Steve Harris, a banda AC/DC, o quarteto Kiss e o Beais and Butthead.

em dia,a mídia acha que o heavy metal é pejorativo e que é feio ser cabeludo. Porém,o pessoal que gosta de heavy vai morrer com isso."A verdade é que o estilo viveu o seu

exemplo) estourarem nas rádios e na MTV. Após esse boom o heavy metal aparentemente desapareceu dos olhos da grande imprensa, tornando-se um estilo underground. Porém, maior prova de que o heavy est vivo é o festival Monsters Rock de 1996, que reuniu apr

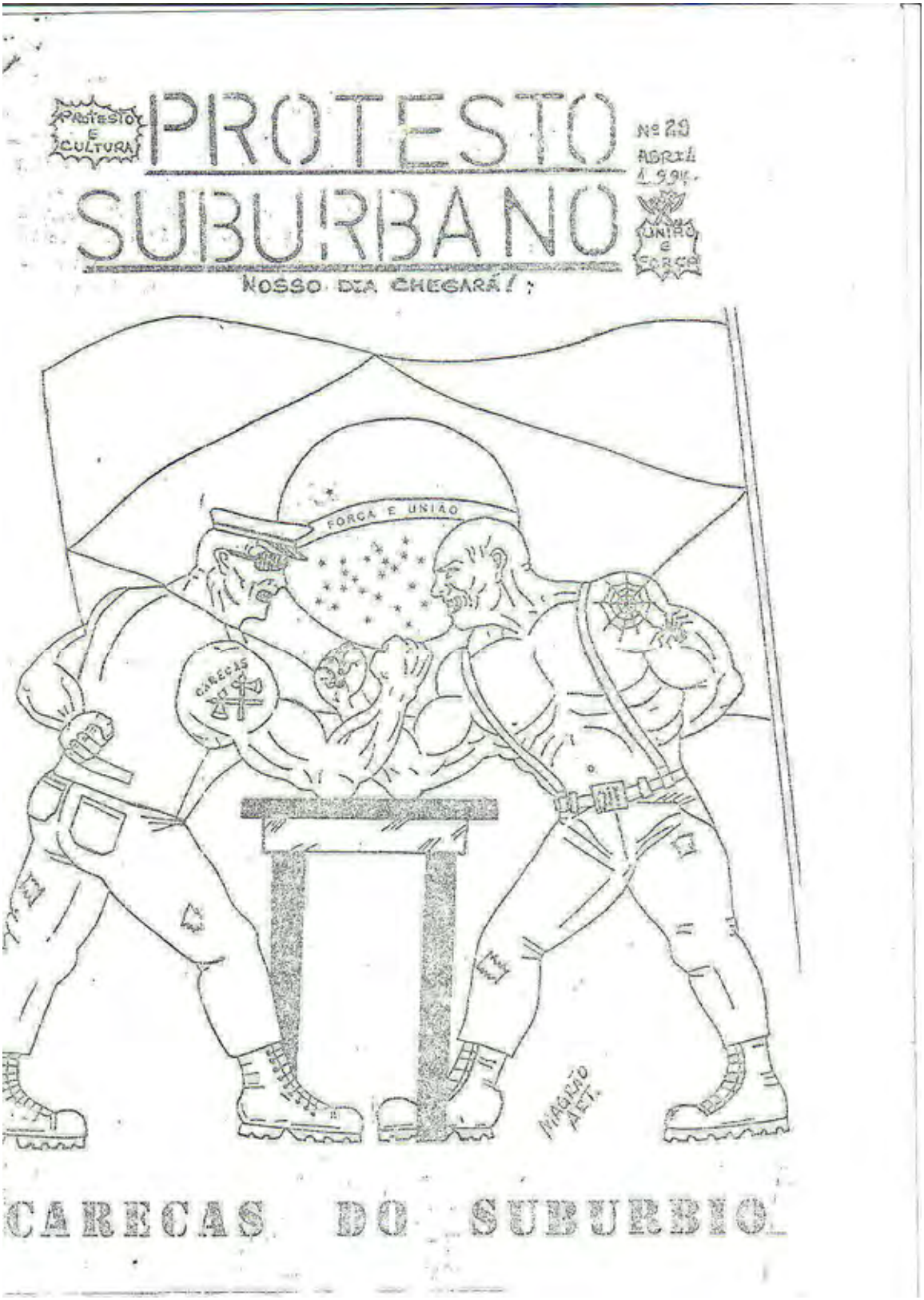
Como fonte Jornal Esquinas de S. P., p.11 e 14
Faculdade de Comunicação Cásper Líbero – Novembro de 1996 – n.º 11



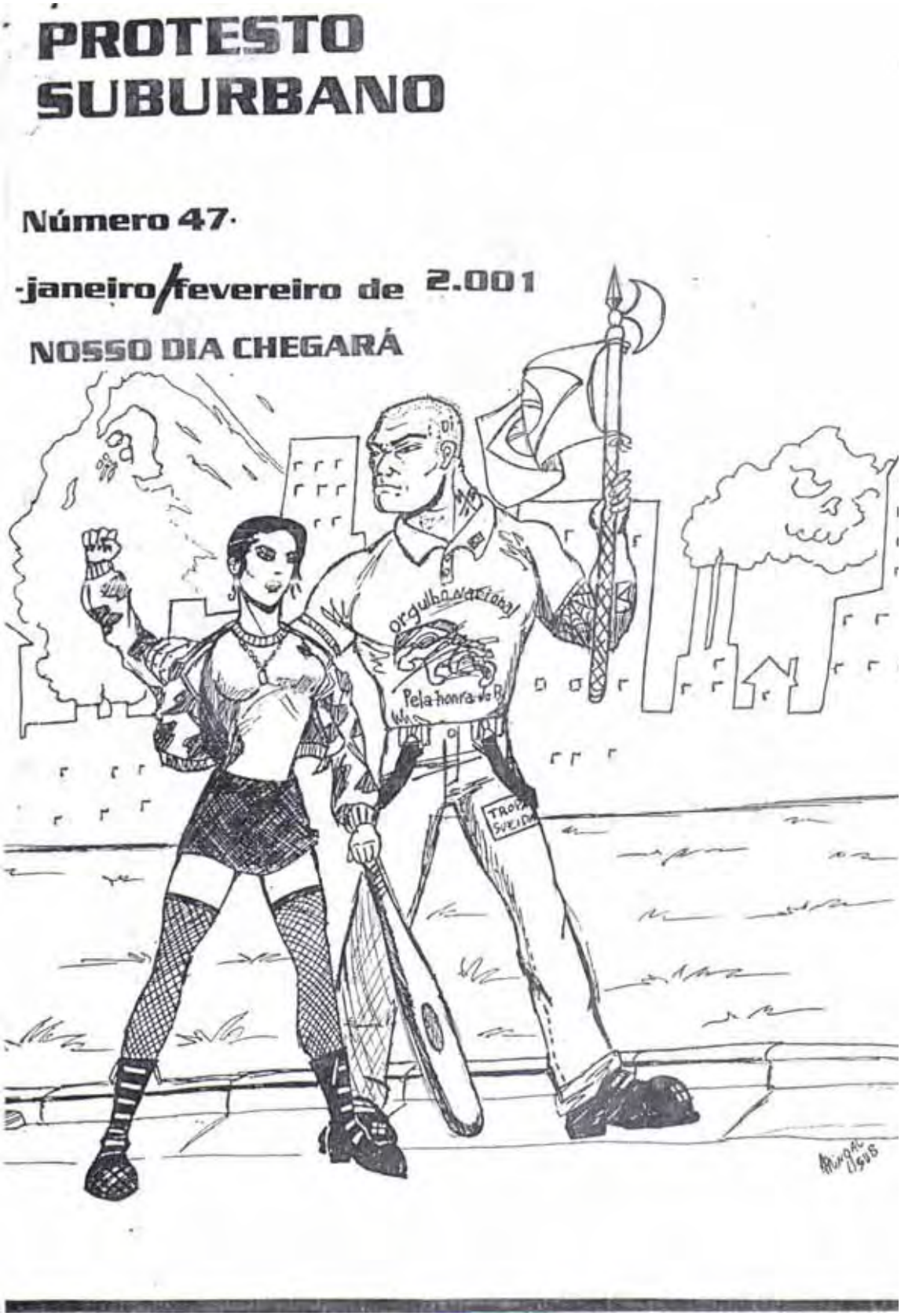
Como fonte Jornal Esquinas de S. P., p. 06
Faculdade de Comunicação Cásper Líbero – Novembro de 1996 – n.º 11

embi: manifestantes desistiram do protesto depois que policiais pediram a identificação de cada um deles

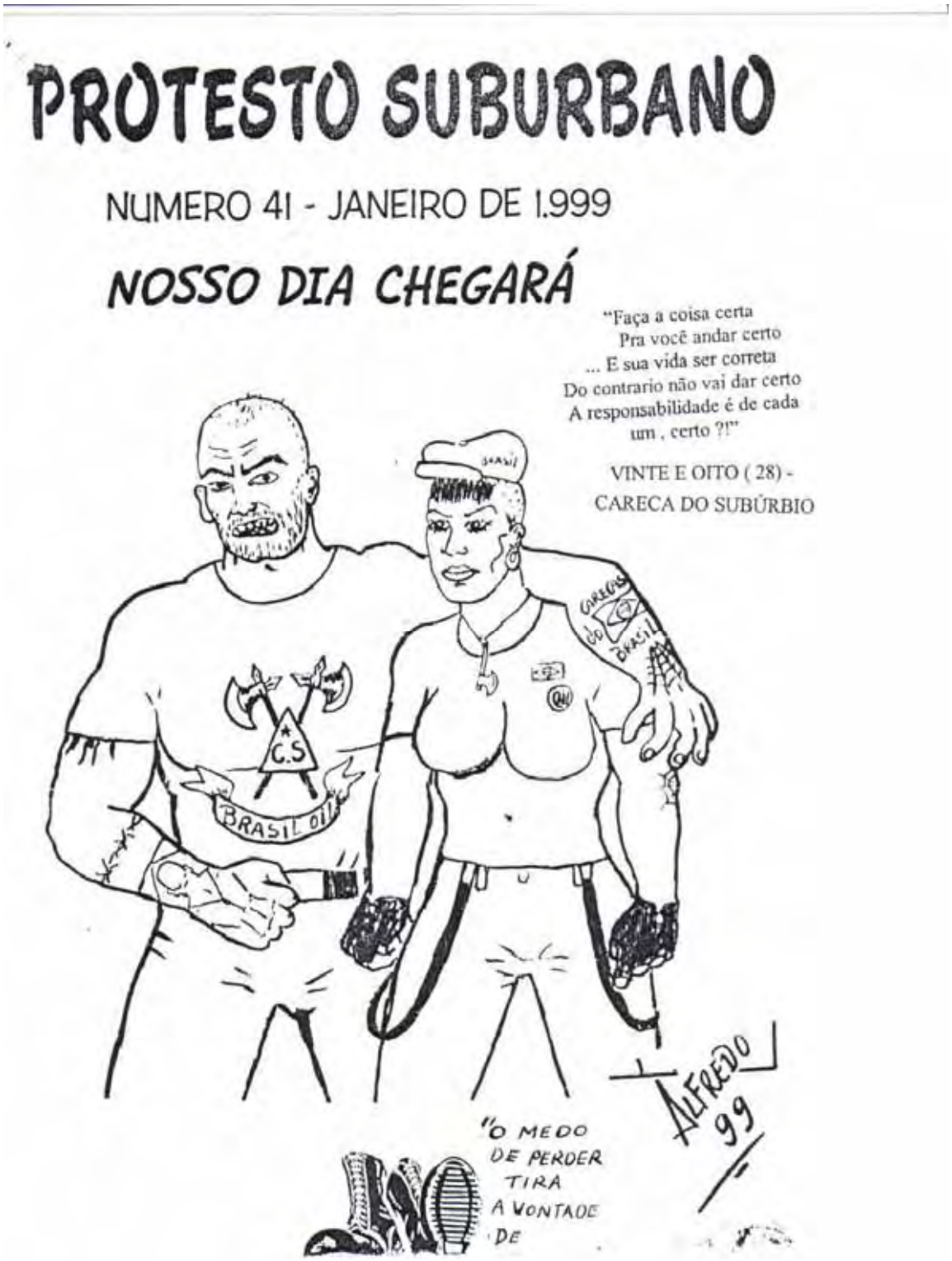
O Estado de São Paulo
Sexta-feira, 8 de Setembro de 2000, p. C4.



Como fonte *fanzine* Protesto Suburbano n.º 29, abril de 1994



Como fonte *fanzine* Protesto Suburbano n.º 47, jan./fev. de 2001



Como fonte *fanzine* Protesto Suburbano n.º 41, jan. de 1999

Como fonte *fanzine* Consciência Oi! N.º11, dez. 2001

Como fonte *fanzine* Consciência Oi! N.º11, dez. 2001

Como fonte *fanzine* Protesto Suburbano n.º 43

Como fonte Dissertação intitulada “Skinheads: os ‘mitos ordenadores’ do Poder Branco paulista” escrita por de Alexandre de Almeida (2004), p. 80.

Como fonte Dissertação intitulada "Skinheads: os 'mitos ordenadores' do Poder Branco paulista" escrita por de Alexandre de Almeida (2004), p. 83.

Capítulo III: *Circularidade* de idéias e reinvenções identitárias dos "carecas do Brasil" diante das representações construídas na grande imprensa

A *circularidade de idéias*[110] entre os *skinheads* e a mídia é algo corriqueiro, e provoca reinvenções identitárias dos "carecas do Brasil" diante das influências freqüentes das representações entendidas, no sentido sugerido por Chartier (1990), como construídas pela imprensa sobre esses grupos que se estendem à opinião pública e exercem força de influência na sociedade brasileira. A partir das representações construídas pela imprensa e apropriadas pelos grupos de "carecas do Brasil", identificamos o modo como a realidade social é lida por esses sujeitos, e quais as rearticulações e afirmações identitárias que reivindicam nos *fanzines*.

A busca nesta pesquisa foi de perceber às categorias fundamentais de percepção e apreciação do real por parte dos grupos e veículos de informação ligados à mídia, que por incorporarem esquemas intelectuais próprios do grupo, criam figuras responsáveis por dar sentido ao presente, tornando-o algo decifrável e inteligível, e orientando suas práticas futuras. As representações do mundo social construídas são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam e, deste modo, faz-se necessário relacionar os múltiplos discursos proferidos com a posição de quem os elabora e utiliza em proveito próprio, na tentativa de captar as relações estratégicas de poder inerentes aos respectivos grupos sociais.

Chartier (1990) nos estimula a refletir sobre o processo civilizatório da sociedade contemporânea e as intencionalidades das representações do mundo social, e diz:

> [...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990; p.17).

---

[110] Carlo Ginzburg (1987) em seu livro **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição, apresenta a circularidade de idéias existente na Europa pré-industrial do século XVI, mais especificamente narra a história de Momenico Scandella, dito Menocchio, que interpôs um crivo entre a cultura escrita, os livros eruditos que lera, através da cultura oral, patrimônio dele próprio, presente no senso comum das pessoas. A pesquisa de Ginzburg (1987) nos auxiliou a perceber as relações de circularidade e rearticulações de identidades existentes entre as representações dos "carecas do Brasil" e as construídas pela grande imprensa.

A “descrição densa”[111] do confronto entre as representações elaboradas pelos setores ligados à imprensa, privilegiando os periódicos do jornal *Folha de São Paulo* e os artigos da revista *Veja*, com as representações formuladas pelos “carecas do Brasil” sobre eles próprios nos *fanzines*, permitiu identificar nas narrativas a percepção do real por parte desses grupos de *skinheads*, bem como as respectivas relações de poder e interesses dos grupos que as forjam.

A narrativa acadêmica que empregamos se aproxima de uma investigação densa dos conflitos e classificações sociais presentes nas representações, na tentativa de se aproximar ao máximo possível da complexidade que permeia a realidade e concretude dos sujeitos e do mundo social. Consideramos necessário localizar os pontos de enfrentamento dos discursos, e buscar descrever os mecanismos utilizados pelos grupos em competição para divulgar e tentar consolidar na sociedade o domínio da sua concepção de mundo e do seu conjunto de valores.

A revista *Veja* (1994)[112] publicou reportagem sobre os grupos de “carecas do Brasil”, retratados pelas narrativas dos jornalistas da presente revista da seguinte maneira:

> [...] Os carecas do Brasil acabam com a idéia de que a juventude está diretamente ligada à liberdade de agir e pensar. Conservadorismo e preconceito são as palavras que mais colocam em prática. Gostariam de poder eliminar todos os homossexuais e judeus do país. Eles fazem o que podem. Aos sábados costumam divertir-se no Parque Dom Pedro II, centro de São Paulo, promovendo verdadeiras caçadas aos homossexuais. “Não fazemos mais nada do que aplicar corretivos”, diz Ferrugem, um careca do ABC, região da Grande São Paulo. Para tanto, vão preparados com facas, machados e tacos de beisebol. É com esse arsenal que os carecas costumam freqüentar até mesmo as festas que promovem. Em baile de careca só entra homem. A diversão é dançar como se estivessem dando socos e chutes para o ar. Bebem muita cerveja, até não agüentar ficar em pé. Depois escolhem um novato e batem nele até que caia no chão. Chamam a isso de batizado. (p.52-58).

Os jornalistas elaboram um discurso em que expõem a construção de uma imagem genérica de todos os grupos de “carecas do Brasil”, apresentados como sendo sujeitos conservadores, preconceituosos e extremamente violentos, empenhados em se armarem com

---

[111] Ver GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
[112] CARECAS de muito músculo e pouca cabeça. In: **Veja**, São Paulo, ano 27, n.02, edição 1322, p.52-58, jan. 1994.

facas, machados e tacos de beisebol para agredirem fisicamente segmentos sociais que fogem dos seus padrões sexuais, comportamentais, gestuais e corporais, como os homossexuais e travestis. Reforçam que esses grupos de *skinheads* acabam com a idéia de que a juventude brasileira é livre para agir, pensar e se comportar expressando sua liberdade garantida pela democracia brasileira, além de representá-los como grupos compostos apenas de homens que se divertem com danças agressivas e bebendo 'muita cerveja, até não agüentar ficar em pé'.

O integrante G. do grupo "carecas do subúrbio" elaborou uma carta resposta publicada no *fanzine* Protesto Suburbano[113], em que mostra sua profunda indignação e acusa a imprensa de atacar indiscriminadamente os grupos "carecas do Brasil" através de julgamentos, considerados por ele, como errôneos, por refletir os preconceitos dos jornalistas redatores da presente matéria, e tece o seguinte comentário à respeito desses colunistas da Revista *Veja*: "[...] Seu preconceito chega a cegueira quando escrevem que não existem garotas no movimento e que os carecas bebem até cair, sendo que poucos carecas bebem e no proprio som em que se basearam para fazerem este artigo varias garotas estavam presentes [...]".

Na opinião de G., por um lado, os "carecas do Brasil" são atacados pela Revista *Veja*, por outro lado, na matéria principal os jornalistas elaboram uma representação positiva dos grupos de *hip hop* brasileiros[114]. Visto isto, G. critica a imprensa e articula uma narrativa que contesta a superficialidade de suas reportagens, confrontando-as com sua leitura da realidade suburbana na qual os grupos dos "carecas do Brasil" e dos *hip hop* estão inseridos.

G. acrescenta que as temáticas, as propostas sociais e formas de protesto fundado na divulgação de suas idéias e percepções do mundo real por meio da música são os mesmos em ambos os grupos sociais, sejam eles de "carecas" ou *hip hop*, e argumenta que a convivência

---

[113] Protesto Suburbano, abril/1994, nº. 29.

[114] Refere-se à matéria intitulada "Pretos, pobres e raivosos" que dá um panorama geral da cultura hip-hop brasileira, mostrando a adesão de milhares de jovens nessas sociabilidades identitárias, e mostram as várias rimas e efeitos sonoros utilizados pelos integrantes deste agrupamento como formas de protestos contra a dura realidade vivenciada por eles nas periferias brasileiras. Como fonte PRETOS. In: **Veja**, São Paulo, ano 27, n.02, edição 1322, p. 14, jan. 1994.

em uma mesma região e realidade suburbana acabou possibilitando uma ‘camaradagem’ que “[...] surgiu nas ruas do suburbio, nos trens, nas fábricas, nas filas de desempregados [...]”[115].

O “careca” G. diz que existe uma convivência pacífica entre os “carecas do Brasil” e os integrantes dos grupos de *hip hop* nos subúrbios paulistas. Essa convivência permitiu, segundo G., a aproximação entre eles e a circularidade de idéias entre os agrupamentos.

A sensação de pertencimento dos “carecas do subúrbio” e dos *hip hop* em viverem nas periferias e subúrbios da cidade de São Paulo e regiões vizinhas constitui elemento importante nas formações identitárias e nas características que reforçam as teias de significados constituídas por esses grupos que, constantemente, reivindicam reconhecimento social e manifestam o orgulho de morarem na periferia, mas, no entanto, mostram a necessidade de serem ouvidos e terem políticas públicas que se voltem para a melhoria da qualidade de vida desses moradores marginalizados, que, muitas vezes, se expressam com violência pelo motivo da irradiante riqueza que a metrópole mostra não chegar as periferias das grandes cidades[116].

G. (1994) [117] diz:

> [...] O movimento HIPHOP utiliza o rap e o movimento carecas a musica oi! mas a temática é a mesma: o desemprego, a violencia, as injustiças sociais, os oligopolios e intereesses imperialistas sempre tentando massacrar qualquer forma de protesto, principalmente se é um protesto que parte de uma juventude pobre, rebelde e suburbana”.

O “careca” G. apropria das reportagens sobre os grupos de “carecas do Brasil” e dos *hip hop* para ressignificá-las e, em um esforço cotidiano que expressa uma relação de poder entre representações sociais, tenta mostrar nos *fanzines* a visão que possuem sobre a imagem deles próprios e suas relações nos subúrbios com os grupos de *hip hop*. Com isso, G. lança uma crítica às imagens construídas pela Revista *Veja* por esta não tentar entender a realidade concreta na qual os integrantes desses grupos circulam, nem os protestos, manifestações,

---

[115] G. In: Protesto Suburbano, abril/1994; n.º 29.
[116] Intervenção da Prof.ª Drª. Maria Cristina Wissenbach (USP) que, junto ao Prof.º Dr.º Luis Antonio Francisco de Souza (UNESP/Marília), participaram da Banca do Exame de Qualificação no mês de Setembro de 2007.
[117] G. In: Protesto Suburbano, abril/1994; n.º29.

temáticas e propostas sociais elaboradas por eles que, de acordo com o “careca” G., têm como eixo fundamental as mesmas projeções quanto a população que vive nos subúrbios.

G. deixa transparecer o seu protesto enquanto integrante ativo dos “carecas do subúrbio”, e apresenta a imagem que ele, no interior do grupo, articula sobre os *skinheads* dos grupos de “carecas do Brasil”, contestando as representações construídas pela imprensa e a sua posição diante de segmentos economicamente privilegiados, neste trecho do *fanzine*[118]:

> [...] Também em 1.992 foi realizada a passeata do dia do trabalhador (1º de maio) com a presença dos carecas do Brasil e da Aliança Negra, fato que só foi registrado pelos proprios participantes, já que infelizmente esta imprensa sensacionalista só se interessa pelos carecas quando estamos envolvidos em tretas ou quando não tem mais nada para encher a paciencia de seus leitores, que, confusos, acreditam que sempre que um careca aparece na rua é para dar uma machadada ou botinada em alguém, coisa que raramente acontece pois a maioria dos carecas trabalha , estuda e não tem tempo para desordens, o que não acontece com os filhinhos de papai que perdem o seu tempo cheirando coca, promovendo rachas com carrões importados e armando escandalos em barzinhos da moda. Estas palhaçadas não são tão divulgadas pois muitas vezes os papais são anunciantes destas publicações coisa que não acontece com os carecas que não tem como se defender destes insultos gratuitos a não ser nos informativos de pequena circulação já que raramente a imprensa burguesa nos dá direito de defesa”.

Neste fragmento, o “careca” G. se empenha em mostrar, sempre em uma reação de defesa do eu grupal contra as representações da imprensa, a imagem dos “carecas do Brasil” como proletários preocupados em participar de passeatas que envolvam questões inerentes à defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, inserindo a disponibilidade desses sujeitos em lutar pelos brasileiros junto às minorias sociais e étnicas, a exemplo da ‘presença dos carecas do Brasil e da Aliança Negra’ na passeata do dia do trabalhador do ano de 1992[119].

Constrói, assim, uma representação deles próprios na qual são apresentados como proletários empenhados em articular manifestações no sentido de reivindicar melhores condições de vida para os trabalhadores nacionais e pessoas que vivenciam as mesmas dificuldades nos subúrbios, sem preconceitos com relação às diversidades raciais e étnicas.

---

[118] G. In: Protesto Suburbano, abril/1994; n.º 29.
[119] G. In: Protesto Suburbano, abril/1994; n.º 29.

Projeta, também, uma representação sobre os “carecas do Brasil” na qual são retratados como proletários não preconceituosos e anti-racistas, cujas ações principais fundam-se no empenho em lutar pelos interesses dos trabalhadores para, deste modo, contrapor-se às representações elaboradas pela grande imprensa considerada por eles como sensacionalista e preocupada em enfocar os “carecas do Brasil” somente quando estão envolvidos em brigas de rua, projetando à sociedade uma imagem “deturpada” desses grupos.

Investe na captação de representações construídas pela imprensa e que têm força de influência da opinião pública para, deste modo, reinventar essas narrativas de acordo com os interesses inerentes aos grupos de “carecas do Brasil”. Como integrante ativo dos “carecas do subúrbio”, constrói uma imagem dos “carecas do Brasil” em que são apresentados como sujeitos que trabalham, estudam e que não possuem tempo para praticar ações desordeiras.

Ao projetar uma representação dos “carecas do Brasil” de acordo com seus valores específicos do grupo, percebemos que o “careca” G. investe, concomitantemente, na crítica ao poder auferido à grande imprensa de maior tiragem pelo fato desta produzir e projetar interpretações sobre a realidade social que, em grande parte, são assimiladas por um significativo contingente de pessoas e, de acordo com G., acaba “deturpando” as verdadeiras práticas e propostas sociais dos “carecas do Brasil”; deixando, também, transparecer a imagem que os “carecas” possuem dos jovens pertencentes aos segmentos sociais mais abastados apresentados como sujeitos praticantes de atos desordeiros e usuários de drogas.

O “careca” G. finaliza seu texto com a tentativa de chamar a atenção dos leitores e dos “carecas do Brasil” para a seriedade da forma de sociabilidade dos “carecas” composta, de acordo com a leitura dele próprio, de participantes conscientes, alicerçados ideologicamente sob uma base cultural própria divulgada através dos informativos e músicas das bandas de estilo oi!, em que estão presentes o pensamento de viés nacionalista e o anseio em, por meio da união de todos, lutar para a construção de um futuro melhor para o povo brasileiro.

Os “carecas” que assumem posição de destaque no grupo por escreverem nos *fanzines* reproduziram a reportagem da *Folha de São Paulo*[120] que expõe os problemas de crimes envolvendo moradores de rua que sofrem queimaduras diante das agressões, e chamam a atenção para a acusação do jornal dos “carecas do Brasil” serem os autores dessas ações:

> [...] Embora haja registros confirmados, não há estimativa de quantos casos realmente tenham sido provocados por adolescentes ou gangues pseudoneonazistas, como os chamados “carecas”. Os mendigos são um dos alvos da segregação de grupos como os “carecas”, assim como os nordestinos e os homossexuais”.[121]

As representações elaboradas nesta reportagem da *Folha de São Paulo* contam com dados provenientes de registros policiais oficiais, e divulgam que todos os grupos de “carecas do Brasil” são integrados por sujeitos violentos, neonazistas e preconceituosos, tendo como seus principais alvos de segregação os grupos de mendigos, nordestinos e homossexuais[122].

Em resposta os “carecas do subúrbio” enviaram carta aos redatores do jornal em 23 de abril de 1997, e manifestaram sua indignação diante das representações construídas sobre os diversos grupos de “carecas” na reportagem publicada na data de 22 de abril de 1997.

Os “carecas do subúrbio” escritores dos *fanzines* responderam as publicações dos jornais com a formulação de representação deles próprios, nas quais, de maneira concomitante, critica a imprensa e segmentos sociais abastados com o seguinte trecho:

> [...] se o rotulo de nazista está sendo dirigido apenas aos participantes do movimento CARECAS DO BRASIL também estão equivocados, pois não somos nazistas e muito menos racistas. Como poderiam os carecas serem racistas se seus fundadores e boa parte de seus participantes são descendentes de negros, indios e nordestinos? É muito facil atacar um movimento que não se conhece e jogar a sociedade contra ele. Nunca se houve o outro lado e portanto não há chance de defesa.
> Um autentico careca jamais levantará a mão para agredir um pobre, simplesmente porque também somos pobres e legitimos representantes da classe mais sofrida e explorada: a classe trabalhadora. Não temos culpa se

---

[120] Reportagem de 22 de abril de 1997.
[121] *FSP*, 22 de abril de 1997; p. 3-4 In: Protesto Suburbano, junho/1997; n.º 38.
[122] Essas representações com conotações de verdade, pois afirmadas com dados estatísticos provenientes dos registros oficiais, demonstram a intencionalidade da imprensa de ser porta-voz do processo civilizatório de controle das emoções e agressividades presentes na sociedade através da encenação da culpabilidade dos grupos de “carecas do Brasil” pelas violentas mortes de mendigos nas regiões centrais da cidade de São Paulo, e demonstra a necessidade de localizar e lançar a esses indivíduos punição exemplar que reprima novas agressões.

> filhinhos de papai que não tem o que fazer saem por aí aprontando barbaridades, tocando fogo nas pessoas, atropelando pedestres com seus carrões importados, depois são encobertos pelas autoridades e por uma parte da imprensa que prefere jogar a culpa nos carecas e outros movimentos operários.[123]

O esforço dos "carecas do subúrbio" nas representações é mostrar uma imagem deles próprios que é, na maior parte das vezes, oposta a representação construída pela imprensa. Nas suas representações sempre está presente reafirmação identitária dos grupos "carecas do Brasil" que se apresentam como não sendo desta sociabilidade são, em sua maioria, descendentes de índios, negros, mestiços e nordestinos[124] e que, por isso, são diferentes das imagens da mídia e do grupo Poder Branco paulista que é declaradamente neonazista.

As narrativas afirmam os "carecas do subúrbio" como reafirmando suas identidades com a adoção de uma posição social de proletário que, muitas vezes, é apenas uma representação, e a busca da dignidade através do trabalho[125], considerando-os, no plano dos discursos, como legítimos representantes da classe trabalhadora brasileira. Constroem representação sobre os jovens inseridos em segmentos sociais mais abastados como sendo pessoas desocupadas que possuem tempo livre para cometer atos criminosos que, segundo esses "carecas", não são noticiados pelas autoridades e por uma parte da grande imprensa.

No *fanzine* Protesto Suburbano[126] os "carecas do subúrbio" reproduziram a opinião de um leitor no jornal *Notícias Populares* que reforça representações sobre os grupos:

> [...] 'Espero que os skinheads adquiram um pouco de inteligência e abandonem a idéia de perseguir os nordestinos. Falo isso por experiência própria. Eu odiava crentes e nordestinos. Era tão ignorante quanto eles e não conseguia ver as qualidades dos nordestinos, só os defeitos. Um dia descobri

---

[123] Protesto Suburbano, junho, 1997, n.º 38.

[124] A existência de nordestinos, mestiços e negros na origem e decorrer da história dos grupos de "carecas do subúrbio" é um dado presente tanto na análise dos *fanzines* quanto nas conversar e produções de Costa (2000).

[125] A Busca de dignidade através do trabalho é um valor presente no senso comum e cultura popular dos trabalhadores brasileiros que pode ser visto como tendo raiz expressiva no Governo Vargas em 1930, com a invenção da ideologia trabalhista, como nos alerta Castro Gomes (1988, 2005), e que pode ser visto como elemento que é apropriado e ressignificado pelos "carecas" que capta este valor presente na tradição do pensamento social do Brasil e o utiliza na invenção das suas formas identitárias particularizadas.

[126] Protesto Suburbano, meados de 1999, nº. 43.

> que tinha mais defeitos que eles e fiquei muito envergonhado de tê-los ofendido'.[127]

As representações elaboradas pelos "carecas do subúrbio" a partir desse comentário do *Notícias Populares* se move no sentido de descontruir as narrativas da imprensa, em função de afirmar os aspectos identitários dos grupos de "carecas do Brasil", a exemplo da inserção de nordestinos no grupo, que descaracteriza a imagem construída pela imprensa, apesar de não anular a possibilidade desses *skinheads* entrarem em conflito contra esses migrantes por motivos que não se associam estritamente a questão migratória e ao preconceito regional, mas sim por um nordestino ou qualquer outro sujeito participar de formas identitárias contrastivas que são as razões que aquecem os conflitos físicos e simbólicos no cotidiano, a exemplo dos grupos de *punks* e *anarco-punks* que entram em conflitos eventuais contra os "carecas"[128].

Neste sentido, ao apropriarem-se de acordo com suas categorias mentais e interesses particulares de grupo dos discursos e representações construídos no jornal *Notícias Populares*, em que todos os grupos de *skinheads* são apresentados como agressivos que misturam ódio e preconceito racial contra os migrantes nordestinos, percebemos que os "carecas do subúrbio" idealizadores dos *fanzines* investiram na interpretação e reelaboração dos discursos construídos pela imprensa em proveito próprio, como nos sugere a metodologia de Ferreira (1997), e visa elaborar imagem dos grupos com uma mensagem socialmente mais aceita, como elemento utilizado para o convencimento da entrada de outros sujeitos nos grupos.

Deste modo, os escritores desses *fanzines* tentam construir uma representação deles próprios e dos grupos de "carecas do Brasil" apresentados como composto por uma grande diversidade étnica e social, e como defensores de valores contrários ao preconceito racial, aos *punks* modistas as pessoas consideradas consumistas, além de adotarem os neonazistas como

---

[127] FERNANDES, Notícias Populares, 12 de julho de 1999, Protesto Suburbano, meados de 1999, nº. 43.
[128] Como fonte os depoimentos registrados no Inquérito Policial sob o n.º 451/2000, anexado ao Processo Crime n.º 052.00.000.431 – 8.

eminentes inimigos, enfatizando esta posição com a reprodução de iconografias nas quais apresentam personagens destruindo o símbolo da suástica nazista com uso de machadinha.

O escritor "careca do subúrbio" apresenta suas representações no seguinte trecho:

> [...] No Brasil a primeira gang a adotar o estilo skinheads foram os CARECAS DO SUBÚRBIO onde sempre existiram nordestinos, nortistas, sulistas, negros, brancos, amarelos e enfim todo o tipo de brasileiros, orgulhosos não da cor da pele nem da origem mas do fato de participarem de um movimento corajoso anti-modistas e anti-consumistas.
> Se com o tempo surgiram filhos bastardos a culpa não foi dos pioneiros skins e sim de parte da imprensa que distorceu fatos rotineiros da vida suburbana gerando uma onda de embalistas e covardes que se escondem no anonimato[129].

Os interessem em jogo e relações de poder presentes nessas representações visam, no sentido sugerido por Chartier (1990), consolidar interesses particulares de grupo, nos quais a imprensa articula representações genéricas dos *skinheads* brasileiros, consideradas abstratas por não retratar as experiências cotidianas desses sujeitos, e por apresentá-los como jovens racistas, neonazistas e preconceituosos, com força de afirmação na opinião pública de representações genéricas sobre os vários grupos e sociabilidades de *skinheads* brasileiros.

Por outro lado, os "carecas" que assumem papel de liderança[130] nos grupos se preocupam em apropriar, interpretar e reelaborar as narrativas formuladas pela imprensa, tendo em vista construir uma representação socialmente aceita deles próprios. Nessas mostram as suas visões de mundo e aspectos identitários que não estão presentes nos discursos da imprensa, a exemplo da concretude dos sujeitos que se inserem nos grupos compostos, além de brancos, por migrantes nordestinos, negros e mestiços que se unem nessas formas identitárias de sociabilidade e assumem, assim, uma outra identidade no grupo.

---

[129]Protesto Suburbano, 1999; n.º 43.

[130] As lideranças grupais assumem papel de destaque nos grupos por serem os responsáveis por organizar o que o restante dos integrantes estão aptos a ouvir e aceitar como aspectos inerentes as formas identitárias dos "carecas do Brasil". A percepção do importante papel das lideranças nas associações identitárias pode ser observadas nos filmes *Skinheads*: a força branca, Laranja Mecânica, A outra história americana e As gangues de Nova York.

Os “carecas do Brasil” fazem o esforço em diferenciar-se dos *skinheads* Poder Branco paulista que se declaram neonazistas e influenciam as representações elaboradas pela mídia. Esse esforço afirma os aspectos identitários próprios dos “carecas do Brasil” que lançam respostas à sociedade e buscam reelaborar e afirmar uma nova representação deles próprios, com o objetivo de ampliar a dimensão social de ação desses sujeitos no cotidiano paulista.

3.1. Morte de Edson Neris: reelaborações e afirmações identitárias a partir de um evento

Diante da intenção da grande imprensa e Poder Judiciário comprovar a culpabilidade dos *skinheads* “carecas do ABC” pela morte de Edson Neris da Silva na Praça da República em fevereiro de 2000, e dar-lhes uma punição exemplar reforçada com as representações elaboradas pela imprensa que afirmou a imagem historicamente construída de todos os grupos de *skinheads* brasileiros serem assassinos neonazistas que atuam contra minorias e pessoas com gêneros diferentes, como os homossexuais e travestis, as lideranças dos “carecas do Brasil” responderam com produções textuais nos *fanzines*[131]. Nesses tomaram as acusações da imprensa como narrativas que estimularam as reelaborações e afirmações dos valores e idéias que constituem os alicerces sobre os quais esses *skinheads* inventaram suas identidades.

Longe de ser a verdade efetiva dos fatos, com a sensibilidade de não jogarmos “luz excessiva”[132] sobre as fontes documentais materializadas nos *fanzines*, as produções desses *skinheads* nos mostra, nessas reações de resposta aos fatos cotidianos que os envolvem direta ou indiretamente, a tentativa de afirmarem suas formas identitárias através de deixar mais

[131] Neste capítulo analisamos as narrativas e representações dos “carecas do subúrbio” e “carecas do Brasil” elaborados por eles nos *fanzines* “Protesto Suburbano”, n.º45 à 48, e “Consciência Oi!”, n.º 10 e 11, publicados nos anos de 2000 e 2001. Concentramos a pesquisa dos *fanzines* nesses anos pelo fato do período se caracterizar pelo maior adensamento dos enfoques dos *skinheads* pela grande imprensa, diante do ato de agressão envolvendo os “carecas do ABC” que resultou na morte de Edson Neris da Silva em fevereiro de 2000.

[132] Contribuições da Prof.ª Drª. Maria Cristina Wissenbach (USP) e do Prof.º Dr.º Luis Antonio Francisco de Souza (UNESP/Marília) na Banca do Exame de Qualificação realizada no mês de Setembro de 2007.

claro à população paulistana e sociedade brasileira quais as idéias e os valores deles próprios que são pilares de suas formas de sociabilidade, mas que não são apresentados pela imprensa que, dentro da polifonia de vozes, mostra apenas o aspecto agressivo desses sujeitos, e nos aponta para a necessidade de desvendarmos os aspectos culturais dessas reações identitárias.

Em resposta às acusações feitas pela grande imprensa contra os "carecas do ABC"[133], a liderança dos "carecas do subúrbio" que elabora discursos nos *fanzines* contestou textualmente o conteúdo das reportagens publicadas pelos setores vinculados à imprensa sobre os vários grupos de "carecas do Brasil". Esses *skinheads* produziram uma carta enviada aos jornais e revistas de São Paulo em 09 de fev. de 2000, na qual expôs os argumentos:

> [...] Participando do movimento Carecas no Brasil praticamente desde seu inicio posso afirmar com certeza que não se trata de um movimento nazista e muito menos racista. Sou pernambucano, filho de potiguares e nunca enfrentei qualquer tipo de preconceito. Sem querer desmerecer outros movimentos talvez os Carecas sejam os que tenham maior integração nacional pois se preocupam com os problemas do país e por isto existem bandas carecas desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, todas defendendo a união dos brasileiros contra qualquer tipo de separatismo.
> Acontece que certa parte da imprensa divulga uma imagem superficial dos carecas, não distinguindo de outras facções, atraindo pessoas empolgadas não com o que os carecas realmente pensam mas sim com a imagem deturpada que esta parte da imprensa transmite[134].

Neste discurso publicado em 09 de fevereiro de 2000 a preocupação da liderança dos "carecas do subúrbio" em dar respostas diante da grande imprensa fica evidente. O texto ressalta uma imagem e representação deles próprios projetadas à sociedade, na qual apresenta-os como não sendo neonazistas e racistas. Assim, colocam que a pretensão dos grupos é promover a união nacional dos grupos "carecas", com vistas a sustentar as suas idéias que, mesmo pouco estruturadas, são consideradas como nacionalistas e preocupadas em defender interesses brasileiros.

---

[133] Sobre a construção da culpabilidade e as representações construídas pela imprensa ver o Capítulo I.
[134] Protesto Suburbano, jan./fev. 2000; n.º 45.

Está presente no discurso a oralidade de um “careca do subúrbio” que, sendo migrante pernambucano, contesta os argumentos da grande imprensa nos quais há a afirmação de que os “carecas do subúrbio” são contra nordestinos. Esta *circularidade de idéias* permite a apreensão das contradições discursivas e relações de poder tanto da grande imprensa quanto dos *skinheads*, e nos possibilita captar as experiências concretas dos sujeitos.

Ao exporem as representações sobre os “verdadeiros propósitos” e a concretude da realidade social vivenciada pelos “carecas do Brasil”, os redatores do presente *fanzine* investem na contestação dos discursos elaborados pela grande imprensa sob a alegação de que essa constrói imagens superficiais dos “carecas”, nas quais não são distinguidas as diferenças existentes entre a multiplicidade de grupos que compõem as sociabilidades *skinheads*.

Partindo desses argumentos, a liderança dos “carecas do subúrbio” atribui à grande imprensa significativa parcela de culpa pela violência existente no interior do movimento. Argumentam que, ao transmitir à sociedade uma imagem deturpada das ações e pensamentos defendidos pelos “carecas do Brasil” em que não são delimitadas as reais diferenças de valores existentes entre as facções, os meios de comunicação acabam atraindo ao movimento “pessoas empolgadas” em colocar em prática aquelas representações abstratas imbuídas de conotações violentas que são construídas pela grande imprensa sobre os *skinheads.*

Deste modo, inferimos que os “carecas do subúrbio” responsáveis pela produção dos *fanzines* se apropriam, interpretam e reinventam os discursos e as representações elaborados pelos meios de comunicação. Eles utilizam este recurso como um artifício para colocar em prática os seus interesses sociais que estão em jogo, fundamentados no objetivo de apresentar à sociedade as suas representações que fortalecem as imagens que possuem deles próprios.

Em resposta às notícias da grande imprensa que caracterizou os “carecas do Brasil” como violentos e preconceituosos, a liderança dos “carecas do subúrbio” construíram um

discurso na carta intitulada “A estória se repete” (2000)[135], com intenção de dar um novo ânimo ao restante dos integrantes dos agrupamentos *skinheads* que participam dos grupos e consomem esses discursos.

As lideranças redatoras dos *fanzines* pensaram e propuseram mudanças nas ações e práticas sociais dos grupos de *skinheads* diante da possibilidade de eventuais repressões policiais. Pensaram em discursos que atuassem como elementos aglutinadores desses vários sujeitos, e que não deixassem desmotivados ou amedrontados os integrantes dos grupos, para estimular cada vez mais o fortalecimento de suas identidades[136].

Diante da preocupação com o contexto de maior produção de representações da grande imprensa e intensificação das fiscalizações policiais, fez com que as facções dos “carecas do Brasil” elaborassem mudanças pontuais em suas práticas, perceptíveis no seguinte texto:

> [...] os carecas que não estão envolvidos com a violência gratuita e nem com o racismo não devem desanimar nem baixar a cabeça. Podem proibir os coturnos, os suspensórios e a máquina zero mas jamais conseguirão proibir o sentimento suburbano que está com os carecas desde seu inicio nos bairros operários do Brasil.
> Nosso movimento não depende do visual nem da opinião dos nossos inimigos mas sim da atitude honesta de cada participante, lutando para melhorar a própria vida, dos familiares e camaradas, e assim também a realidade brasileira.[137]

Esses momentos de maiores pressões dos setores sociais e estatais modificaram os discursos publicados nos *fanzines*. Sendo assim, uma das principais temáticas debatidas centrava-se na necessidade de traçar novas diretrizes aos grupos de “carecas do Brasil”. As lideranças desses grupos sugerem nos discursos presentes nos *fanzines* que os *skinheads* moderassem suas práticas violentas contra segmentos discriminados e minorias sociais.

---

[135] A estória se repete In: Protesto Suburbano, jan./fev. 2000; n.º 45.
[136] De acordo com o Pesquisador Prof. º Ms. Alexandre de Almeida, PUC/SP, escritor da Dissertação intitulada “Skinheads: os ‘mitos ordenadores’ do Poder Branco paulista”, após a morte de Edson Neris da Silva em fev. de 2000 houve um período no qual os “carecas do Brasil” não se manifestaram com ações de expressiva repercussão no cenário urbano de São Paulo, e muitos não mais quiseram dar entrevistas para pesquisadores preocupados em entender a subjetividades *skinheads*, fator que dificultou muito o trabalho dos pesquisadores do tema que tiveram de recorrer a outras fontes documentais. Alguns *skinheads* “carecas do ABC” e “carecas do subúrbio”, tempo depois deste fato, deixaram de lado as práticas *skinheads*, dando lugar às *novas gerações*.
[137] Protesto Suburbano, jan./fev.2000; n.º45.

Deixam transparecer que as acusações feitas pela imprensa tiveram força de fundamentação, que os levou a rever os seus discursos. No entanto, será que também reviram suas práticas?

De maneira concomitante, projetaram algumas mudanças nas estratégias de luta dos "carecas do Brasil" em caso de eventuais intensificações da coerção das forças repressivas do Estado. Vislumbravam preservar o sentimento suburbano de luta cotidiana pela melhoria de vida dos brasileiros suburbanos através, o que tudo indica, da cooperação entre os integrantes dos diversos grupos *skinheads* como se fosse uma *grande família em todo Brasil*[138].

Outra reação da liderança dos "carecas do subúrbio" diante da repercussão na imprensa da prisão dos "carecas do ABC" acusados de homicídio e formação de quadrilha foi a publicação nos *fanzines* da "carta aberta à população", na tentativa de expressar o ponto de vista grupal sobre os acontecimentos de violência ocorridos e noticiados na mídia. Expõem que "[...] o movimento está sendo vitima de pessoas que querem decidir nosso futuro mas que apresentam um alarmante desconhecimento do que vem a ser os Carecas do Brasil"[139].

Os "carecas do subúrbio" dizem que estão sendo "[...] vítimas de um flagrante preconceito de cunho social, que se traduz na imensa dificuldade que estamos tendo para respondermos a altura os ataques desparatados (sic.) e as acusações levianas que nos estão impingindo dia após dia [...]". Argumentam o seguinte:

> [...] Os carecas são humildes, proletários, mas não são idiotas para não perceber que para a imprensa burguesa valem mais 10 jovens alienados engolindo toda a porcaria que eles jogam na garganta do povo todo o dia do que um só careca que não engole este lixo e está pronto a reagir as artimanhas encenadas por pseudo-jornalistas.[140]

Neste sentido, os redatores deste *fanzine* expressam seu ponto de vista, e considera que os "carecas" estão sendo vítimas de uma articulação entre a polícia e governo que visam desarticular e acabar com os *skinheads* "carecas do Brasil".

---

[138] A idéia de constituir uma *grande família em todo o Brasil* se faz presente nos vários *fanzines* produzidos pelos "carecas do Brasil", a exemplo do Protesto Suburbano, Marcha Nacional, Brasil Oi! e Consciência Oi!
[139] Carta aberta à população In: Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.
[140] Carta aberta à população In: Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.

Assim, argumentam que "[...] Pesa sobre os carecas a acusação de nazismo e violência, isto porque, entre os milhares de carecas e amantes do estilo, alguém cometeu um deslize de conduta, e por este argumento querem nos proibir de expressar nosso amor pelo movimento e pelo Brasil [...]"[141].

Deste modo, de acordo com o ponto de vista da liderança dos "carecas do subúrbio", os seus grupos, que consideram como um movimento, estão sendo vítimas da perseguição da grande imprensa. Eles entendem que, ao publicarem reportagens sensacionalistas e imagens abstratas sobre os "carecas do Brasil", os setores da imprensa acabam se beneficiando economicamente com o aumento da venda de seus periódicos à população. Neste sentido, esses *skinheads* lançam nos *fanzines* um contra-argumento, expressando a seguinte contestação: "[...] Não conseguimos entender porque os carecas são os únicos que tem que pagar caro por todo violencia social que impregna a sociedade brasileira atual [...]"[142].

Com a intensificação das pressões sociais e do maior enfoque dado pela grande imprensa aos grupos de *skinheads* brasileiros, nos *fanzine*s escritos em 2000 houve a tentativa de dar maior ênfase aos valores e anseios políticos dos "carecas do Brasil", que elaboravam discursos nos quais expunham o seguinte: "[...] Existe futuro para o oi! no Brasil sem partidos políticos, sem traidores apenas uma grande familia unida lutando e defendendo nossos valores [...]". Neste sentido, argumentam: "[...] Não precisamos que ninguém nos diga o que pensar ou o que fazer conhecemos bem a nossa realidade e estamos lutando para vencer [...]"[143].

Vislumbram, desta maneira, a preservação da continuidade da divulgação das idéias nacionalistas dos "carecas do Brasil" a toda sociedade e, também, o auxílio imediato prestado no cotidiano entre os participantes dos grupos, simpatizantes e seus familiares, que reforça as suas representações de formar uma *grande família unida em todo o Brasil*.

---

[141] Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.
[142] Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.
[143] Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.

Isso demonstra as articulações de segmentos sociais suburbanos que apelam para táticas de sobrevivência em territorialidades periféricas onde o estado de direito[144] não consegue chegar e exercer sua influência teoricamente humanitária, e não dá conta de efetivar sua função civilizatória.

As lideranças dos "carecas do subúrbio" e dos grupos de "carecas do Brasil" produziram vasto material através da elaboração de discursos e composições musicais, com a intenção de colocar o ponto de vista grupal sobre as várias acusações que recaiam sobre eles após a morte do homossexual Edson Neris da Silva na Praça da República em São Paulo.

Os grupos de "carecas do Brasil" expuseram a particular interpretação dos redatores sobre a realidade social e segmentos ligados à grande imprensa em geral. Esses *skinheads* argumentam que a violenta cidade de São Paulo pode ser comparada com uma guerra civil, em que pessoas morrem diariamente vítimas da criminalidade. Neste cenário conflituoso, esses grupos de "carecas do Brasil" expressam que o assassinato do homossexual Edson Neris da Silva ocorreu em uma região paulista perigosa devido a presença constante da violência, e lança o ponto de vista grupal sobre os acontecimentos através dos seguintes argumentos:

> [...] Na cidade que não para jornalistas apressados chegaram a conclusão "os carecas são culpados". Sem direito de defesa foram trancafiados como vilões perigosos todos foram tratados. O sensacionalismo tomou conta da cidade divulgam tantas mentiras e escondem a verdade. Porém nada disto irá deter o movimento a carecada voltará quando chegar o momento.[145]

Os sujeitos que redigem os *fanzines* dos grupos de "carecas do Brasil" justificam algumas ações violentas do grupo através do argumento fundado na concepção de que, atualmente, a violência é um problema que está generalizado. Com isso, essas lideranças colocam em prática o trabalho de apropriação dos discursos e representações construídos

---

[144] Sobre az dificuldades de se estender os benefícios presentes no estado de direito da democracia brasileira aos segmentos sociais que se encontram à margem das políticas publicas dos grandes centros urbanos, como é o caso da cidade de São Paulo e cidades circunvizinha que integram a região da Grande São Paulo, pode ser visto em **Cidade de muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo de Teresa Pires do Rio Caldeira (2000).
[145] Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.

sobre eles pelos setores ligados à grande imprensa, e reelaboram essas narrativas em proveito próprio (FERREIRA, 1997) com o objetivo de construírem uma imagem na qual os "carecas do Brasil" são colocados não em uma posição de vilões e criminosos, mas sim na situação de vítimas diante da ofensiva dos meios de comunicação e aparelho repressivo do Estado. Esse esforço da liderança é no sentido de estimular o restante dos *skinheads* em continuarem a participar dos grupos de "carecas", e reforçar a sensação de pertencimento desses sujeitos a uma forma identitária de sociabilidade que sofre mudanças em seus discursos e posturas, na realidade concreta, de acordo com o dinamismo dos acontecimentos presentes no cotidiano.

Seguindo os argumentos expostos pelos diversos grupos *skinheads*, encontramos nos *fanzines* a idéia grupal que esses sujeitos possuem sobre a violência social contemporânea:

> [...] Faltou um passo adiante para reconhecer que a violência juvenil é simplesmente um fruto da violência social, pois enquanto esta brilhante sociedade for dividida entre magníficos palácios e decadentes barracos não haverá convivência possível. Fatalmente sempre alguns ou muitos se revoltarão e nem sempre exprimirão esta revolta de maneira pacifica.[146]

Com isso, as lideranças dos grupos de "carecas do Brasil" captam a generalizada violência social contemporânea, e a atrela à desigualdade econômica e má distribuição de renda. No entanto, percebemos que esses sujeitos utilizam-se do argumento de que está havendo uma intensificação da violência com a desigualdade sócio-econômica para, deste modo, justificar as práticas sociais cotidianas e violentas deflagradas por alguns *skinheads*.

Esses *skinheads* integrantes dos grupos de "carecas do Brasil" defendem a posição de que devem ser duros como a própria realidade[147]. Visto isso, esses grupos de *skinheads* não têm o objetivo de deflagrar suas ações cotidianas violentas contra um inimigo comum, a exemplo dos capitalistas detentores dos meios de produção, mas sim contra múltiplos indivíduos e grupos sociais que sustentam valores e práticas cotidianas distintas das concepções grupais defendidas pelos *skinheads* como, por exemplo, homossexuais, *punks*,

---

[146] Protesto Suburbano, jul./ago. 2000, n.º 46.
[147] Argumento presente nos *fanzines* e, também, na pesquisa de Costa (2000).

góticos, dentre outros. Essas ações nos levam a pensar que a luta desses sujeitos é mais pela conquista de espaços urbanos, territorialidades onde adotam como locais de lazer e diversão, e onde se encontram a trama de conflitos cotidianos que os conferem certa visibilidade e o reconhecimento identitário que tanto almejam em suas lutas[148], ao se contrastar com grupos identitários que manifestam corporalidades e estilos de vida diferentes dos seus; do que uma luta consciente contra os quem detêm as riquezas que lhes faltam e tanto os incomoda.

No *fanzine* Protesto Suburbano[149] os redatores dos "carecas do subúrbio" produziram um texto no qual comentaram o acontecimento ocorrido na Praça da República. Neste *fanzine* é possível compreender que esses *skinheads* entendem o aumento do enfoque da imprensa como resultado da articulação da trama entre instituições estatais e imprensa. Expõem que a grande imprensa construiu imagens sobre os "carecas do ABC" como autores do crime, tendo a intenção de aumentar os seus lucros com a elevação da venda dos seus periódicos.

Neste sentido, os *skinheads* em questão comentam as imagens e representações construídas sobre eles nos veículos de informação, e lançam a opinião de que a grande imprensa elabora e divulga falsas idéias para reafirmar representações sensacionalistas e, assim, aumentar o número de periódicos vendidos. Os "carecas", por sua vez, consideram-se inocentes e vítimas dos interesses econômicos e informações transmitidas pela imprensa.

Ao partir da convicção de que os "carecas do ABC" acusados pela morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva são inocentes, percebemos que os "carecas do subúrbio" comparam o "sofrimento" dos acusados pelo crime com o julgamento e crucificação de Cristo. Constroem toda uma cênica e argumentam que "[...] O único totalmente santo, pelo menos para os cristãos, foi espancado, humilhado e depois de um julgamento suspeito quando os escribas da época manipularam e inflamaram a opinião, foi crucificado entre dois ladrões [...]". De acordo com os valores defendidos pela liderança grupal, o seguinte é exposto:

---

[148] Ver o livro **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais de Axel Honneth (2003).
[149] Julgamento dos carecas: a verdade que não pode se calar In: Protesto Suburbano, maio/jun. 2001, n.º 48.

> [...] Muitos sabem que os carecas estão presos inocentes mais preferem se calar diante do poder da mídia, porém este silêncio terá um peso nestas consciências, cedo ou tarde. Estes mesmos que defendem sequestradores e homicidas e sabem que o sistema prisional não recupera ninguém não estão nem ai com o calvário dos carecas, porém um dia a verdade será esclarecida mesmo porque ela já está aí e só não vê quem não quer.[150].

De acordo com os valores e percepção do real influenciados significativamente pela tradição cultural do cristianismo nas práticas sociais do mundo ocidental[151], a liderança dos "carecas do subúrbio" investiram na elaboração de um discurso no qual apropriam e reelaboram as narrativas e representações construídas pela imprensa em proveito próprio, ressignificando-as de acordo com os seus valores e formas de interpretação do mundo social.

Deste modo, colocam em primeiro plano a intenção grupal dos *skinheads* de construir uma imagem socialmente aceita desta forma de sociabilidade. Captamos nos *fanzines* que os interesses desses *skinheads* em 2000 era articular alguns argumentos no sentido de encenar a inocência dos "carecas do ABC", e construir uma representação mais aceita deles próprios.

Com isso, observamos um ponto de conflito entre as narrativas construídas pela grande imprensa que enfocam os "carecas do Brasil" como racistas, neonazistas e sujeitos preconceituosos empenhados em adotar como formas de luta as práticas fundadas na deflagração de ações violentas contra minorias sociais; com as narrativas elaboradas pelos próprios "carecas do Brasil" que se apresentam como compondo um movimento sério, empenhado em adotar como formas de luta a divulgação dos seus valores e pensamentos à população brasileira que, segundo eles, acabaria abrindo caminho para a expansão do movimento e a construção de um país alicerçado em novos valores e princípios nacionalistas.

---

[150] Protesto Suburbano, maio/jun. 2001, n.º 48.

[151] Alguns *skinheads* denominados "carecas de Cristo", que são uma distensão dos "carecas do Brasil", freqüentam o templo religioso da "Comunidade Zadoque" que será mais bem detalhado no final deste capítulo.

Considerando as manifestações dos "carecas do subúrbio" e "carecas do Brasil" presentes nos *fanzines* produzidos por eles próprios, entendemos que, ao desconstruírem quotidianamente as imagens abstratas construídas pela grande imprensa sobre os múltiplos grupos *skinheads* brasileiros que possuem velocidades temporais distintas, esses grupos de "carecas do Brasil" conseguem captar os valores nacionalistas preexistentes na *outillage mental*[152] de determinado fragmento social, recriando-os de acordo com suas concepções e propostas. Assim, tentam expandir seus grupos pelas diversas regiões brasileiras.

3.2. As bandas de estilo de música Oi!: expressões artísticas dos "carecas do Brasil" e novas percepções identitárias das lideranças dos "carecas" após a morte de Edson Neris

Tendo em vista o propósito dos "carecas do Brasil" de expandir seus grupos e formas de pensamento às diversas regiões do Brasil, o Diário carecas (2000)[153] nos revelou que esses grupos *skinheads* evidenciam nos *fanzines* a presença ativa das várias bandas oi! no cenário artístico brasileiro, como sendo extremamente importante para aumentar o campo de atuação dos "carecas do Brasil" por serem as porta-vozes dos valores defendidos por eles próprios[154].

Nas letras das músicas da banda Vírus 27[155] encontram-se expostas a realidade cotidiana dos trabalhadores dos subúrbios que pegam ônibus lotados para trabalhar por baixos salários, e quando vão em busca de seus benefícios na aposentadoria são submetidos a enormes filas para receber poucos benefícios pelo tanto que trabalhou em toda a sua vida, sem contar a indignação posta nas músicas quanto à burocracia para receber os direitos sociais.

---

[152] Chartier (1990).
[153] Diário carecas In: Protesto Suburbano, jun./ago. 2000, nº. 46.
[154] Os *fanzines* pesquisados dão um panorama geral sobre o cenário artístico dos grupos de "carecas do Brasil", que contam com a atuação de várias bandas Oi! Essas desempenham papel de porta-vozes desses grupos, sendo responsáveis pela divulgação das suas formas de percepção e ação no mundo social, a exemplo das bandas Vírus 27, Garotos Podres, Reação Soberana, Patriotas, Tolerância Zero, Sub-humanos, dentre outras bandas Oi!
[155] Como fontes as letras **Aposentados**, **Burocracia** e **Problemas**.

Apesar dos problemas, as letras das músicas sempre reforçam conservar o espírito de luta dos grupos de “carecas” e ressalta a necessidade de acreditarem em progressos nos agrupamentos.

Nas letras das bandas Bandeira de Combate, Garotos Podres e Puro Impacto[156] está presente que as brigas e lutas fazem parte do dia-a-dia e estilo de vida dos “carecas”, que não acreditam em teorias, a exemplo do comunismo, e propostas formuladas pelo Estado, sempre reforçando a oposição as medidas estatais e patrões exploradores. As letras das músicas expõem uma realidade sofrida, em que a sociedade não possui a perspectiva e esperança de uma vida melhor por causa da pouca remuneração, considerada na música como migalhas, que os patrões dão aos seus trabalhadores. A tensão desses jovens e suas revoltas contra a situação de miséria é canalizada para os espaços de lazer, nos quais curtem os sons com música Oi!, acompanhados de cerveja e mulher como sendo o que os “carecas” desejam.

Nas letras das bandas Puro Impacto, Garotos Podres e Patriotas[157] estão presentes a noção do controle exercido pelos segmentos da classe dominante diante dos trabalhadores, e expõe que o dia dos suburbanos e “carecas” quebrar as correntes e libertar o ódio irá chegar, e, enquanto isso, o grito do subúrbio se manifesta através das músicas Oi! que são produzidas com a intenção de subverter a ordem burguesa que existe na música e na arte. Ressaltam, por fim, o compromisso dos “carecas do subúrbio” lutar a vida inteira pela pátria e honra da bandeira, e representam suas lutas contra os *White Power*, marginais e contra as drogas.

Neste sentido, os mentores dos *fanzines* investiram na elaboração de discursos nos quais captamos a tentativa de traçar algumas diretrizes há serem adotadas pelos integrantes dos grupos. Essas se centravam na necessidade de criar novas bandas oi! e divulgar seu material e letras musicais à população através da distribuição de informativos, bem como organização de *shows* nas cidades; com o objetivo de aumentar o poder dos meios de divulgação das idéias e visões de mundo dos grupos que compõem os “carecas do Brasil”.

---

[156] Como fontes as letras **Vida Careca**, **Proletários**, **Subúrbio Operário** e **Oi!, sexo e cerveja**.
[157] Como fontes as letras **Puro Impacto**, **Rock de Subúrbio** e **São Bento**.

Ao contraporem-se as imagens projetadas pela *Folha de São Paulo* e setores da imprensa em geral, os "carecas do Brasil" investiram na construção e consolidação de uma representação própria na sociedade brasileira. Nessa imagem eles são apresentados como jovens idealistas reunidos em torno da defesa de certos componentes culturais responsáveis por lhes conferir determinada postura e identidade grupal a exemplo da posição anti-drogas, ênfase na necessidade de buscarem dignidade através do trabalho, em estudarem e praticarem atividades físicas como musculação e artes marciais como jiu-jitsu e Muay Thai[158].

A prática de exercícios disciplinadores dos corpos é, de certa forma, uma questão de sobrevivência as pessoas que se associam em gangues nos subúrbios, pois os conflitos e violências urbanas entre indivíduos e grupos com formas identitárias, posturas e valores opostos são fatos corriqueiros nos subúrbios e regiões centrais da cidade de São Paulo[159]. Os corpos desses sujeitos são investidos pelo poder ao se associarem em gangues e manifestarem com reações violentas, de agressividade real e simbólica, contra outras formas identitárias. Configuram-se, deste modo, os conflitos urbanos entre sociabilidades de jovens que giram em torno da correlação de forças entre os *micro-poderes* presentes no cotidiano das cidades, que buscam, mesmo com o uso da violência, reconhecimento e afirmação de suas identidades[160].

Utilizando Carvalho (1990), os "carecas do Brasil" tentam construir nos *fanzines* uma imagem socialmente aceita deles próprios, e defendem valores e costumes preexistentes no imaginário de uma parte do segmento social do país. Neste sentido, os "carecas do Brasil" acreditam ser representantes de concepções nacionalistas, portadores de valores existentes no senso comum e tradutores de posturas que deveriam ser seguidas pela juventude brasileira.

---

[158] Esses dois estilos de artes marciais são muito utilizados, em conjunto, por lutadores de Vale Tudo, pois o jiu-jitsu trabalha com técnicas destinadas a promover a queda do adversário, centrando os golpes em técnicas de *estrangulamento*, *chaves de braços*, *pernas e cervical* que, através de torções nesses membros, acarreta lesões e rompimentos dos ligamentos; e o Muay Thai, conhecido também como Chute Boxe, que é uma arte marcial que auxilia na defesa pessoal de pé, pois trabalha com técnicas de *socos*, *pontapés* e *joelhadas*. Essas duas formas de lutas marciais, como observei em pesquisa empírica e pela Internet, são muito apreciadas pelos *skinheads*.

[159] Considerações sobre violências nos subúrbios presentes na fala do Prof.º Dr.º Luis Antonio Francisco de Souza (UNESP/Marília) na Banca do Exame Geral de Qualificação realizada no mês de Setembro de 2007.

[160] Como referência para análise o livro **Microfísica do Poder** que contem entrevistas e falas de Foucault (1979).

Deste modo, os “carecas do Brasil” sustentam a idéia de que a consolidação dos seus propósitos não seria colocada em prática via associação dos seus integrantes a partidos políticos. Eles propõem a divulgação da convicção de que a revolta contra o sistema capitalista e seus efeitos e injustiças sociais pode ser organizada através de grupos atuantes alicerçados em uma base social, composta por um conjunto de integrantes ativos e simpatizantes dos agrupamentos empenhados em lutar quotidianamente pelo Brasil.

Ao iniciar os anos 2000, as lideranças dos “carecas do Brasil” lançaram textos que apontavam a necessidade dos integrantes dos grupos “[...] olharem para frente e zerarem todos desentendimentos e voltarem a lutar por um movimento forte e unido [...]”[161], sendo os valores e posturas dos mais fortes e experientes, os mais antigos *skinheads* do Brasil, considerados um exemplo para os demais participantes dos grupos de “carecas”. Esse discurso demonstra a criação de hierarquias no interior dos grupos, hierarquias nas quais os formuladores dos discursos assumem o papel de liderança dos agrupamentos, que tentam, na forma discursiva, orientar o restante dos *skinheads* que atuam como “carecas do Brasil”.

Neste sentido, as lideranças dos “carecas do Brasil” elaboram discursos nos quais estão presentes algumas preocupações com relação aos vários conflitos internos existentes entre as facções que compõem os grupos de “carecas do Brasil”, bem como as respectivas repercussões que essas desavenças acarretaram ao desenvolvimento do presente agrupamento.

Assim, captamos a tentativa dos produtores dos textos e discursos nos *fanzines* traçarem alguns caminhos aos componentes dos múltiplos grupos que compõem o “carecas do Brasil”, orientando-os a deixar de lado as discordâncias internas e os conflitos com outros agrupamentos sociais. Esses *skinheads* alegam que, deste modo, a força do movimento seria canalizada no sentido de promover festivais beneficentes e manifestações nacionalistas, e investir na organização de *shows* com diversas bandas Oi! em várias cidades brasileiras.

---

[161] Protesto Suburbano, jan./fev. 2000, n.º 45.

Essas invenções e orientações cotidianas articuladas pelos “carecas do Brasil” podem ser compreendidas como pressupostos básicos para a divulgação de determinada imagem e representação elaboradas por eles próprios, pelas quais são apresentadas à população suas visões de mundo de acordo com o ponto de vista grupal, revestido de valores e categorias quotidianamente e historicamente construídas (CHARTIER, 1990). Assim, esses grupos contrapõem-se as reportagens publicadas na grande imprensa, principalmente aquelas produzidas após a morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva em fevereiro de 2000.

Este acontecimento ocorrido em fevereiro de 2000 gerou diversas reações dos “carecas do Brasil”, como a inserção na montagem do arcabouço textual e simbólico dos informativos uma série de músicas Oi!, bem como frases repudiando os pensamentos neonazistas e racistas. O objetivo desses grupos era de construir uma imagem deles próprios como “teatro do contra-poder”[162] articulado como reação diante da mídia e opinião pública, tentando diferenciar-se das representações construídas pelos setores da imprensa e instituições do poder judiciário.

Captamos o empenho dos “carecas do subúrbio” em projetar à sociedade uma imagem na qual são apresentados como contrários ao racismo e neonazismo, presente nos trechos da música oi! intitulada “País Multirracial” da banda “Desprezo” e no texto Contra o Racismo[163]. Nesses textos podemos observar a intenção desses grupos *skinheads* transmitirem a imagem de não serem racistas, com a alegação de que no Brasil não há raça superior, pois se constitui de povo composto por expressiva diversidade racial que determina a rica cultura do país.

Ao aceitarem a composição étnica heterogênea do povo brasileiro e colocarem a necessidade de combater o racismo, os “carecas do Brasil” lançam suas interpretações históricas com relação à plural composição étnica e cultural da população brasileira. Elaboraram uma representação na qual são concebidos como sendo anti-racistas, antinazistas

---

[162] Intervenção da Prof.ª Drª. Maria Cristina Wissenbach (USP) que sugeriu os livros de Thompson (1998, 1987) **Costumes em comum** e **Senhores & Caçadores** na Banca de Qualificação no mês de Setembro de 2007.
[163] Protesto Suburbano, jan./fev. 2000, n.º 45.

e antifascistas pelo fato de aceitarem negros, brancos e índios na organização dos seus grupos, e reforçam a significação dos seus textos através de gestos contra símbolos nazistas[164].

Deste modo, os lideres dos "carecas do Brasil" constroem uma imagem mais socialmente aceita deles próprios, e apresentam suas visões de mundo e interpretações da realidade social que, partindo das suas categorias mentais e, sobretudo, da captação dos valores existentes no imaginário de grande parte população brasileira, projetam os objetivos desta sociabilidade fundamentados no combate ao preconceito racial e na luta pela soberania nacional. Assim, tentam aderir o maior número de pessoas aos grupos de "carecas do Brasil".

Ao aceitarem o pluralismo étnico da sociedade brasileira, esses grupos de "carecas do Brasil" captam a especificidade da realidade social nacional, e investem em uma "cópia bastante original"[165] dos *skinheads* ingleses. Esses sujeitos elaboram uma "ritualística local" capaz de unificar os aspectos comuns inerentes aos múltiplos grupos *skinheads*, com as diversas especificidades locais que assinalam a composição étnica plural do povo brasileiro.

Após a luta travada no ano de 2000 contra a repressão das forças estatais e das imagens e representações construídas pelos vários setores ligados à grande imprensa, os redatores dos "carecas do Brasil" iniciam o ano de 2001 com o *fanzine* Protesto Suburbano, no qual expõem a visão deles próprios sobre os grupos de estilo Oi! no Brasil:

> [...] Na verdade o oi! Não é nenhum bicho de sete cabeças mas representa uma cultura rica e um autêntico estilo de vida proletário, se não fosse assim não estaria ai de cabeça erguida mantendo uma tradição de trinta anos apesar de toda perseguição, difamação e desconhecimento. Mesmo que proibissem os coturnos, os suspensórios e a cabeça raspada o movimento não morreria pois seu lado mais forte é o sentimento suburbano, a união e a fraternidade, palavras certamente estranhas para uma parte da humanidade que só se preocupa com marcas de roupas e de carros e não está nem ai com o futuro do Brasil e de nossas crianças. [166]

[164] Ver imagens anexadas as páginas 122.
[165] Os conceitos "cópia bastante original" e "ritualística local" estão desenvolvidos na obra de SCHWARCZ.
[166] Protesto Suburbano, jan./fev.2001; n.º 47.

Colocando que o movimento oi! no Brasil ‘representa uma cultura rica e um autêntico estilo de vida proletário’, sendo que o ‘seu lado mais forte é o sentimento suburbano, a união e a fraternidade’, os “carecas do subúrbio” idealizadores dos discursos reforçam as diretrizes à serem seguidas pelos integrantes dos grupos “carecas do Brasil”. A representação que elaboram deles próprios como proletários assinala o desejo desses sujeitos pertencerem à classe operária brasileira, mesmo a pesquisa revelando que esses *skinheads* não fazem parte dessa classe operária[167], mas sim aos setores de trabalho vinculados a prestação de serviços, apenas vivenciando as suas experiências em um ambiente com traços de bairros tipicamente operários, que influenciam as representações desses sujeitos no ABC paulista.

Essas diretrizes encontram-se alicerçadas na orientação da liderança dos “carecas do Brasil” que investirem, de acordo com o ponto de vista grupal, na divulgação dos seus valores e formas de pensamento à sociedade, chamando a atenção para o combate ao neonazismo, comunismo e à redução da deflagração de violência gratuita contra outros grupos sociais.

Neste sentido, os “carecas do subúrbio” mentores dos discursos vislumbravam projetar à população uma determinada imagem das pretensões dos grupos de acordo com as convicções, anseios e desejos políticos presente no pensamento dos lideres e, quiçá, dos outros integrantes. Essas pretensões eram fundamentadas, teoricamente, em proporcionar “[...] apenas a união de brasileiros de todas origens cansados de serem manipulados, apoiando as bandas oi e proletárias e formando uma familia cada vez mais forte em todo o Brasil [...][168].

No decorrer do presente trabalho, observamos que, em um contexto de individuação do ser social devido às influências da “processualidade histórica” e avanço da ideologia neoliberal na subjetividade humana, os “carecas do subúrbio” e os vários grupos que compõem os “carecas do Brasil” apostam na elaboração de ações que convergem na formação

[167] Como fonte as Qualificações dos “carecas do ABC” presentes no Inquérito Policial n.º 451/2000, p. 258 – 275, Processo Crime n.º 052.00.000.431 – 8 e o livro **Subúrbio** de José de Souza Martins (1992).
[168] Protesto Suburbano, jan./fev.2001; n.°47.

de agrupamentos sociais fundamentados no sentimento de união e cooperação recíproca entre os indivíduos como se, em seu conjunto, constituíssem uma grande família em todo o Brasil.

Outros *skinheads* que faziam parte dos grupos de "carecas do ABC" e "carecas do subúrbio" foram, principalmente após a morte de Edson Neris, atraídos pela simbologia da religiosidade Comunidade Zadoque que, em seus cultos, tenta unir as diversas tribos urbanas em torno de um espaço que congrega religiosidade com local de diversão, onde as diversas gangues sociais paulistas encontram amparo ao verem-se reconhecidas no interior do templo religioso. Os "carecas" que adentraram à Comunidade Zadoque são os "carecas de Cristo".

3.3. O templo religioso da Comunidade Zadoque e os "carecas de Cristo"

A Comunidade Zadoque[169] se afirmou enquanto dissidência da Igreja neopentescostal Renascer em Cristo, e levou adiante o trabalho do ministério *Cristian Metal Force*. Este ministério desempenhava um trabalho de evangelização de jovens dos subúrbios, da juventude marginalizada e discriminada pelas outras pessoas por organizarem-se em gangues, usarem tatuagens, adereços corporais, corte de cabelos e roupas específicas, e serem consideradas como violentos, drogados e, no caso dos "carecas", como racistas e neonazistas.

As igrejas neopentecostais, como a Comunidade Zadoque, utilizam o termo tribos urbanas para caracterizarem de forma positiva os vários grupos com as suas especificidades e diversas formas de pertencimento que freqüentam os cultos/espetáculos no templo. Na Zadoque as tribos expõem suas singularidades estéticas, morais e comportamentais, sendo o fator que os unem o fato de pertencerem a determinada comunidade religiosa neopentecostal.

---

[169] Como fontes as conversas informais com o Pesquisador Prof.º Ms. Alexandre de Almeida e o artigo **Tribos Urbanas, Comunidade Zadoque e os Carecas de Cristo** escrito por Márcia Regina da Costa (2004), p.57 – 81.

A Zadoque fez uso de um amplo instrumento de divulgação através dos jornais, revistas e televisão, para difundir uma determinada imagem positiva das tribos de jovens, como os carecas, *punks*, *heavys*, *rappers*, dentre outros. A intenção era atingir esse público de jovens marginalizados e atrair um maior número de adeptos através desta forma de *marketing* religioso. Produziu, assim, um discurso no qual reconhecia esses grupos como membros de uma comunidade religiosa. Desta forma, esses jovens tinham a possibilidade de serem aceitos e reconhecidos pela sociedade, e isso suavizou a imagem negativa que os grupos possuem.

Além disso, outro fator que atraía esses grupos de jovens era o incentivo dado pela Zadoque às bandas que, ao tocarem nesta Comunidade religiosa, conseguiam difundir suas músicas e conquistar um público evangélico, conseguindo uma fatia do mercado musical.

A Comunidade Zadoque é um templo religioso evangélico que surgiu em 1999, bairro da Barra Funda, São Paulo. A aparência externa da Igreja Zadoque difere da dos templos tradicionais, já que possui aspectos que lembram salões de *shows* muito presentes nas periferias dos grandes centros urbanos. Em seu interior, as paredes são pintadas de preto, há luzes especiais para *shows* e palco para apresentação de bandas que chamam a atenção de expressiva quantidade de tribos urbanas, a exemplo dos “carecas do subúrbio”, *punks*, *heavys*, *rappers*, góticos. Essas diversas tribos que, muitas vezes, entram em conflito no cotidiano, convivem pacificamente no interior da Zadoque, aguardando o início da pregação/espetáculo.

De acordo com Márcia Regina da Costa (2004), a preocupação da Comunidade Zadoque é abrir um espaço para que os jovens vindos dos subúrbios e periferias da cidade, que pertencem aos diversos estilos e gostos musicais, se reúnam nos shows/cultos/pregações promovidos pela Igreja, convivendo de forma harmônica e sem agressões mútuas. A intenção é que todos conservem seu estilo próprio, desde que tenham “Jesus no Coração”.

No seu interior, a Zadoque possui uma aparelhagem de som com todos os equipamentos para as bandas. Após o culto, o espaço se abre para os encontros e *shows* de

bandas que tocam músicas que misturam som com letras louvando Jesus. Essa mistura de templo religioso com salão de *show* para bandas se configura como atrativo aos jovens.

Márcia Regina da Costa (2004) diz que, apesar do culto ter seu espaço próprio, é durante o show/espetáculo musical que a pregação chega ao seu ápice, já que, neste momento, os membros das bandas e jovens freqüentadores dão seu "testemunho religioso":

> [...] Exaltam o trabalhador e o trabalho, a família, a moral cristã, são contrários às drogas e a violência, defendem a Pátria e o Brasil, entre outros temas. A tônica é que o caminho da felicidade é possível se se tiver *Jesus no coração*. Desde que isso ocorra, o jovem pode se vestir do jeito que quiser, pintar o cabelo de qualquer cor, tamanho ou forma, usar tatuagem, *piercing* etc., fazer parte de determinada tribo urbana, pois o que importa é o fato de ter aceito Jesus. E, para isto, é necessário lutar contra o mal e combater aqueles que são contrários à doutrina professada. É significativo o fato de que, freqüentemente, o tom dos discursos envolve uma pretensa luta messiânica contra o mal e os inimigos do povo, que pode ser o diabo, os políticos corruptos, os inimigos do trabalhador, as drogas ou mesmo igrejas ou religiões rivais, como no caso da Igreja Católica e dos umbandistas. (p.243).

A Zadoque é exemplo da estetização, dramatização e espetacularização dos cultos, e faz uso do *marketing*, da música e da mídia para evangelizar os grupos de jovens marginalizados da periferia. Na Zadoque, os pastores se preocupam em dar apoio e reconhecimento aos jovens. Tem a pretensão de transmitir a essas pessoas determinada mensagem evangelizadora e, para isso, conta com uma forma espetacularizada de professar o culto, que é carregado de intensa carga afetiva, corporal, gestual, estética e dramática.

No caso da Zadoque, os seus templos são verdadeiros palcos que se desenrolam os cultos/espetáculos e onde são trabalhadas intensamente a dramatização, encontro afetivo, a corporeidade e gestualidade, elementos centrais da introdução do afetivo no cotidiano, mas, principalmente, abre-se um espaço no qual seus seguidores se sentem visíveis e reconhecidos socialmente, desde que, como no caso da Zadoque para os *punks*, carecas, *heavys*, estejam em sintonia com os valores cristãos que exaltam o significado de Jesus. Este templo abre espaço para essas sensibilidades em seu anseio por reconhecimento e visibilidade, pondo em cena

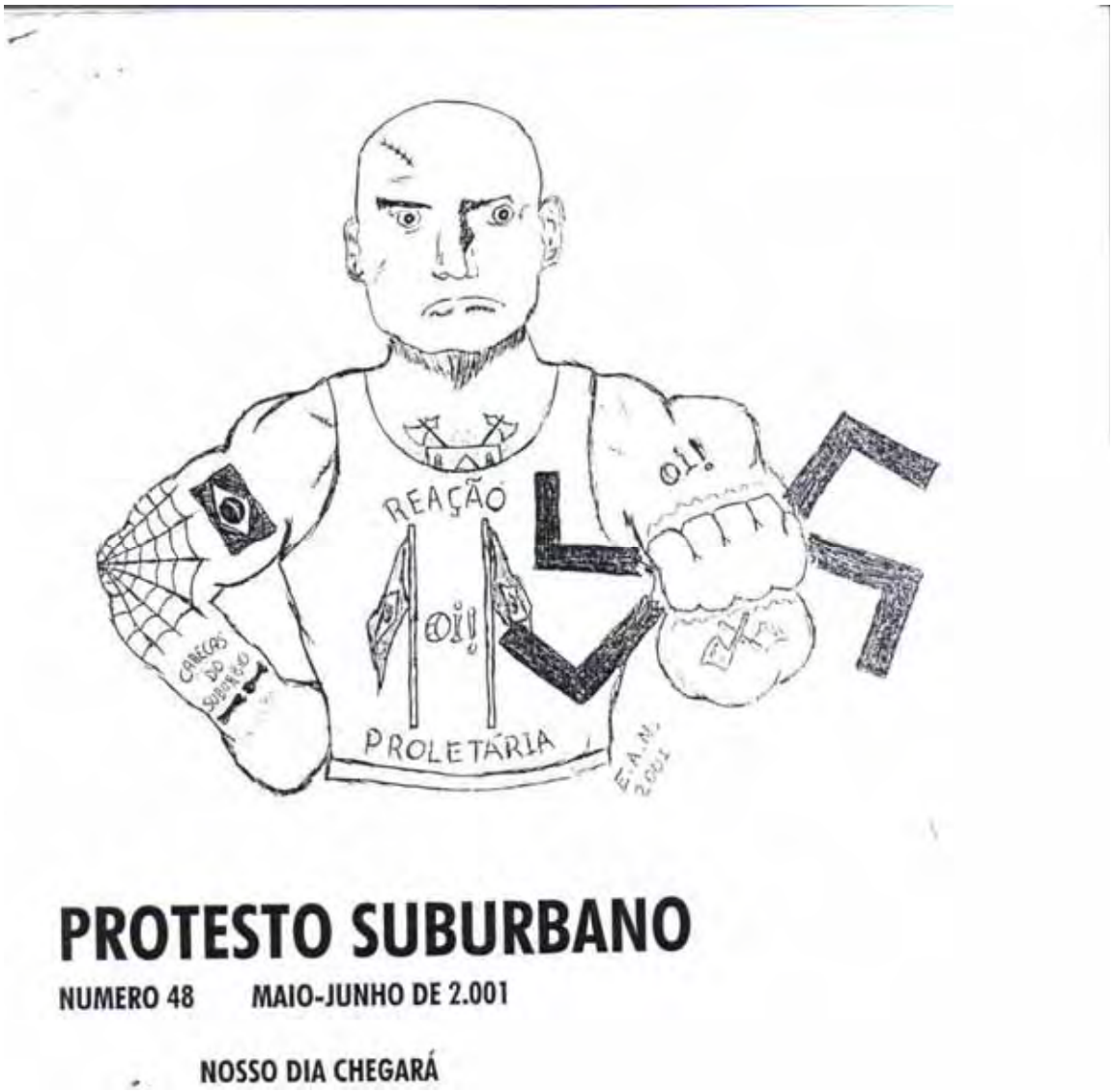
uma forma de fazer política. Entre outros fatores, essa forma de fazer política dá notoriedade e publicidade para a igreja, seus pastores, suas bandas e as diversas tribos de jovens.

A Zadoque diz que evangeliza jovens membros de tribos urbanas, procurando reforçar os aspectos de solidariedade e comunhão mítica. A Zadoque afirma-se em valores tradicionais, como na noção de Deus, pátria e nação, propagando um discurso conservador e moralista com ênfase na família, monogamia, no trabalho, progresso econômico, entre outros valores. Esses valores estão em sintonia com aqueles defendidos pelos "carecas", os quais, convertidos, transformam-se em "carecas de Cristo", verdadeiros soldados de Cristo.

Na Comunidade Zadoque, os pastores professam que os jovens das mais variadas tribos urbanas podem freqüentar o templo preservando suas identidades e estilos próprios, desde que estejam em sintonia com os valores cristãos cultuados por esta instituição evangélica. A aceitação desta ampla e variada gama de jovens permitiu, em pouco tempo, a expansão da Zadoque ao interior paulista, as capitais e em cidades importantes situadas nos outros estados brasileiros. Além disso, abriu, em 2002, a primeira Zadoque no México.

Por se afirmar em valores tradicionalmente aceitos por expressiva parcela da população como a crença em Deus, na pátria, nação, ênfase na família nuclear e monogâmica, e no trabalho e progresso econômico, alguns "carecas" foram atraídos pela Comunidade Zadoque. Essas informações associadas com outros elementos da pesquisa que dizem respeito às posições nacionalistas, desejo do país se desenvolver economicamente, principalmente as indústrias nacionais, busca de dignidade através do trabalho, nos chamou a atenção para as aproximações dos "carecas do Brasil" com as recentes organizações e núcleos de integralistas que estão, já há algum tempo, se reorganizando no território brasileiro. Além disso, nos estimulou pensar sobre as possíveis heranças do Pensamento Social Brasileiro na mente desses sujeitos, mais especificamente nas questões relacionadas às noções de nacionalismo.

União Atitude Zine, n.º 3, jan./fev. 1998



Como fonte fanzine Protesto Suburbano, n. 48, maio/junho de 2001

Capítulo IV: "Carecas do Brasil" e os novos integralistas: distensões, contradições e tênues aproximações discursivas no contexto da sociedade paulista

As possibilidades abertas pelos campos da História e Sociologia contemporâneas de contar com a utilização de diversas fontes na pesquisa permitem a coleta de vastíssima documentação e contribui, sobremaneira, ao desenvolvimento do conhecimento. Dupront (1969) nos propõe uma semântica histórica das fontes como caminho capaz de nos conduzir ao desvendar do mental e do irracional dos comportamentos coletivos. Esta metodologia de análise sugerida por uma corrente do pensamento semiótico propõe-se criticar categorias analíticas ortodoxas e iluminar o pânico, o sublime e o que se encontra marginal na história.

Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (1997) sugerem a necessidade de tomar as seguintes precauções no emprego de uma análise semântica dos textos históricos:

> [...] *relacionar texto e contexto*: buscar os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social. [...] (p.378).

A história pode ser considerada como texto ou, mais amplamente, *discurso* (escrito, iconográfico, gestual) imbuído de significados, sendo a função do historiador captá-los e decifrá-los para realizar seu trabalho. Visto que o *discurso* e os seus significados em determinada sociedade sempre estão atrelados ao ideológico e ao poder, entendemos que as condições de produção de um discurso têm a ver com o ideológico, com os valores sociais da sociedade que o produz, ao passo que as condições de seu reconhecimento dependem dos poderes das instâncias capazes de legitimar ou não a sua aceitação na sociedade.

Nesta perspectiva, introduzimos na presente pesquisa uma análise hermenêutica dos discursos produzidos nas fontes documentais (*fanzines*) pelos grupos de *skinheads* "carecas do Brasil" para interpretar os documentos e textos históricos que temos em mãos. Selecionamos

as temáticas mais freqüentes expostas nos *fanzines*, relacionamo-las com as conjunturas políticas e econômicas das décadas de 80 e 90 para, deste modo, tecer as interpretações históricas cabíveis neste momento da pesquisa correspondentes às hipóteses do trabalho.

As grandes crises históricas que afetaram o mundo moderno e desencadearam um processo em curso que abalou, sobremaneira, os paradigmas explicativos dominantes das ciências humanas, relacionam-se com a crise do modelo norte-americano de sociedade que produz abalos nos valores cotidianos, motivações e superestruturas das várias civilizações.

Lefebvre[170] (1972; 1991) diz que este processo em curso causa um mal-estar cada vez mais profundo na sociedade norte-americana, e afeta as formações sociais em regiões onde esse modelo é implementado através de projetos políticos fundamentados no neoliberalismo.

As soluções pensadas pelos representantes dos governos brasileiros desde os primeiros anos da década de 1990 para resolver os problemas decorrentes da crise política e econômica presente no país foram adoções de medidas fundamentadas em princípios políticos do neoliberalismo, correspondendo ao modelo político norte-americano de crescimento.

Corsi (2003) diz a respeito deste processo que essas medidas políticas e econômicas adotadas pelos governos brasileiros nos anos 1990 fomentaram o aprofundamento da estagnação econômica e enorme vulnerabilidade externa do país.

Sendo assim, o período relativamente longo de estagnação econômica, associado às medidas políticas neoliberais implementadas no Brasil, mais explicitamente a partir do início dos anos 1990, produziram como resultados sociais o aumento da miséria, do desemprego e a

[170] Henri Lefebvre (1972 e 1991) aborda em suas análises o desenrolar das grandes crises históricas que afetaram os grandes “modelos” norte-americano e soviético de sociedades, considerando essas crises históricas, explícitas mais claramente a partir do final da década de 60, como fatores importantes para explicar os fundamentos do mal-estar cotidiano. Assim, o autor ressalta o essencial a ser observado em sua análise que reside no fato de que a crise das sociedades (relações sociais e certas relações centrais) pode surgir, desenvolver e agravar-se sem que haja crise econômica e crise política na acepção clássica dos termos. Apesar de nos Estados Unidos a economia marchar e na URSS os aparatos funcionarem, o autor coloca que a crise presente nesses dois grandes “modelos” de sociedade atingem enfaticamente os “valores” sociais cotidianos sistematizados, bem como as motivações e superestruturas ideológicas, causando um mal-estar cada vez mais profundo nessas sociedades e nas formações sociais presentes em regiões onde esses “modelos” monolíticos de sociedade são implantados.

deterioração das condições de vida da população. Isso aguçou a falta de perspectivas políticas e ideológicas da sociedade.

Esta situação compreendida dentro de um contexto mais amplo de crise econômica, social e política, a partir de 1970 o capitalismo mundial entrou em uma fase de relativa estagnação econômica, caracterizada pelas irrisórias taxas de crescimento e queda de investimentos que surtiram efeitos negativos nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Apesar do aumento das taxas de lucro das grandes empresas na década de 80 e as tentativas de reestruturação do capitalismo, não houve a retomada de investimentos na área econômica, mas sim o inchaço dos mercados financeiros como saída para solucionar a situação de crise.

A gravidade da crise aberta em 1970 decorria da crise de superprodução com a crise do sistema monetário internacional, que coincidiu com o desenrolar de uma onda de contestação social dos movimentos de esquerda e de nacionalistas em todo mundo. Em 1973, a correlação de forças passou a pender para o lado dos conservadores, marcando a associação dos capitalistas aos governos dos EUA, Grã-Bretanha e Alemanha, que buscaram reorganizar o sistema para combater a contestação social, o avanço do socialismo e a crise econômica.

A resposta dos capitalistas e governos conservadores diante da crise desencadeada a partir dos anos 70 foram desmoronar o Estado de Bem Estar Social no centro do capitalismo, impor às economias periféricas o pagamento das dívidas externas e, posteriormente, políticas voltadas para a abertura e desregulamentação das economias nacionais. Concomitantemente a esses processos, os capitalistas buscaram espaços mais amplos de acumulação, e reestruturaram a produção sob égide do neoliberalismo que passou a ser política hegemônica.

A abertura das economias nacionais e o incremento da dependência financeira fragilizaram os Estados, principalmente nos países da América Latina. Na década de 1980, a crise das dívidas externas dos países subdesenvolvidos impossibilitou a integração de vastas áreas periféricas no chamado processo de globalização. A crise da dívida externa agudizou a

estagnação econômica dos países periféricos, deteriorando a grave situação social dessas regiões e seus projetos de desenvolvimento. A política de fortalecimento do dólar levou muitos países subdesenvolvidos ao estado de insolvência generalizada devido à aquisição de novos empréstimos para o pagamento das dívidas contraídas anteriormente.

Neste momento, o Brasil entrou em um período de estagnação devido à adoção de políticas recessivas inspiradas pelo FMI que levou o país a girar em torno do pagamento das dívidas externas, do combate à inflação e da crise fiscal do Estado. Embora a implementação dessas políticas melhorasse a situação das contas externas permitindo o pagamento dos juros da dívida, o corte do gasto público, arrocho dos salários, corte dos créditos, aperto monetário e desvalorização da moeda, resultaram em estagnação econômica e agravamento da inflação.

Considerando a tentativa de expansão da hegemonia neoliberal e a predominância do capital financeiro na atual fase do capitalismo, compreende-se que a dependência financeira foi o determinante principal da estagnação econômica dos diversos países subdesenvolvidos, pondo fim a quase todos os projetos nacionais que buscavam um desenvolvimento autônomo da economia, e que se proliferaram nos países periféricos até o final da década de 1970.

No contexto de estagnação econômica, fragilidade das contas externas, crise fiscal estatal e monetária dos anos 80, fortaleceram os setores vinculados aos mercados financeiros, indo de especuladores nacionais e internacionais até empresas produtivas que investiam na especulação, movendo-se na direção do neoliberalismo e hegemonia da finança internacional.

Com a queda das receitas fiscais e recessão iniciada em 1980, o Estado abdicou o papel de indutor do desenvolvimento e da diversificação do parque produtivo, e pôs fim ao modelo varguista em favor de contornos que privilegiaria o mercado como motor do desenvolvimento, preservando o objetivo de restaurar a capacidade de investimento estatal.

Esse processo ganhou força em março de 1990, quando Fernando Collor de Melo voltou o seu mandato para uma agenda marcadamente econômica alicerçada na estabilização

da moeda, liberalização da economia e integração do país ao comércio internacional. Lançou um receituário de modernidade que se apresentava como negação da política reduzida a manobras publicitárias, sem preocupação com as noções caras ao discurso democrático.

O estilo do governo Collor foi definido por observadores atentos como populismo de mercado, marcado pela cooptação das massas através da produção da imagem do Estado intervencionista como sendo um inimigo comum da população. Com isso, a gestão Collor introduziu como necessidade o saneamento do Estado e a redução do seu escopo para que o mercado ocupasse o cenário e diminuísse custos, aumentando a competitividade para expandir renda e beneficiar com ganhos duradouros e permanentes os trabalhadores brasileiros.

O plano de governo de Collor tentou implantar no Brasil dos anos 90 uma leitura economicista da modernidade. Sacralizou a superioridade do mercado sobre o Estado para promover a eficiência econômica, mesmo que essas medidas fossem de encontro à idéia de política como deliberação e dos anseios da maioria da população brasileira. Nota-se, portanto, o primado do econômico sobre o político, da moeda e do mercado sobre a lei e a democracia.

Neste sentido, observa-se a leitura da Constituição de 1988 como um obstáculo à modernização do Brasil. Passa-se a vê-la como receituário do atraso pelo fato de conter algumas disposições contrárias à liberalização da economia brasileira e sua maior integração na economia mundial. Deixou-se, portanto, de lado, mesmo depois do *impeachment*, o fato da Constituição haver ampliado os direitos civis, valorizado modalidades de democracia direta, atualizado os direitos sociais e dotado as minorias de instrumentos legais para o reconhecimento de suas identidades, como se houvesse uma antinomia necessária entre mercado e modernização política fundamentada em princípios eminentemente democráticos.

Com o *impeachment* de Fernando Collor de Melo (1992), o vice-presidente Itamar Franco(1992-1994) assume o poder do governo brasileiro. A manobra política mais significativa de Itamar foi a implementação do novo programa de estabilização econômica, o

Plano Real. O plano obteve esperado controle da inflação e definiu a sucessão de Itamar Franco. Assegurou a eleição de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) na condição de “pai do Real”, e creditou-lhe a responsabilidade maior pelo seu êxito que o conferiu a credibilidade e o apoio da grande imprensa, bem como da população brasileira em geral.

A primeira gestão de FHC (1994-1998) foi marcada pela sua capacidade de construir consensos através da política de alianças que deveriam ser feitas com os partidos que se demonstrassem mais identificados com as metas que constituíam o objetivo último do governo, centrado em superar a era varguista de intervenção estatal, principalmente a partir de 1937 (Estado Novo). Adotou, assim, princípios econômicos e políticos fundamentados no neoliberalismo e na implementação de um pacote de reformas no país.

Com isso, entendemos que Cardoso adotou, sob o rótulo de modernidade, princípios políticos do neoliberalismo que, neste momento, estava em evidência nas economias centrais do capitalismo. Em sua primeira gestão, Cardoso teve um tímido desempenho sendo que, das medidas previstas, foram aprovadas, no final dos quatro anos de mandato, a eliminação do monopólio estatal em áreas como pesquisa de lavras, refino e transporte de petróleo, a possibilidade de concessão de serviços públicos à iniciativa privada, a revogação de privilégios às empresas brasileiras de capital nacional e a queda da cláusula de estabilidade no serviço público. Porém, não avançou nas reformas da Previdência, tributária e política.

Centrado no tema da reeleição, as críticas recebidas pelo Planalto eram convertidas em argumentos para a nova posse do presidente. O governo respondia as críticas sobre o desemprego e descaso com o social através da articulação de um discurso que condenava os desperdícios na execução de programas sociais, e considerava o aumento do desemprego como resultante, como em outras partes do mundo, das inovações técnicas, mas que já estariam em estudo medidas compensatórias como reforço aos programas de treinamento de mão-de-obra. Argumentava que, assegurada a estabilidade da moeda, a economia voltaria a

crescer a taxas que permitiriam absorver o desemprego. A resposta do eleitorado a esses argumentos foi positiva, e FHC reelegeu-se no primeiro turno das eleições[171].

Com isso, a virada conservadora iniciou-se com Collor que promoveu a abertura financeira e comercial nos primeiros anos da década de 90, tendo como fator agravante a rápida redução das tarifas sobre importação de produtos, particularmente entre 1990 e 1994. A abertura comercial associada à valorização da moeda em 1994 representou um choque para a indústria que foi forçada a se reestruturar devido ao aumento das importações a preços, muitas vezes, menores em relação aos produtos nacionais. Neste momento, várias empresas não resistiram as pressões externas e fecharam suas portas, agravando a situação do desemprego.

A ascensão de Collor e, posteriormente, FHC trilharam a linha do conservadorismo e neoliberalismo, que introduz o país na globalização com a abertura e desregulamentação do mercado financeiro e dos controles de entrada e saída de capitais. O resultado da abertura financeira contribuiu, sobremaneira, para o aumento da vulnerabilidade externa ao longo da década de 1990, tendo como agravante a inviabilização do crescimento econômico brasileiro.

Entre os anos de 1992 - 2000 a entrada de investimentos internacionais diretos foi significativa. No entanto, a maior parte desses recursos foi empregada em processos de aquisições e fusões de empresas já existentes, principalmente de empresas estatais privatizadas, não gerando a ampliação da capacidade produtiva e de empregos. Pelo contrário, muitas vezes acarretaram uma diminuição dos empregos devido às reestruturações produtivas que diminuíram os postos de trabalho nas empresas privatizadas neste período.

---

[171] De acordo com a reportagem escrita pelo jornalista José Roberto de Toledo (01 nov.1998) e publicada no jornal “Folha de São Paulo”, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) ganhou em 24 das 27 unidades da Federação e em 4.777 (87%) dos 5.513 municípios do país, entre os quais estão 17 capitais. Foram 53,1% dos votos válidos (2,075 milhões de votos) além do que precisava para ser reeleito ainda no primeiro turno. No entanto, a vitória de FHC não foi do Oiapoque ao Chuí, pois o presidente eleito não consegui conquistar a maioria dos votos em 735 municípios. Entre as cidades que disseram não à reeleição de FHC e sim à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estão municípios importantes, dez dos quais são capitais: Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Fortaleza, São Luís do Maranhão, João Pessoa, Aracaju, Teresina, Macapá e Rio Branco.

A combinação da sobrevalorização do real em relação ao dólar com a abertura comercial, aprofundada desde o governo Collor, ampliou significativamente a oferta interna de produtos a preços baixos, e forçou as empresas nacionais a reduzirem os preços de suas mercadorias. Apesar desta medida ter conseguido promover a contenção da inflação, resultou no aumento dos índices de desemprego devido o baixo nível de crescimento econômico e reestruturação produtiva que acarretou no enxugamento do quadro de funcionários.

Neste sentido, entendemos que, tanto na Grande São Paulo quanto nas diversas regiões do Brasil, o desemprego cresceu sistematicamente ao longo da chamada década neoliberal de 1990. Esse processo configurou-se em problema radicalmente sério no conjunto das diversas localidades brasileiras que sofreram com o aumento significativo dos índices de desemprego.

Deste modo, entendemos que essa política baseada na crença neoliberal de que o déficit público é a causa dos problemas da economia brasileira, acarreta uma deterioração das condições de vida da maioria da população brasileira, e induz políticas recessivas como o controle dos déficits através de superávits primários, aumento das taxas de juros para atrair a curto prazo o capital especulativo, contração de empréstimos junto ao FMI que geram, consequentemente, a diminuição do crescimento econômico e o aumento do desemprego.

Tendo em vista o avanço dos projetos políticos e econômicos fundamentados em princípios neoliberais na década de 1990, chamamos a atenção para as diferentes velocidades existentes entre as alterações econômicas e das forças produtivas, em relação às mudanças no desenvolvimento das relações e interações culturais dos grupos sociais. Entendemos que as respostas e resistências dos múltiplos grupos sociais presentes no cotidiano, cada qual em tempos culturais distintos, diante de estímulos políticos e econômicos específicos, dependem, basicamente, do modo como esses sujeitos apropriam-se da realidade social de acordo com

suas categorias mentais e respectivas tradições culturais. Esses traços culturais são responsáveis por forjar as diversas formas de reação e resistência dos grupos sociais[172].

Articulamos, portanto, uma discussão sobre a situação de crise do Brasil nas décadas de 1980 e 1990, com as múltiplas formas cotidianas de respostas que surgiram neste período histórico, e a análise de sujeitos concretos na busca de ressaltar o resgate das tradições culturais herdadas pelos "carecas do Brasil", e suas propostas presentes nos *fanzines*.

Refletimos sobre os diferentes ritmos existentes entre conjuntura econômica e conjuntura social, entendendo que as alterações econômicas não produzem mudanças na mesma velocidade na conjuntura social e no *campo cultural*. Colocamos na ordem do dia a necessidade de captar as várias dimensões e diferentes temporalidades presentes na própria conjuntura social, compreendendo que os grupos *skinheads* em questão respondem a determinado estímulo político e econômico de acordo com seus respectivos "crivos" culturais.

Utilizando Braudel (1992), a implementação no Brasil do modelo de crescimento econômico fundamentado nos princípios políticos do neoliberalismo aceitos, a partir do início de 1990, pelos governos brasileiros, produziram impactos sociais negativos como a elevação significativa dos índices de desemprego e aumento considerável da miséria social do país.

Essas velozes alterações políticas e econômicas impostas pelos governos brasileiros provocaram, porém, formas de reação sociais específicas que recorriam às tradições culturais de fôlego mais contido para, deste modo, articular suas manifestações singulares diante da conjuntura histórica e econômica de crise, a exemplo das reações dos "carecas do Brasil".

---

[172] Utilizando Braudel (1992), os estudos na área de ciências humanas deve levar em consideração a *pluralidade do tempo*, colocando no centro da análise sobre a realidade social a oposição viva e repetida indefinidamente entre instante e o tempo lento a escoar-se, ressaltando a multiplicidade e a diferença existente entre o tempo econômico e o tempo social. Deste modo, entendemos que as durações temporais das ações dos grupos sociais escoam-se em um passado longínquo, legando a investigação histórica uma nova narrativa que tenta captar as múltiplas "temporalidades" inerentes às conjunturas e estruturas sociais, não garantindo, de antemão, que esse tipo de conjuntura terá a mesma velocidade ou lentidão que a econômica.

4.1. Aspectos nacionalistas dos "carecas do Brasil" como reações de rebeldia social

Ao partir para a análise da formação dos agrupamentos *skinheads* no desenrolar da processualidade histórica, ressaltamos a importância de captar as possíveis reações de rebeldia e relações contrastivas entre as idéias, sentimentos e sensibilidades que não fazem parte de uma história material, mas, no entanto, demonstram as possibilidades de captação da existência de paralelismos, atento aos homens e mulheres concretos que fazem a sua história a partir de suas práticas culturais, articulando-se em torno de propostas e idéias defendidas contra o pensamento hegemônico contemporâneo inspirado em princípios do neoliberalismo.

Para tanto, resgatamos o recente passado através da arqueologia de escassas fontes documentais escritas na forma de *fanzines*[173], nas quais encontramos brechas das subjetividades dos "carecas do Brasil", exposição de suas idéias, bem como os centros de pensamento e as matrizes conceituais que coordenam as práticas sociais desses sujeitos que emergem, desaparecem e ressurgem constantemente nas diversas regiões do Brasil.

Conduzimos nossa pesquisa de acordo com a perspectiva metodológica preconizada pela *história cultural* contemporânea, apresentada da seguinte maneira por Ferreira (1997):

> [...] as análises em história cultural negam que as classes dominantes tenham o monopólio exclusivo da produção das idéias. Os trabalhadores, os camponeses e as pessoas comuns também produzem suas próprias idéias, crenças, valores e códigos comportamentais, que, no conjunto, convencionou-se chamar de *cultura popular*. As mentes das pessoas comuns, assim, deixaram de ser concebidas como uma folha de papel em branco em que as classes dominantes escreveriam o que bem entendessem (Burke, 1989: 86). As pesquisas em história cultural demonstram que as idéias, longe de serem impostas por um grupo a toda a sociedade, *circulam* e, como defende Chartier, as camadas sociais se *apropriam* das mensagens dominantes, dando-lhes novos e diferentes significados (1990: 136-7). A

[173] Realizamos uma análise hermenêutica dos discursos e temáticas principais debatidas nos *fanzines*, buscando nos aproximar de uma investigação das fontes documentais que propõe formas interpretativas voltadas ao estudo dos textos históricos, relacionando-os com o respectivo contexto extratextual no qual os produtores dos discursos estão ativamente inseridos. Assim, neste capítulo seguimos nossas hipóteses de investigação e detemo-nos em compreender a totalidade das temáticas mais comuns presentes nos *fanzines* produzidos entre os anos de 1988 à 1999, a exemplo dos temas referentes ao desemprego, distribuição desigual da renda, miséria social, políticos corruptos, pensamentos e propostas nacionalistas reinventadas e defendidas pelos grupos *skinheads*, relacionando-as com o contexto de avanço do "pensamento hegemônico" neoliberal nos países centrais do capitalismo, bem como nos periféricos.

> noção de *resistência cultural*, assim, tornou-se parte integrante de muitos estudos. Em outros termos, a "ideologia dominante" de uma sociedade não é tão dominante quanto se pensava [...] (p.13-14).

Com isso, investigamos a história anônima e amiúde silenciosa da pluralidade social, e sugerimos a necessidade de aprofundar a análise sobre a *cultura popular* e *patrimônio cultural* do segmento social no qual os grupos *skinheads* em questão estão inseridos. Debruçamos no estudo das fontes documentais escritas na forma de *fanzines* produzidos pelos próprios "carecas do subúrbio" e "carecas do Brasil"[174], e preocupamos em captar as temáticas mais freqüentes debatidas nesses informativos que, como observamos, são as matrizes representantes dos valores e manifestações desses sujeitos que articulam e entrecruzam suas aventuras individuais e grupais em meio a realidade viva e complexa.

Os *fanzines* foram submetidos à análise hermenêutica do discurso que vai ao encontro de uma semântica histórica, e ressaltamos a necessidade de intercalar os textos com o contexto. Deste modo, buscamos os pontos de enfrentamento e reações organizadas por esses *skinheads* diante do processo de crise social acentuada com o avanço do neoliberalismo, bem como de sua realidade mais próxima de exclusão social, miséria, falta de emprego e dificuldade de alcançar os benefícios do estado de direito em uma sociedade, a metrópole São Paulo, que irradia riqueza e pouco a divide, e cria segmentos de pessoas marginalizadas[175] que, mesmo através de práticas e manifestações sociais alienadas, do ponto de vista acadêmico, se articulam para manifestar formas radicais de rebeldia que expressam suas revoltas contra os meios adversos de sobrevivência desta sociedade que inclui excluindo.

---

[174] Como fontes os *fanzines* Marcha Nacional, Brasil Oi!, Lute ou Vegete, União e Atitude Zine, n.º 3, Brasil Oi!, Protesto Suburbano, n.º 29, 38, 41, 45, 46, 47, 43, 48, Dose Brutal Skinzine, Nova Estirpe, Consciência Oi!, n. 17 e Geração Mecânica, n. 1.

[175] Tereza Pires do Rio Caldeira (2000) em **Cidade de Muros** e Wissenbach (USP) na Banca de Qualificação.

Analisamos as fontes documentais e nelas os “carecas do subúrbio”, “carecas do ABC” e “carecas do Brasil” consideram-se como legítimos representantes da cultura da classe operária brasileira. Consideram integrar um movimento nacionalista que surgiu em meio a uma realidade suburbana marcada por um cenário de marginalidade, delinqüência e desemprego. Os redatores dos *fanzines* acreditam que os grupos dos “carecas do Brasil” são nacionalistas provenientes das periferias brasileiras, e alega que a revolta da sociedade contra o desemprego e processo de crise social em curso deve partir dos subúrbios[176].

A intenção dos grupos de *skinheads* é organizar um agrupamento de jovens trabalhadores unidos em torno de um estilo de vida peculiar. Dizem ter por objetivo formar um “exército de carecas” em todo o Brasil. Projetam à sociedade representações dos grupos, e os apresentam como defensores de propostas fundamentadas em princípios nacionalistas. Alegam que pretendem construir um mundo melhor sem preconceito de cor, raça ou religião.

Os *skinheads* inseriram nos *fanzines* a visão grupal de mundo e as táticas de transformação da realidade pensada pelos “carecas do Brasil”, idealizadores das imagens e discursos. Esboçam as estratégias de ação elaboradas pelos grupos para projetar à população brasileira suas concepções nacionalistas, seus pensamentos e formas de percepção do real, bem como suas propostas de intervenção e resistência social.

Observamos que os esquemas geradores das classificações e das percepções, próprios de cada grupo ou meio, podem ser entendidos como instituições sociais que incorporam sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social.

Sendo assim, consideramos essas representações como as matrizes de discursos e práticas diferenciadas que têm por objetivo a construção do mundo social, definindo contraditoriamente as identidades dos múltiplos grupos que compõem a sociedade.

---

[176] Como fontes *fanzines* Protesto Suburbano, Marcha Nacional e letras da Banda Oi! **Sub-humanos**.

Com isso, as representações coletivas são entendidas como a relação e conciliação entre as imagens mentais do mundo exterior com os esquemas interiorizados e as categorias incorporadas que acabam dando certo sentido à realidade social, além de possuir a função simbólica de informar as diferentes modalidades de apreensão do real. Essa noção de percepção do mundo social obriga, porém, a modelação desses esquemas categóricos às próprias divisões sociais e estabelecem, desta maneira, as diferenciações entre as formas plurais de *apropriação* dos diversos grupos e instituições que compõem a sociedade civil.

Desta forma, refletimos sobre os grupos de *skinheads* brasileiros através da utilização da seguinte argumentação de Roger Chartier (1990):

> [...] uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (p.19).

Neste sentido, abordamos a acepção dos "carecas do subúrbio" acerca da juventude presente no *fanzine* Protesto Suburbano publicado em 1994, e como esses sujeitos lêem a realidade. Eles articularam toda uma montagem "cênica"[177] na tentativa de projetar suas formas de pensamento aos outros integrantes do movimento e a sociedade. Investem na elaboração de um texto com símbolos, imagens e mensagens imbuídas de significados, tendo em vista transmitir a população a descrição da sociedade tal como gostariam que ela fosse.

Identificamos estar presente nesses símbolos e significados a intenção de promover o convencimento das novas gerações, crianças e adolescentes, quanto aos valores e práticas culturais desses grupos *skinheads*. Ao surtir efeito sendo transmitidos e assimilados pelo conjunto da sociedade brasileira, essas invenções cotidianas acabariam se caracterizando como importantes táticas utilizadas por esses grupos para a consolidação do propósito central

[177] Como fonte *fanzine* Protesto Suburbano, abril.1994, n.º 29.

do agrupamento, empenhado em articular uma ação social no sentido de efetivar, nas diversas regiões do Brasil, as propostas e reivindicações nacionalistas pensadas por esses sujeitos.

Neste sentido, os "carecas do Brasil" investem na construção de textos, imagens, símbolos, signos e significados, e tentam construir representações sociais deles próprios que caracterizam as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Nessas projeções grupais encontram-se presentes as visões de mundo, formas de pensamento e propostas sociais, bem como as invenções cotidianas articuladas por esses *skinheads* para colocar em prática as suas propostas nacionalistas e alternativas de mudança social.

Essas invenções cotidianas têm como objetivo atingir as formas de pensamento da sociedade brasileira, buscando interiorizar na *outillage mental* da população os princípios nacionalistas defendidos pelos grupos. Esse propósito dos *skinheads* é considerado como possível de ser atingido através dos esforços dos mentores dos *fanzines*, no sentido de construir dispositivos que promovam o convencimento das novas gerações e da maior parte da sociedade quanto os valores e pensamentos nacionalistas defendidos por esses grupos[178].

As posturas nacionalistas dos grupos de *skinheads* pesquisados podem ser captadas nas contestações expostas nos *fanzines* contra a possibilidade de intervenções internacionais na região da Amazônia e do Pantanal que, mesmo na qualidade de "boato forte", categoria utilizada por Possas (1993)[179], assume a qualidade e tom de verdade quando chega a expressivo contingente da população, sendo apropriados por grupos identitários como "carecas do Brasil" que acreditam nesta possibilidade de intervenção internacional no Brasil anunciada em alguns jornais, e reagem com a organização de protestos contra os interesses

[178] Os "carecas do Brasil" redatores dos *fanzines* costumam reforçar seus argumentos nacionalistas através da reprodução de alguns trechos de textos integralistas produzidos por Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB fundada em 1932. Portanto, estabeleceremos as possíveis relações entre o pensamento nacionalista dos grupos "carecas do Brasil" com a visão política nacionalista da Ação Integralista Brasileira e, quiçá, projeto político do período Vargas que influenciou, sobremaneira, o Pensamento Social Brasileiro.

[179] POSSAS, L. M. V. **O Trágico Três de Outubro**: estudo histórico de um evento. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1993. 198 p.

imperialistas dos Estados Unidos da América do Norte e dos seus países aliados. Neste sentido, os *skinheads* “carecas do subúrbio” e “carecas do Brasil” pretenderam elaborar certa contestação contra o imperialismo dos EUA, na tentativa de alertar a população nacional quanto às pretensões intervencionistas dos norte-americanos no território brasileiro[180].

Os “carecas de Porto Alegre” se apropriam de vários textos e reportagens sobre a condição de subdesenvolvimento social e econômico do Brasil para apresentar e reafirmar suas posições nacionalistas de combate à exploração de especuladores estrangeiros e das empresas multinacionais instaladas no país[181].

Partindo da análise dos discursos presentes nos *fanzines* e sua relação com os acontecimentos extratextuais, os “carecas de Porto Alegre” utilizam-se dos conteúdos das reportagens jornalísticas para formar sua opinião com relação a situação social e econômica do país. Com isso, esses sujeitos apropriaram-se dessas matérias publicadas na grande imprensa, passando a entender que, nas últimas três décadas, as atividades industriais nacionais expandiram-se significativamente, que marcou a transição de uma fase eminentemente agrícola para uma de acelerada industrialização. No entanto, os “carecas do Brasil” entenderam que o processo de industrialização percorrido pelo Brasil nas últimas décadas conservou sua condição de dependência internacional e subdesenvolvimento.

Assim, esses sujeitos expõem a leitura grupal das possíveis causalidades que influenciam na determinação do estado de subdesenvolvimento do Brasil, e as relaciona da seguinte maneira: as indústrias estrangeiras que fabricam produtos de maior rentabilidade e enviam boa parte de seus lucros para seus países de origem; a construção de grandiosas obras de infra-estrutura pelo Estado para dar subsídio ao desenvolvimento dessas empresas internacionais que aumenta significativamente a dívida externa do país; o incentivo estatal ao cultivo de produtos agrícolas voltados para exportação que aumenta os preços de produtos

[180] Ver imagem anexada à página 159.
[181] Como fonte *fanzines* Protesto Suburbano.

alimentícios de primeira necessidade; e a política de arrocho salarial conduzida pelas multinacionais que, de acordo com os integrantes do grupo dos "carecas de Porto Alegre", assinalam as características essenciais do subdesenvolvimento econômico do Brasil.

Com isso, esses *skinheads* realizam uma leitura sobre a realidade social e econômica do Brasil, e lançam uma resposta singular através do resgate de princípios nacionalistas que, como acreditamos, possuem raízes fincadas em tradições culturais atreladas à durações históricas da década de 1930[182]. Esses grupos buscam pensar soluções para os problemas do país, e sugerem um caminho nacionalista peculiar de desenvolvimento econômico.

Tendo em mente as orientações[183], do ponto de vista das temáticas que emergem das fontes, uma delas é recorrente e é das mais importantes: trata-se do nacionalismo. O nacionalismo é um dos fenômenos mais complexos na vida dos grupos sociais e que, por isso mesmo, têm múltiplos significados históricos, novas invenções plurais ressignificações cotidianas. Considero sim, como sugerido pelos meus mestres, o nacionalismo que aparece na subjetividade dos grupos estudados é um dos nacionalismos que adquire significados específicos dado pelos "carecas do Brasil" em suas falas nos *fanzines* e letras de músicas oi!.

No entanto, as idéias e concepções nacionalistas defendidas pelos grupos de "carecas do Brasil" aparecem de forma muito tênue e pouco estruturada nas fontes documentais analisadas. Ora presente na forma de palavras de ordem e de um discurso inflamado que se opõe as multinacionais e a intervenção de nações estrangeiras na política e economia brasileiras, ora criticando o neoliberalismo e a pouca intervenção do Estado na economia, com a afirmação de que o Estado não garante a busca da "dignidade" do homem através do

---

[182] Relacionaremos à pesquisa as permanências históricas que acreditamos ter influenciado o Pensamento Social Brasileiro e, também, o arcabouço conceitual dos "carecas do Brasil", que são o pensamento da Ação Integralista Brasileira (1932-1938) e os princípios nacionalistas afirmados no período do Governo Vargas (1930-1942).

[183] Orientações da Orientadora Prof.ª Dr.ª Lídia Maria Vianna Possas, do Prof.º Dr.º Luís Antônio de Souza (UNESP/Marília), da Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Cortez Wissenbach (USP), do Pesquisador Prof.º Ms. Alexandre de Almeida e das preciosas dicas e sugestões lançadas pelo (a) parecerista na primeira apreciação do relatório encaminhado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Essas orientações permitiram a inserção de discussões sobre o pouco estruturado nacionalismo que os lideres dos grupos de *skinheads* dizem, nos *fanzines*, serem representantes, seus constrangimentos e heranças culturais.

trabalho, ora preserva cultos e símbolos nacionais e patrióticos como a Bandeira Brasileira, e tentam afirmar e fundamentar suas posturas nacionalistas através de citações que lembram o nacionalismo da AIB, na busca de uma certa credibilidade social ao discurso desses grupos.

Em meio a essa conturbada noção de nacionalismo específico sustentado pelos "carecas do Brasil", cabe-nos a tarefa de buscar as raízes históricas dos valores e tradições culturais que compõem a forma de pensar desses sujeitos em sua concretude cotidiana. A busca da "dignidade" através do trabalho é um valor presente na mentalidade da classe operária desde a primeira metade do século XX, valor este reafirmado pelo projeto político de Getúlio Vargas (1930-1942) que introduziu a centralidade do trabalhador em seu projeto de cunho nacionalista denominado "trabalhismo brasileiro", como aponta Castro Gomes (1998).

Como ressalta Castro Gomes (1998), a invenção do "trabalhismo brasileiro" reafirmou e produziu valores que, através de ressignificações, permaneceram como raízes históricas atuais de um passado, do ponto de vista histórico, relativamente recente. Assim, os valores dos *skinheads* que aparecem nas fontes podem ser pinçados e entendidos, em sua especificidade, como herança de tradição cultural presente no Pensamento Social Brasileiro.

Trazendo o debate para a experiência de formação da classe operária brasileira, principalmente no momento da constituição de uma cultura política coletiva mais bem definida (1930-1945) e, no caso, tutelada pelo Estado, centro o foco no trabalho de Castro Gomes (1988) para demonstrar os possíveis valores que permanecem na tradição cultural de segmentos sociais e subsidia a forma específica de nacionalismo dos "carecas do Brasil" que, ao se oporem ao neoliberalismo atual, clamam por um Estado intervencionista que garanta a possibilidade de adquirir "dignidade" por meio do trabalho. Para estudar a formação dos valores da classe trabalhadora em 1930, Castro Gomes (1988) utiliza E. P. Thompson (1987) e demonstra que a constituição da classe trabalhadora como ator político central no Brasil foi tanto um fenômeno de história econômica, quanto de história política e cultural.

Ao utilizar Thompson (1987), Castro Gomes (1988) ressalta o seguinte:

> [...] Thompson considera que uma classe existe (acontece) quando um grupo de homens que compartilham experiências comuns apreendem essas vivências em termos políticos e culturais – ou seja, são capazes de materializa-las em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. É no decorrer deste processo que se constrói uma identidade coletiva de interesses próprios a uma classe, distintos dos interesses de outras classes. Por isso, Thompson rejeita frontalmente a idéia de classe como "coisa" (*it*), passível de ser deduzida de uma certa relação com os meios de produção e cujos interesses poderiam ser definidos em abstrato (os "*verdadeiros*" e os "*falsos*" interesses de classe). Para este autor, só se pode entender uma classe como uma formação social e cultural que se constrói tanto a partir das experiências dos trabalhadores no processo de produção quanto a partir de suas tradições intelectuais, de seus modelos de relacionamento social e de seus padrões de organização política e profissional. (p. 17).

Travando também um diálogo com Sahlins (1979), Castro Gomes (1988) considera que no esforço de pesquisa sobre a classe operária é necessário levar em consideração a presença das circunstâncias matérias e cálculos racionais presentes nas decisões dos trabalhadores. Propõe, no entanto, intercalar este aspecto mais econômico da realidade social com as diversas reações dos homens e mulheres diante de sua realidade empírica cotidiana. Esta é tratada por esses sujeitos de acordo com seus padrões culturais, tradições políticas e esquemas de representações que eles possuem e que não são os únicos possíveis. Assim, busca-se compreender o conjunto de significados presentes na rica "experiência" humana.

Neste sentido, Castro Gomes (1988) ressalta que as análises sobre a constituição de um ator político, no caso a classe trabalhadora brasileira, exige um enfoque teórico que leve também em consideração a apreensão da lógica simbólica presente nas relações sociais.

Certo de que a autora considera que a construção da identidade operária é também um fato de história econômica, ela, em conjunto com diversos teóricos, avança nas discussões ao propor um refinamento teórico das categorias analíticas clássicas. Leva em consideração as "experiências" materiais dos trabalhadores, no sentido sugerido por Thompson (1981 e 1987),

ressaltando que devem ser vistas como orientadas por modelos interpretativos que vinculam-se as tradições políticas e culturais dos próprios trabalhadores, bem como ao contexto do país.

Ao estabelecer um diálogo com o trabalho de Thompson (1987), Castro Gomes (1988) propõe uma análise da ação coletiva da classe trabalhadora que incorpora uma crítica do que considera a versão ortodoxa do significado da consciência de classe, versão esta compreendida como estando aprisionada a uma lógica utilitarista de custo/benefício e que negligencia as tensões, lutas e contradições existentes quando se observa a concretude dos sujeitos e a diversidade presente no tecido social, em que as formas de pertencimento emergem e a pluralidade das sociabilidades e pensamentos aparecem de maneira complexa.

Nestes termos, o estudo da formação de uma identidade coletiva da classe trabalhadora subverteria a lógica utilitarista dos termos do cálculo racional, avançando no sentido de buscar apreender a subjetividade do operariado, suas tradições herdadas, suas formas reais de manifestação e pertencimento, suas representações e traços culturais que orientam as expectativas políticas dos trabalhadores e sua consciência ou, como queira, cultura de classe.

Rompe, assim, com as análises que apreendem a realidade social e consciência de classe do operariado não como ela é, mas como deveria ser (a “verdadeira” ou a “falsa” consciência de classe), e coloca no centro do debate as formas reais de manifestação dos atores sociais que vivenciam suas “experiências” e tensões dentro e fora do ambiente de trabalho, nas organizações sindicais, em instituições sociais, no espaço familiar, nos locais de festividade, onde vivenciam a fluidez da realidade social. O propósito deste enfoque é apreender as diversas subjetividades que fazem parte da história dos grupos de trabalhadores e que, quando em determinado momento histórico encontram elementos de convergência, agem como agentes integradores dos interesses e da identidade coletiva da classe operária.

Em sua tese bastante original de doutorado, Castro Gomes (1988) tratou de investigar como a classe trabalhadora se constituiu em ator político central na política brasileira. Certa

de que a questão da cidadania passa no Brasil pela questão dos direitos sociais, a historiadora voltou-se para o problema da extensão da participação política e das diversas "cidadanias" que envolveria as culturas da classe trabalhadora durante a Primeira República. Visou entender os pactos sociais existentes entre Estado e classe trabalhadora, bem como o Governo Vargas (1930-1945) releu neste período os valores e tradições políticas brasileiras para articular a cultura de classe dos trabalhadores através da invenção do "trabalhismo" brasileiro.

Castro Gomes (1988) parte da abolição da escravatura e Proclamação da República, percebendo a correlação de forças existente entre os grupos que defendiam suas concepções de "cidadania", e reivindicavam para si uma maior visibilidade no sentido de se projetar como verdadeiro representante dos interesses e da identidade social coletiva da classe trabalhadora. Este processo de formação da classe operária como ator político passa, portanto, pela questão da construção do conceito de cidadania, e pela extensão dessa cidadania aos setores populares.

No Brasil, foi basicamente a partir dos anos do pós-1930, especialmente no período do Estado Novo, que a classe trabalhadora foi incorporada ao cenário da política nacional como ator central. De acordo com Castro Gomes (1988), o acesso à cidadania assumiu no Brasil contornos bem significativos, definindo-se pela abstenção por parte dos trabalhadores do gozo de direitos políticos e dos direitos civis, caracterizando-se pela "cidadania regulada" pelo Estado. Esta se fundamentava na inserção profissional no mundo da produção, e na expansão de alguns direitos sociais sancionados por lei e garantidos pela carteira de trabalho.

Nesta concepção de democracia e "cidadania regulada" elaborada no Governo Vargas (1930-1945) que se estruturou o projeto político implementado pelo Estado, chamado por Castro Gomes (1988) de "trabalhismo" brasileiro. Este projeto consagrou a eficácia da "ideologia trabalhista" através de várias formas de afirmação e instrumentos de comunicação, rememorando valores antigos dos trabalhadores, ressignificando-os e adaptando-os ao projeto político do Estado Novo, ao mesmo tempo em que cultuava a figura de Getúlio Vargas.

Uma das táticas importantes para a divulgação desta nova ideologia política foi a produção e emissão de um discurso político que visava um público bem específico. Este discurso político tinha como ator principal às falas do ministro Alexandre Marcondes Filho no programa radiofônico Hora do Brasil, que tinha em vista difundir o projeto político do Estado brasileiro do pós-1942. A ideologia trabalhista tinha extensão e apoios nas políticas públicas desenvolvidas por vários ministérios de Vargas, como os da saúde, da educação, alimentação e do lazer, que contribuíam na afirmação das intenções do discurso governamental.

Este processo, portanto, possui dois momentos principais. O primeiro deles é lento e toma as décadas da Primeira República, nas quais as propostas políticas, pequenas lutas e a "palavra operária" vinculava-se as lideranças da própria classe trabalhadora que, indiscutivelmente, assumem a construção de propostas sobre a sua identidade de classe. A aspiração pela constituição desta identidade de classe girou em torno da valorização de um modelo de trabalhador, apresentado nos discursos como trabalhador livre e educado no "culto ao trabalho". Neste processo, cria-se a valorização de uma determinada figura do trabalhador.

O segundo momento está marcado pela atuação do Estado Novo que, em um primeiro movimento (1930-1937), investiu na desmobilização da classe trabalhadora sob o comando do Ministro do Trabalho Agamenon Magalhães. A desmobilização das organizações de classe era vista como necessária pelo Estado devido o clima político em 1934 ter sido marcado pela significativa radicalização ideológica e de crescente mobilização das massas. As articulações mais intensas eram as do PC que, atrelado à parte do movimento sindical sob orientação de lideranças de esquerda, tinha como objetivo organizar uma linha de frente popular.

A atuação de Agamenon Magalhães foi enfática ao criar os "sindicatos de carimbo", eleger os membros da bancada dos representantes classistas e, assim, influenciar nos assuntos sindicais e trabalhistas do país. Enquanto isso os sindicatos verdadeiramente defensores dos reais interesses dos trabalhadores, sob orientação de lideranças de esquerda, tinham suas sedes

destruídas e seus membros submetidos à espancamentos e prisões devido a intervenção da força policial. Com as ações populares organizadas pela ANL (Aliança Nacional Libertadora), aumentou-se a repressão vinda do Ministério do Trabalho em articulação com a Força Policial, e culminou no afastamento e na liquidação das lideranças sindicais de esquerda.

Esta tensão entre as forças em disputa no período produziu condições fecundas à elaboração de um projeto político que visava criar o problema da segurança nacional. Este projeto político afirmava a *ameaça comunista*, elaborando, por conseguinte, a solução com o *Plano Cohen* produzido pelas Forças Armadas que o apresentava como sendo responsável pela sublevação comunista iminente que ameaçava a ordem política nacional. O projeto político em questão fora elaborado tendo em vista o encaminhamento do golpe de 1937, e marcou um período de implacável repressão estatal e policial que tornara impossível a manutenção de qualquer tipo de resistência dos setores de esquerda da classe trabalhadora.

De acordo com Castro Gomes (1988), o papel assumido por Agamenon Magalhães possuía o seguinte propósito político nos primeiros anos do Governo Vargas (1930-1937):

> [...] A escolha de Agamenon Magalhães para a pasta do Trabalho teve portanto um amplo sentido. A partir de então não mais haveria competição entre propostas concorrentes, nem lutas nos sindicatos ou nas ruas. A repressão ao comunismo tornaria inviável qualquer tipo de ação independente surgida do interior da classe trabalhadora. Um longo silêncio teve início em 1935, reforçando-se em 1937 e perdurando praticamente até 1942. (p.192).

No bojo desta nova situação política marcada pela necessidade de reorientação nos rumos do Estado Novo, que o projeto “trabalhista” passou a ser difundido e implementado. A articulação deste projeto político contou com a importante nomeação e atuação em 1941 de Alexandre Marcondes Filho à pasta do Ministério do Trabalho, indústria e comércio. Sua ação política no campo da sindicalização produziu uma nova lei de caráter corporativo, adaptou as organizações sindicais a este princípio corporativista, coroou a política trabalhista com a instituição da Justiça do Trabalho e desenvolveu a atuação ministerial na área previdenciária.

A tese central defendida por Castro Gomes (1988) é de que, além da regulamentação do mundo do trabalho e dos direitos materiais e jurídicos considerados como outorgados aos trabalhadores pelo Estado, o Governo Vargas, neste segundo movimento pós-1940, conseguiu unir esta lógica material de custo/benefício com uma lógica simbólica. O Estado apropriou-se dos elementos-chaves da auto-imagem dos trabalhadores construída ao longo da Primeira República, ressignificando esta "palavra operária" em um outro contexto. Conseguiu, desta forma, consolidar um pacto junto à classe operária e, também, uma ideologia: a "trabalhista".

Neste segundo movimento importa assinalar que em fins dos anos 1920 existia entre a classe trabalhadora no Brasil, disseminada por diferentes apelos políticos, toda uma ética valorativa do trabalho e do trabalhador, toda uma prática de relacionamento e toda uma experiência de organização em partidos políticos e sindicatos. Assim, ao término da Primeira República, as lutas dos próprios trabalhadores garantiam-lhes uma figura de operário.

O ponto fundamental, porém, para o qual é necessário atentar é o da dinâmica de construção deste projeto de identidade operária desenvolvida pelo Estado. Apesar de não mencionar nos seus discursos amplamente divulgados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) as lutas dos trabalhadores antes de 1930, o Estado Vargas faz uso desses valores antigos já presentes na mentalidade desses operários para inventar a ideologia trabalhista e, assim, constituir uma identidade e cultura política da classe operária brasileira.

No caso do Brasil, a "palavra operária" foi conduzida de forma difusa pelos próprios trabalhadores na Primeira República, até meados dos anos 1930, período no qual o Estado Novo promoveu, através de várias ações, o desmantelamento das organizações de classe dos trabalhadores (1934-1942). Com a impossibilidade de rearticulação das instituições de classe pelos próprios trabalhadores devido o contexto e circunstâncias políticas, a partir de 1942 o Estado passou a conduzir a identidade de classe dos trabalhadores através da invenção da

ideologia trabalhista. Promoveu um pacto político entre essas esferas sociais que, no caso do Brasil, podem ser vistas como reveladoras de tensões contraditórias produtoras de valores.

Castro Gomes (2005) em seu artigo intitulado “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões” resgata o seu trabalho de doutorado e afirma que alguns valores importantes sistematizados no projeto político varguista com a invenção do “trabalhismo”, atuam como permanências históricas do passado que são ressignificados e re-elaborados por segmentos sociais, partidos políticos e formas cotidianas de sociabilidade como respostas de acordo com as alterações presentes em determinado contexto histórico.

Os valores presentes na mentalidade dos segmentos que compunham a classe trabalhadora na primeira metade do século XX como o “culto ao trabalho” como um aspecto virtuoso da atividade humana, a busca da “dignidade” do homem por meio do trabalho, os anseios políticos dos segmentos de trabalhadores por um Estado que colocasse na centralidade de suas ações a figura do trabalhador, o desejo de um Estado nacionalista intervencionista que atuasse na economia gerando empregos, o combate ao socialismo e comunismo considerados “degradantes” para a pátria e a família são, em conjunto, aspectos que permanecem de forma ressignificada nas maneiras de pensar e agir dos “carecas do Brasil” que, ao compartilharem esses valores presentes no Pensamento Social Brasileiro, tentam se lançar no cotidiano como grupos defensores de um tipo específico e complexo de concepção nacionalista.

Apesar dos “carecas do subúrbio” e “carecas do ABC” afirmarem em suas representações presentes nos *fanzines* serem representantes da cultura operária atualmente, essas posições ficam mais no âmbito discursivo e no campo das imagens e representações, pois, na prática, como percebemos nas qualificações presente no Inquérito Policial sobre a morte de Edson Neris da Silva, os “carecas do ABC” não são, em sua maioria, operários que possuem vínculos com os meios de produção, mas sim trabalhadores que prestam serviços a terceiros. Nas qualificações as profissões dos sujeitos concretos em foco são Supervisor de

Segurança, Segurança de Feira, Do Lar, no caso de uma garota, Moto Boy, Vendedor, Barman, Auxiliar de Escritório, Estudante, Inspetor, Ajudante de Despachante Aduaneiro, Garçom, Office Boy e uma jovem de 28 anos que se apresentou como sendo Segurança.

Portanto, há uma contradição entre representação construída por esses sujeitos e a concretude de suas práticas cotidianas. No entanto, as regiões suburbanas nas quais os *skinheads* "carecas do subúrbio" e "carecas do ABC" se localizam, correspondente à região do ABC paulista[184], é um território com traços marcadamente operários, em que a história dessas territorialidades suburbanas foi marcada por lutas operárias significativas, a exemplo das Greves Metalúrgicas. Esses acontecimentos históricos envolvendo a classe operária desta região conferiram toda uma simbologia proletária ao ABC paulista, características que são absorvidas por grupos como os *skinheads* para configurar seus traços culturais e identitários.

Outro traço nacionalista que emerge das fontes sobre os "carecas do Brasil" é a simpatia grupal diante dos símbolos patrióticos, como a Bandeira Brasileira e Hino Nacional. É um aspecto muito importante de ser ressaltado a simpatia dos *skinheads* pelos símbolos nacionais e, principalmente, pelos aspectos que compõem a corporalidade, no sentido de Foucault (2000 e 2006), dos *skinheads* como as calças camufladas, camisetas e coturnos militares, bem como se posicionam de maneira semelhante ao andar coletivamente, em grupos, no cotidiano, que é como se estivessem em marcha, que lembram posturas militares, no sentido de que as pessoas quando optam em assumir uma identidade grupal, como a dos *skinheads*, ou uma função no interior de um Estado como a dos militares, acabam adotando uma corporalidade militar e uma forma específica de se postar na realidade como sujeitos cumpridores de ordem, como assinala Arendt (2003) e Bauman (1998), gerando contradições entre os seus valores próprios da sua cultura e os adotados ao inserir-se nos grupos.

[184] Como fonte filme "Garotas do ABC" dirigido por Carlos Reichenbach.

No caso dos grupos de *skinheads*, quando as pessoas optam por adentrar os grupos de "carecas do Brasil" há toda uma ritualística que assinala sua passagem para um membro identificado com as idéias e posturas do grupo. A forma de vestimenta com calças camufladas, coturnos militares, camisetas e suspensórios e o culto ao físico como forma de exprimir a força dos integrantes do grupo que praticam esportes como a musculação.

Além da musculação, as lutas marciais, como observei em pesquisa empírica e pela Internet e Orkut, são muito apreciadas pelos sujeitos concretos estudados e demarca um tipo específico de corporalidade. Demonstra a preocupação com o físico e com a proteção individual e grupal dos integrantes de gangues dos subúrbios, pois aprender técnicas de defesa pessoal acaba sendo condição de sobrevivência para os grupos suburbanos, já que essas periferias são territorialidades nas quais os conflitos e lutas entre gangues são freqüentes.

Além da preocupação com o físico e defesa pessoal, outro traço da corporalidade que tipifica a figura dos *skinheads* é a cabeça raspada. A cabeça raspada é um traço da corporalidade dos "carecas do Brasil" que assinala o ritual de passagem do sujeito que se identifica com o aspecto corporal e identidade visual dos grupos. O corte careca demarca a entrada dos novos membros no grupo, e assinala a transição e uma contradição entre os valores herdados de suas raízes culturais, e os novos valores assimilados na entrada no grupo, em que os aspectos culturais, principalmente os étnicos realçados nas formas de cabelos crespos e suas origens afro-descendentes, como é o caso dos negros e mestiços que adentram esses grupos, são retirados de cena com este novo corte e nova assimilação de valores, a exemplo da "cultura da agressividade", no sentido de Goldberg (2004), que abre possibilidade desses sujeitos agredirem pessoas de suas origens quando não pertencem a seus grupos.

4.2. “Carecas” e novos integralistas: as aproximações, constrangimentos e contradições

A reportagem publicada no jornal “Esquinas de S.P.”[185] deu indícios de que há uma possível relação entre os *skinheads* com as idéias do integralismo, bem como com os novos núcleos que estão se reorganizando na cidade de São Paulo, Campinas, dentre outras centros urbanos de médio e grande porte. A pesquisa e a entrevista junto aos integrantes da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista)[186] revelaram que os *skinheads* procuraram o núcleo e quiseram participar das reuniões. Porém, pelo fato da violência praticada por esses grupos no cotidiano terem muita repercussão na opinião pública, e o núcleo ser regido por um estatuto que condena atos violentos, os *skinheads* que procuraram a SENE optaram por não participar das reuniões da sede, como entrevista realizada com os membros deste núcleo. Isso mostra certa tensão e distensão que contradiz a representação dos *skinheads* com sua prática cotidiana, em que são sujeitos à constrangimentos e contradições.

As narrativas dos “carecas do Brasil” se aproximam dos novos núcleos de integralistas em alguns aspectos, principalmente os relacionados à representação que possuem sobre o nazismo e comunismo. No *fanzine* Protesto Suburbano[187] os “carecas do subúrbio” elaboram toda uma representação de que são jovens operários e rebeldes, moradores dos subúrbios brasileiros e que, por se orgulharem do Brasil, defendem princípios nacionalistas, contrapondo-se, de maneira concomitante, aos projetos societários dos nazistas e comunistas.

A repulsa dos “carecas do subúrbio” e dos outros grupos de “carecas do Brasil” com relação às formas de pensamento dos nazistas e dos comunistas, encontra-se no trecho:

> [...] Nazismo e comunismo são farinha do mesmo saco
> sempre querendo levar nosso ideal para o buraco
>
> Para eles sempre seremos apenas inocentes uteis

[185] Marcos Faerman (1996) mostra uma reunião da extrema-direita (Velhos integralistas reorganizados – 1996) em Santo André com um grupo de “carecas do ABC”, e, em tese, demonstra estreita ligação entre os grupos. A imagem que mostra esta reunião se encontra anexada na página 160.
[186] Como fonte material disponibilizado pela SENE na ocasião da entrevista realizada em 26 de julho de 2007.
[187] Você se Lembra In: Protesto Suburbano, jan./fev. de 2000, n. 45.

eles manipulam idéias iludindo a juventude

Lutando pelo poder de destruir as pessoas
e dominando a massa com suas mentiras bobas

Tratam o povo como crianças suas mentes como brinquedos
vivem em um outro mundo cultivando seus podres segredos

Neste mundo em que eles vivem não há lugar para o seu ideal
um mundo de fantasias longe da vida real

Não seja mais um boneco nas mãos deste parasitas
todos querendo seu sangue nazistas e comunistas

Para amarmos nosso país não precisamos de partido
longe da realidade nossa vida não faz sentido

Sentidos que havia quando estavamos nos salões
a carecada sempre unida agitando os mesmos sons.[188]

Os "carecas do subúrbio" investem na elaboração de um discurso no qual está presente a repulsa aos projetos de sociedade fundamentados no nazismo e/ou no comunismo, apresentados, de acordo com a ótica dos integrantes dessas sociabilidades, como pensamentos que tendem a manipular as idéias das pessoas para iludir a juventude. Os "carecas" consideram que o objetivo do nazismo e comunismo é usar a população como massa de manobra na consolidação de seus propósitos políticos, contrapondo-se, desta maneira, aos ideais dos grupos de "carecas do Brasil" pelo fato de considerarem essas propostas como estando distantes da realidade concreta e cotidiana da população brasileira dos subúrbios.

Ao criticar como abstratas às formas de pensamento e projetos de sociedade dos nazistas e dos comunistas, os "carecas do subúrbio" concebem essas ideologias como pertencentes à mundos diferentes e distantes daquele no qual esses sujeitos estão inseridos. Sendo assim, consideram o nazismo e o comunismo como formas de pensamento tendentes à impor de cima para baixo suas ideologias à grande massa da população, desconsiderando a

[188] Você se Lembra In: Protesto Suburbano, jan./fev. de 2000, n. 45.

realidade social concreta e suburbana dos sujeitos, bem como seus valores e costumes que, acima de tudo, são elaborados socialmente, contraditoriamente e quotidianamente.

Neste sentido, os "carecas do subúrbio" investiram em uma apropriação e interpretação das informações recebidas sobre as formas de pensamento dos nazistas e comunistas, elaborando uma releitura dessas ideologias consideradas por eles como alicerçadas em 'um mundo de fantasias fora da vida real' para, deste modo, colocar o ponto de vista grupal e as visões de mundo fundamentados nas ações cotidianas e conjuntas dos "carecas do subúrbio", tendo como pano de fundo os valores e princípios nacionalistas[189].

Esses discursos dos "carecas do Brasil" se encontram em consonância com algumas idéias dos integrantes da SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista)[190] que podemos captar nas falas de M., segundo as quais estão presentes as idéias que o integralismo desmontou alguns paradigmas na década de 30 extremamente importantes para a história do Brasil. Um desses paradigmas foi a concepção de que o grande capital está contra a revolução operária comunista. De acordo com a forma de pensar de M., o grande capital não está contra os comunistas, pois entende, sem fundamentação nas produções históricas mais consagradas, que isso tudo é uma mentira inventada pela grande mídia internacional e reproduzidas nas escolas para, juntamente com a Guerra Fria, enganar e manipular as pessoas. O militante integralista M. diz que "[...] O integralismo desmontou essa farofada de dizer que capitalismo é contra o comunismo. Os dois são serviçais do grande capital internacional [...]". [191]

M. diz que o marxismo se baseia na luta de classes e visa promover a dissensão da sociedade ao jogar uns contra os outros, a exemplo do capital contra o trabalho, e reforça que

---

[189] Ver a movimentação da juventude nacionalista dos "carecas" na imagem anexada à página 161.

[190] De acordo com M. e material sobre o núcleo integralista cedido para pesquisa, a SENE é uma instituição que visa o estudo e a militância do integralismo na atualidade. Tem como eixo fundamental das visões de mundo as bibliografias dos principais escritores integralistas. Por ser uma realidade com expressão na década de 1930, a SENE busca reinterpretar o integralismo para a realidade do século XXI e, deste modo, constituir uma militância integralista. O esforço da SENE é estruturar não um partido de massas como na AIB de 1930, mas uma religião espiritualista em torno de uma estrutura integralista e nacional projetada para a realidade do século XXI. Como fontes a entrevista com o Vice-Presidente da SENE em 26 de junho de 2007, Campinas/SP e material da SENE.

[191] Como fonte a entrevista gravada com o Vice-Presidente da SENE em 26 de junho de 2007, Campinas/SP.

essa forma de pensamento comunista quer jogar os trabalhadores contra os patrões, quer jogar uma religião contra as outras para que o grande capital internacional consiga dominar tudo[192].

Com relação aos *skinheads* brasileiros[193], M. disse que a SENE é um núcleo integralista aberto ao público, visto a sua intenção de se expandir, e, por isso, qualquer pessoa pode participar do núcleo e procurar a sede da SENE em Campinas, qualquer pessoa inclusive os "carecas" e *skinheads*. No entanto, deixa claro que os grupos que se autodenominam integralistas ou baseados na doutrina integralista, responsáveis por ações violentas, de racismo na sociedade não é aceitável como membro do grupo. Alega que a base do integralismo, primeiro partido de massas, é cristã, e que se afasta do uso da violência na sociedade[194].

Por dizer que o integralismo não tem base violenta, M. diz que o ponto de vista da SENE com relação aos "carecas" e outros *skinheads* é que se eles quiserem participar do núcleo integralista têm que deixar a violência e o racismo de lado, pois afirma não existir formas agressivas de manifestação ou preconceitos dentro no núcleo da SENE, e ressalta que a mídia, na visão dele como estando na mão dos marxistas, que constrói a representação violenta do grupo e acusa os integralistas de terem assassinado o homossexual, dizendo que a imprensa sempre acusa grupos de integralistas de serem neonazistas com práticas violentas[195].

M. diz que a SENE sempre esteve aberta para todas as pessoas e todos os gêneros, homens, mulheres, homossexuais, mas ressalta que o núcleo é regido por uma linha de ação com estrutura católica e, por isso, enfatiza que eles não pregam o homossexualismo. Diz que pode haver homossexuais que participem das reuniões do grupo, mas, no entanto, não fazem apologia ao homossexualismo, ponto que o entrevistado fez questão de colocar em destaque.

---

[192] Entrevista com o Vice-Presidente da SENE em 26 de julho de 2007, Campinas/SP.
[193] A minha pergunta foi a seguinte: os skinheads tentaram se aproximar e participar, de alguma forma, das reuniões promovidas pela SENE? In: Entrevista com o Vice-Presidente da SENE, 26 de jun. 2007, Campinas/SP.
[194] Observa o esforço em dissociar o Integralismo a representação de movimento violento, baseada em construções cotidianas sobre as manifestações de 1930. Como fonte Lídia M. V. Possas (1993).
[195] Entrevista com o Vice-Presidente da SENE em 26 de julho de 2007, Campinas/SP.

M. acredita que é interessante o integralismo chegar até esta juventude, mas reforça a necessidade de mostrar aos “carecas” o que é realmente o integralismo, diferenciando-se da deturpação que eles acham que é o integralismo e, mais do que isso, da representação da mídia que, diz ele, inventa ações violentas e as vinculam a imagem dos novos integralistas.

Para que os “carecas” fizessem parte da SENE M. diz ser necessário que eles respeitassem um estatuto interno que proíbe qualquer tipo de violência, racismo, homofobia, pois o núcleo possui um conjunto de princípios que são contra todas as formas de agressão, e que o integralismo e SENE têm uma base moral cristã que não admite idéias discriminatórias.

O Vice-Presidente da SENE deixa claro que o núcleo está aberto ao público, e isso inclui os *skinheads*. Diz que alguns visitaram a SENE, cerca de dois ou três, e os membros do núcleo deixaram bem claro que se estivessem usando a doutrina integralista para justificar qualquer tipo de violência estavam completamente equivocados, e que talvez fosse melhor se juntar aos comunistas, pois alegam que eles baseiam-se na violência, morte dos outros, luta de classes e, por isso, talvez fosse melhor os “carecas” se juntarem aos comunistas, e não aos integralistas. M. diz que esses “carecas” não mais voltaram a visitar a SENE, e acredita que isso mostra que eles não tinham maturidade suficiente para entender o integralismo.

M. frisa que vários dos *skinheads* e “carecas” se autodenominaram Nação Integralista Brasileira, e houve uma época que o senhor Anésio, atual presidente da Ação Integralista Brasileira, cidade de São Paulo, teve uma participação com esses *skinheads*, sendo acusado de apologia à violência, apesar do entrevistado dizer que essas notícias serem “boatos” inventados pela mídia, os quais o presidente da AIB atual nunca teve chance de responder.

Apesar de muitos aspectos que estão presentes na mentalidade tanto dos integrantes da SENE, quanto dos “carecas do Brasil”, encontrarem-se na qualidade de “boatos”, no sentido da categoria utilizada por Possas (1993), que não encontram comprovações nas produções teóricas e historiográficas de maior expressão, esses assumem um tom de verdade nas

representações sustentadas por esses grupos sociais, na medida em que organizam suas visões de mundo, formas de pertencimento na realidade e as suas práticas sociais no cotidiano.

Os “boatos” que alimentam as representações dos grupos sociais de *skinheads* e novos integralistas sobre os capitalistas, comunistas e mídia possuem elementos que aproximam, mesmo que na forma discursiva, esses dois grupos sociais. Essa teia de significados estabelecidas que aproximam as narrativas desses sujeitos não é, de forma alguma, algo de pouca significância, pois põe na ordem do dia vários agentes que, mesmo separados, recorrem a doutrinas políticas de viés fascista para se oporem a situação de miséria generalizada vivenciada atualmente pela maior parte das civilizações. As manifestações desses grupos que se aproximam da extrema-direita nos permite vislumbrar que alguns elementos sociais que alimentaram a ascensão de Regimes autoritários e totalitários em 1930 encontram-se postos na realidade, já que os partidos com lideranças políticas elaboram discursos incorporando aspectos de nacionalismo e exercem poderes de atração e organização desta massa amorfa de grupos, sendo um elemento que deve ser ressaltado para futuras pesquisas acadêmicas na área.

4.3. Novas orientações das lideranças dos “carecas do Brasil” após fev. de 2000

Após a morte de Edson Neris os “carecas do Brasil” deslocaram o foco para a crítica dos capitalistas e políticos corruptos pela grave situação social que aflige a população brasileira. Esses grupos entendem que as outras determinantes dos problemas sociais do país estão associadas aos problemas econômicos de má distribuição de renda que, segundo o ponto de vista desses sujeitos, ocasionam a degradação da qualidade de vida da população nos campos da habitação popular, saneamento urbano, educação e instituições ligadas à saúde[196].

[196] Como fonte *fanzine* Marcha Nacional.

Nesta perspectiva de formular críticas e manifestações de rebeldia contra os efeitos sociais das políticas econômicas colocadas em prática pelos governos brasileiros, o texto produzido pelos "carecas da Baixada Fluminense"[197] nos revelou que esses sujeitos entendem o sistema capitalista como máquina poderosa criadora de constantes necessidades na forma de mercadorias, apresentando-as como sendo produzidas em benefício de todo o povo para, deste modo, iludi-lo e engana-lo. Assim, os escritores dos *fanzines* e integrantes deste grupo *skinhead* compreendem que o sistema cria, também, enormes contradições como o caso dos trabalhadores que produzem mercadorias a preços não compatíveis ao seu poder de compra.

Com isso, os líderes dos "carecas da Baixada Fluminense" propõem manifestações através da violência contra as formas de exploração e alienação criadas por esse sistema, e canaliza a luta dos integrantes do agrupamento no sentido de convencer os explorados à voltarem seu ódio contra todas as formas de opressão que impedem o trabalhador de viver decentemente, apesar das formas de rebeldia desses jovens, também, se inserirem na qualidade de manifestações alienadas de grupos identitários que se revoltam, a partir de seus centros de idéias, contra a situação de marginalização social que estão imersos[198].

Nos *fanzines* existe a preocupação dos líderes *skinheads* chamarem a atenção para a necessidade de aniquilar as discórdias e divisões existentes entre os vários grupos que compõem o movimento "carecas do Brasil". Alertam os integrantes para a necessidade de organizar os diversos grupos de *skinheads*. A intenção dos integrantes e grupos de "carecas do Brasil" presente nos *fanzines* é dar continuidade às suas "propostas de luta" fundadas, basicamente, na expansão dos núcleos "carecas" através da persuasão da população de acordo com os pensamentos fundamentados em idéias nacionalistas defendidos pelos *skinheads*.

---

[197] Como fonte *fanzine* Brasil Oi!, jul./ago. 1988, n.º 3.

[198] Com relação a considerar essas formas de manifestação como alienadas, contamos com a contribuição do Prof.º Dr.º Luis Antonio Francisco de Souza na Banca de Qualificação os textos de Thompson (1998, 1987).

O estudo minuciosa dos *fanzines* nos permitiu compreender que esses grupos *skinheads* empenharam-se em neutralizar as discórdias existentes entre os vários grupos. Assim, entendemos que o objetivo desses *skinheads* era selar a união das múltiplas facções, e incentivar o fortalecimento dos grupos através de práticas cotidianas que possuíam a intenção de convencer a população das várias regiões brasileiras em assimilarem os valores, propósitos e práticas nacionalistas e patrióticas perseguidas pelos grupos dos "carecas do Brasil"[199].

Os *fanzines* nos revelaram que os discursos elaborados pelos grupos de *skinheads* apontam para a necessidade das facções intensificarem os meios de divulgação dos valores e pensamentos dos grupos, propondo novas bandas oi!, aumento de passeatas e informativos nacionalistas para, deste modo, atrair o maior número possível de pessoas aos seus grupos.

Ao apontar para a necessidade de inventar novos meios de persuasão da sociedade de acordo com suas categorias mentais e princípios nacionalistas, observamos que os grupos de *skinheads* constroem imagens e representações deles próprios, nas quais são apresentados como jovens nacionalistas que defendem posturas contra o racismo, fascismo e neonazismo. Logo em seguida, mostraram-se otimistas quanto a possibilidade de construir um Brasil sem fome, sem miséria, com educação e cultura para todos, e onde o povo brasileiro estivesse livre da especulação de políticos corruptos e da exploração internacional e das multinacionais.

Para a efetivação dos seus propósitos, os "carecas do subúrbio" apontam para a necessidade de adesão da sociedade as suas formas de sociabilidade como único caminho que deveria ser seguido para realização dos anseios populares que, de acordo com o ponto de vista desses sujeitos, levaria à melhoria significativa da qualidade de vida do povo brasileiro.

De acordo com o material documental analisado, percebemos que os campos de atuação inventados pelos "carecas do subúrbio" e "carecas do Brasil" para divulgar seus valores e pensamentos e recriar a *outillage mental* da população brasileira eram os *fanzines*,

---

[199] Como fonte *fanzines* Protesto Suburbano, jan. fev. 2001, n.º 47, Geração Mecânica, jun.2002, n.º 01, Consciência Oi!, set.2003, n.º 17, Nova Estirpe, Dose Brutal Skinzine.

musica oi!, passeatas e distribuição de panfletos. Essas estratégias cotidianas são consideradas por esses líderes *skinheads* como formas de luta que têm por objetivo convencer a sociedade brasileira à adotar seus propósitos e idéias nacionalistas que, de acordo com este raciocínio, abriria caminho para a construção de um Brasil totalmente independente e soberano.

Com isso, percebemos que a intensidade com que foi implantado as medidas políticas fundamentadas em princípios do neoliberalismo na década de 1990, bem como os efeitos sociais negativos produzidos nas diversas regiões do país devido essas políticas econômicas colocadas em prática pelos representantes nacionais da sociedade brasileira, fez com que os grupos de *skinheads* analisados elaborassem respostas e manifestações. Utilizaram, assim, das suas categorias mentais e tradições culturais nacionalistas ressignificadas de acordo com o momento presente para contraporem-se ao projeto político neoliberal de desenvolvimento.

Assim, a organização e campos de atuação utilizados pelos grupos “carecas do subúrbio” e “carecas do Brasil” visam captar os valores e práticas da sociedade brasileira, recriando-os de acordo com suas reivindicações e concepções nacionalistas. Apesar de serem concepções particulares para se atingir o *progresso dentro da ordem*, essas são apresentadas à população nacional como idéias mais adequadas à realidade brasileira e as que capacitam a condução do país rumo ao desenvolvimento econômico e social, opondo-se, desta maneira, às políticas econômicas neoliberais implementadas no Brasil na década de 1990, bem como à realidade próxima da sociedade paulistana que esbanja riqueza e não promove a extensão dos benefícios sociais presentes no estado de direito às pessoas marginalizadas, o que acende a revolta desses segmentos que, e exemplo dos *skinheads* “carecas do Brasil”, reagem com ações de rebeldia e com a organização de grupos identitários em torno de práticas violentas.

CO

Como fonte *fanzine* Lute ou Vegete, n.º 7, 1987.

Como fonte Jornal Esquinas de S. P., p. 08
Faculdade de Comunicação Cásper Líbero – Novembro de 1996 – n.º 11

Como fonte *fanzine* Consciência Oi! n.º 11, dez. 2001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa o sentido atribuído ao fazer uma análise hermenêutica ficou mais claro, pois as tensões e dinamismo presentes na concretude da realidade social, muitas vezes, fazem com que as hipóteses iniciais do trabalho adotem um novo itinerário, e nos instiga a deparar com situações em que, mesmo os silêncios discursivos desses grupos em não dar entrevista, constituam um dado para a análise em uma perspectiva hermenêutica, que privilegia no texto a análise das relações de poder presentes nas territoriedades e espaços que ora são de laser, ora palco de conflitos identitários no cotidiano da cidade de São Paulo.

A pesquisa privilegiou a narrativa das fontes, aproximando-se de uma "descrição densa" dos documentos e da concretude dos sujeitos na forma posta por Geertz (1978), e dinamizou-se com as experiências apreendidas no Trabalho de Campo em que as tensões, lutas, contradições e constrangimentos cotidianos dos sujeitos pesquisados emergiram. A possibilidade de apreensão da complexidade de idéias, gestos e comportamentos dos *skinheads* nos fogem quando pretendemos enquadrar esses sujeitos em categorias explicativas muito rígidas, engessadas em explicações teóricas abstratas que não permitem enxergar a fluidez das experiências fugidias desses grupos contemporâneos de "carecas do Brasil".

Por isso, a descrição da fluidez da realidade social e cultural desses *skinheads* permitiu uma narrativa mais solta, na qual as temáticas dos capítulos foram se organizando na medida em que debruçávamos nas fontes e percebíamos as brechas que possibilitavam a observação dos aspectos identitários dos sujeitos, das relações de violência simbólica presentes nos corpos, das suas manifestações de poder que são aspectos identitários do grupo.

As fontes e materiais inéditos[200] conseguidos por meio de profícuos contatos estabelecidos nas cidades de São Paulo e Campinas, como o contato na cidade de São Paulo com Alexandre de Almeida[201], pesquisador muito sério que trabalhou com o estudo dos *White Power* em sua Dissertação de Mestrado, permitiram captarmos aspectos novos desses sujeitos.

No diálogo discutimos diversos aspectos dos grupos "carecas do Brasil", sendo um deles o contexto histórico em que optamos em realizar nossas pesquisas, referente aos anos posteriores a 2000. Este ponto é muito importante de ser exposto pelo fato de revelar como os sujeitos concretos que estão sendo pesquisados articulam suas dinâmicas próprias na forma de práticas e representações, que estão sempre sendo reformuladas e ressignificadas tendo como termômetro de suas alterações as correlações de força estabelecidas entre esses grupos de "carecas do Brasil" e as imagens produzidas pela grande imprensa e presentes na opinião pública, que assinala a intencionalidade de "civilizar os bárbaros" da vez: os *skinheads*.

As correlações de força entre representações que desnudam formas de se exercer o "teatro do poder" da grande imprensa que propõe encabeçar um "processo civilizador", no sentido apresentado por Elias (1990), de vigiar por meio das instituições da polícia civil como o GRADI (Grupo de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância), GAECO (Grupo do Ministério Público Estadual que investiga o crime organizado) e DEPATRI os vários grupos de *skinheads* do estado de São Paulo, com a pretensão de mostrar a necessidade de controlar as pulsões espontâneas desses sujeitos e modelar seus hábitos às regras e ao convívio da vida social por meio da repressão e punição das suas pulsações e espontaneidades presentes em suas vidas privadas, a exemplo da cultura da violência preservada por esses grupos contra homossexuais, amparamos em análises sobre o poder elaboradas por Foucault (2000 e 2006).

---

[200] Além dos *fanzines* "Dose Brutal Skinzine", "Geração Mecânica", "Nova Estirpe" e "Consciência OI!" disponibilizados pelo pesquisador Alexandre de Almeida, o Trabalho de Campo contou com a coleta de um material muito rico presente nas pastas do "Movimento Punk" no arquivo do Centro de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho" – CEDIC – PUC/SP.

[201] Alexandre de Almeida produziu um trabalho sobre os *skinheads White Power*, e defendeu sua Dissertação intitulada "*Skinheads*: os 'mitos ordenadores' do Poder Branco paulista" pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), ano de 2004, sob a orientação da Prof. ª Dr. ª Márcia Regina da Costa.

O “teatro do poder” só tem sentido e força quando as diversas instituições que controlam e disciplinam as pessoas conseguem penetrar o poder no corpo social através do silenciamento dos sujeitos, no sentido posto por Foucault (2000 e 2006). No caso dos corpos passíveis de politização envolvidos no evento da morte de Edson Neris da Silva, sabemos que uma das partes, a vítima, foi silenciada no ato da agressão que desencadeou em seu homicídio e, por isso, não teve a oportunidade de expor a sociedade como e o que ele realmente era, pois pautamo-nos em narrativas que construíram uma imagem de como Edson Neris seria em vida.

No entanto, quais os mecanismos que os outros sujeitos envolvidos, os acusados de serem algozes de Edson Neris, foram submetidos para terem seus corpos politizados e investidos de poder por parte das instituições disciplinadoras do estado e civilizadoras da grande imprensa que exercem suas forças na aplicação de instrumentos de silenciamento dos sujeitos? Quais os elementos-chaves desta “teatralização do poder” para compor uma peça harmônica e propor, em seu enredo, a civilização dos bárbaros *skinheads*? Quais as reações que desencadearam nas lideranças e suas manifestaram com idéias de vieses nacionalistas?

O silenciamento dos *skinheads*, mais especificamente dos “carecas do ABC”, inicia-se no ato da prisão em flagrante, momento em que os policiais civis autuaram os acusados pelo crime, já os considerando como sendo, em sua totalidade grupal, os verdadeiros responsáveis pelo ato de homicídio. Na delegacia, o instrumento que garante o direito dos acusados somente falar em Júri acaba por contribuir com os propósitos silenciadores do poder estatal, pois, ao garantir que os acusados não exponham discursos contraditórios e, deste modo, criem provas contra si mesmos, silencia todos os sujeitos acusados pelo crime, o que os “carecas do ABC” optaram em fazer, e, em contrapartida, abre espaço para as várias testemunhas, juntamente com a imprensa, construírem a culpabilidade desses sujeitos, culpabilidade que reforça seu poder por contar com o silêncio dos personagens autuados como culpados.

Por se encontrarem na posição de sujeitos silenciados e, também, que se silenciam diante da possibilidade de falar no Inquérito Policial[202], a imprensa teve seu poder de representação sobre os grupos de *skinheads* fortalecido. Como as narrativas polifônicas presentes no primeiro capítulo deste trabalho, as imagens homogeneizantes construídas pela mídia sobre os diversos grupos de *skinheads* não captam as suas diversidades de idéias, comportamentos e experiências cotidianas, e mostram representações sobre esses grupos que não são as únicas possíveis, devido a realidade desses múltiplos sujeitos não corresponderem, muitas vezes, às imagens engessadas sobre eles expostas na imprensa e em filmes que tratam de abordar esses grupos através de imagens socialmente compartilhadas de suas experiências.

No Processo Crime[203], como percebemos em leitura rápida de alguns depoimentos em São Paulo, Juízo de Direito da Primeira Vara do Júri, Cartório do 1º Ofício do Júri, os "carecas" acusados não tiveram a oportunidade de mostrar o que realmente são, pois, diante das questões acusatórias apresentadas pela promotoria que possui o papel de culpabilizar esses sujeitos, o que é, cabe ressaltarmos, sua função no interior do estado, os *skinheads* sempre encontravam-se em posições defensivas de tentarem provar suas eventuais "inocências" diante do homicídio de Edson Neris da Silva na Praça da República. A posição de defesa demonstra o poder do Judiciário que penetra os corpos dos acusados silenciando-os. Esses mecanismos de fortalecimento do poder potencializam o modelo de verdade do Poder Judiciário apresentado por este braço do estado de São Paulo como sendo algo incontestável.

Os instrumentos de silenciamento dos sujeitos utilizados pelas instituições disciplinadoras que auxiliam na construção de um harmônico "teatro do poder" reforçam imagem que, muitas vezes, são adotadas pela opinião pública como verdades inquestionáveis. Ao desvendar a teatralização da vida e a politização dos corpos utilizados de acordo com interesses estatais e sociais contextualizados, faz com que percebamos os mecanismos que

[202] Inquérito Policial n.º 451/2000 anexado ao Processo Crime 052.00.000.431 - 8.
[203] Processo Crime 052.00.000.431 - 8.

permanecem na atualidade brasileira como formas de manifestação do poder estatal que, por não dar voz aos sujeitos concretos, constroem verdades inquestionáveis socialmente aceitas que sustentam a permanência da estrutura do poder na realidade social contemporânea.

Está estrutura de poder encontra-se alicerçada em não ouvir as vozes dos próprios sujeitos concretos envolvidos em seus problemas cotidianos nos subúrbios, por exemplo, da metrópole São Paulo e cidades circunvizinhas, para, deste modo, se pensar, em conjunto, nos problemas, múltiplas relações de poder, na diversidade de idéias e valores que emergem desses grupos identitários de sujeitos suburbanos. Ao contrário, o silenciamento dos sujeitos é uma forma de fortalecer o poder estatal que, por meio de medidas biopolíticas utilizadas pelo estado, visam neutralizar as vozes da sociedade e impor a contenção das espontaneidades e agressividades dos considerados bárbaros em nome do processo civilizatório contemporâneo.

No entanto, esse “teatro do poder” produziu manifestações cotidianas e re-laborações das representações e algumas práticas dos “carecas do Brasil” presentes nos subúrbios de São Paulo e regiões periféricas da Grande São Paulo que, após a morte de Edson Neris em fev. de 2000, passaram a articular representações que manifestavam uma forma de responder as acusações e de produzir a teatralização da sua vida cotidiana como um contra-poder perante as imagens vinculadas de que os grupos em questão eram racistas, neonazistas, contra negros e nordestinos. Nesta teatralização do contra-poder, no sentido posto por Thompson (1987), os sujeitos estudados elaboram representações que assinalam a correlação de forças e a busca de exercer o poder grupal no cotidiano ao se colocarem não como neonazistas e racistas, mas sim como sujeitos que defendem um tipo específico de nacionalismo apresentado nos *fanzines*.

O diálogo sobre o tema com Alexandre de Almeida possibilitou desmistificar o que é realmente fazer uso de uma análise hermenêutica do cotidiano, como nos sugere Maria Odila Leite da Silva Dias (2001), como instrumento utilizado na “descrição densa”, como propõe Geertz (1978), desses *micropoderes* cotidianos (FOUCAULT, 2000 e 2006). Deste modo, nas

décadas de 1980 e início de 1990 que se refere ao período em que a Antropóloga Márcia Regina da Costa (2000) realizou seu trabalho de doutorado intitulado “Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno”, os grupos em questão, influenciados pela Constituição de 1988 que dava voz às minorias que demonstrava o dissenso existente no tecido social e, dentro da legalidade, estimulava as identidades singulares da pluralidade cultural, esses sujeitos estavam mais propensos a se fazer aparecer, e a dar entrevistas para pesquisadores interessados em compreender seus traços culturais e identidades grupais.

No entanto, a partir da morte de Edson Neris da Silva em fevereiro de 2000 e a ampla divulgação deste fato na grande imprensa, as reações em forma de protestos de organizações como a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT - SP), e a repercussão expressiva produzida na opinião pública em geral, estimulou a modificação de comportamentos e sentimentos desses grupos que alteraram suas posturas cotidianas, passaram a não adotar espaços específicos como locais de territorialidade, a exemplo do Paço Municipal de Santo André que no final da década de 1990 era local freqüentado assiduamente por “carecas do subúrbio” e “carecas do ABC”, e ficaram mais diluídos em meio ao tecido social das zonas periféricas e centrais da cidade de São Paulo e região da Grande São Paulo.

Passaram, portanto, a circularem de forma mais difusa nos subúrbios e regiões centrais de São Paulo, revelando, também, uma alteração nas maneiras de difundir as suas idéias e convicções políticas alicerçadas em seus valores e traços culturais, já que a produção de *fanzines* em que encontramos endereços dos lideres que produzem esses informativos e de bandas que tocam música oi! teve uma expressiva redução para garantir o anonimato dos escritores dos *fanzines* diante de possíveis investigações policiais. No entanto, muitos grupos de *skinheads* assumiram a Internet, a exemplo das páginas virtuais e Orkut, como recurso utilizado para a difusão de suas formas de pensamento e comunicação com outras pessoas que

são *skinheads* ou simpatizantes desses grupos, já que este veículo de informação garante o anonimato e permite a esses grupos difundirem suas idéias e arregimentarem novos adeptos.

Esse processo que culminou na modificação de comportamentos e na retração e diluição dos grupos em meio ao tecido social causou, por um lado, algumas perdas aos pesquisadores interessados em explorar o tema, pois provocou o silêncio desses grupos que passaram a se esquivar quanto à possibilidade de conceder aos estudantes entrevistas sobre suas formas de pertencimento na realidade. Por outro lado, abriu um novo e complexo campo de investigação aos pesquisadores que consiste em captar a voz desses sujeitos na Internet, bem como narrar as suas re-elaborações discursivas diante dos acontecimentos cotidianos que repercutem na opinião pública, e estimulam imagens que pressionam esses grupos a reverem suas formas de pensar e agir por mostrá-los como bárbaros a serem punidos e civilizados.

O trabalho hermenêutico nos fascinou e foi possível de ser dinamizado quando relacionamos as reflexões teórico-metodológicas com as fontes documentais da pesquisa, as inéditas e antigas. O conteúdo do material nos mostra a experiência concreta dos sujeitos históricos enfocados, e revelam as tensões, contradições, lutas e, também, constrangimentos que compõem o fazer e as formas de sociabilidade dos grupos estudados, em que suas representações expressam as relações de poder enfrentadas por esses grupos que têm de alterar e ressignificar suas imagens sociais constantemente para dar conta de lançar respostas perante as representações da imprensa e instituições sociais mais bem alicerçadas, a exemplo do Poder Judiciário que, em conjunto, tentam encabeçar o processo de civilizar os bárbaros.

Outro aspecto importante sobre os sujeitos enfocados é a tênue e pouco estruturada concepção específica de nacionalismo que esses grupos sustentam, pois, apesar de demonstrarem simpatia pelo nacionalismo, nas fontes documentais essa concepção política não aparece de forma clara e bem estruturada, mas sim como frases de impacto que eles pretendem lançar como sendo de cunho nacionalista e que, no entanto, muitas vezes, são

pensamentos defendidos por vários segmentos sociais com concepções políticas diversas, seja de direita ou de esquerda, e que estão presentes no senso comum da população. Pensamos, deste modo, que se esses *skinheads* possuíssem uma forma bem estruturada e específica de nacionalismo ela estaria mais bem apresentada nos *fanzines*, o que percebemos não ocorrer.

No entanto, o que nos sugere as fontes documentais e as discussões informais é a captação da concepção de nacionalismo singular, mesmo que pouco coerente e estruturado, apresentada pelos lideres dos grupos de "carecas do Brasil", pois, o que tudo indica, eles se apropriam de alguns valores presentes no Pensamento Social Brasileiro em um passado relativamente recente e, portanto, pertencentes a sua mentalidade grupal e ao senso comum da população, para inventar tradições com sentidos identitários, no sentido de Hobsbawn (2002).

As lideranças dos *skinheads* "carecas" tentam, deste modo, demonstrar a sociedade serem pessoas politizadas que pretendem lutar por um Brasil melhor. Esses personagens sociais se apóiam na convicção de que as sustentações de aspectos nacionalistas em seus discursos exercem força de convencimento na grande massa de "carecas" não escritores de *fanzines* e receptores de suas mensagens, bem como diante de segmentos da população que, por sustentarem idéias similares, poderiam ingressar nos grupos. A exposição deste tênue nacionalismo atua, portanto, com o propósito de dar maior força à representação construída pelos "carecas do Brasil" de serem um movimento sério de jovens brasileiros politizados.

O que nos chama a atenção nesses jogos que gravitam em torno das relações de poder apresentadas acima é que na análise das fontes documentais produzidas pelos *skinheads*, os *fanzines*, quem escreve são, perceptivelmente, sempre as mesmas pessoas, o que denominamos como exercendo um papel de liderança nos diversos grupos de "carecas". Essas lideranças, por serem porta-vozes dos grupos, assumem funções de exporem a sociedade as idéias, valores, sentimentos, percepções sócio/culturais e convicções políticas que a massa de integrantes dos grupos de *skinheads* compartilha em seus cotidianos. No entanto, o fato dessas

narrativas serem, na maior parte das vezes, produzidas por lideranças, a grande massa de integrantes acaba não tendo suas vozes fielmente apresentadas nessas fontes, pois são apenas representadas por lideranças que, ao falarem por eles, também os silenciam, nos mostrando que a lógica de não dar voz aos sujeitos para exercer poderes tendo como parâmetro os interesses que se alteram de acordo com as relações de poder em que os sujeitos, grupos ou instituições estão envolvidos, também penetram, de forma similar, no cotidiano das formações identitárias que se utilizam dessas táticas para construir uma representação grupal coesa.

O silenciamento dos grupos de "carecas do Brasil" por parte do poder estatal e das instituições civilizadoras da sociedade, o silêncio da grande massa de *skinheads* no interior dos grupos devido à atuação das lideranças produtoras dos discursos nos *fanzines*, e a opção atual dos integrantes dos "carecas do Brasil" em não concederem entrevistas por não quererem se expor, reforçam o poder de neutralização e politização realizado pelo estado e outras instituições disciplinadoras sobre os grupos, pois, quando os sujeitos são silenciados em sua concretude, os mecanismos de poder ganham maior força de atuação e politização dos *zoé*, seres viventes, passíveis de serem utilizados cotidianamente de acordo com a dinâmica social e interesses políticos que se alteram de acordo com os flexíveis momentos históricos.

No ato da realização da pesquisa no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na leitura dos autos do andamento do Processo Crime 052.00.000.431 - 8, julho de 2007, os *skinheads* "carecas do ABC" que estavam presos e foram soltos devido pedido de *habeas corpus* concedido a eles diante da intervenção dos advogados de defesa, estavam submetidos ao mandato de busca e apreensão a pedido do Ministério Público, o que nos permite, até o momento, fechar o enredo do "teatro do poder" que gira em torno do fato/crime em questão.

Referências Bibliográficas:

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**: *punks* e *darks* no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

AGAMBEN, G. **Homo Sacer.** O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALMEIDA, A. **Skinheads**: os "mitos ordenadores" do Poder Branco paulista. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

ARBEX, J. **Nacionalismo**: o desfio à nova ordem pós-socialista. São Paulo: Scipione, 1997.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.
_____. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. SP: Cia das Letras, 2003.

BARROS, J. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J; PASSERON, J. A construção do objeto. In: **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDAO, C. F. **Os processos de civilização e o controle das emoções**. 1. ed. Bauru - SP: EDUSC, 2007.

BURKE, P. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
_____. "Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro", In: Burke, P. (org.) **A escrita da História – Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CALDEIRA, T. P. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CARDOSO, C.; VAINFAS, R. História e análise de textos. In: **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. CARDOSO, C. ; VAINFAS, R. (Org.), Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARECAS de muito músculo e pouca cabeça. **Veja**, São Paulo, ano 27, n.02, edição 1322, p.52-58, jan. 1994.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A história Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos:** CPDOC 20 anos, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, vol.7, n.13, 1994, p.97-113.

CAVALARI, R. M .F. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: EDUSC, 1999.

COSTA, M. R. **Os carecas do subúrbio**: caminho de um nomadismo moderno. SP: Musa, 2000.
_____. **Tribos urbanas, Comunidade Zadoque e os Carecas de Cristo**. In: José Machado Pais; Leila Maria Blass. (Org.). Tribos Urbanas:Produção artística e identidades. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais-ICS, 2004, v. 31, p. 57-81.

COSTA, T. **Os anos noventa**: o acaso do político e a sacralização do mercado. In: MOTA, C. G. (Org.) Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) : a grande transação, São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

CORSI, F. L. **A economia brasileira na década de 1990**: estagnação e vulnerabilidade externa. In: ARAÚJO, R.; BATISTA, R. L. (Org.) Desafios do trabalho: capital e luta de classes no século XXI, Londrina: Práxis, 2003.

DAVIS, N.Z. **Cultura do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DIAS, M. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
_____. **"Hermenêutica do Quotidiano na historiografia contemporânea"**. In: Projeto História – Trabalhos da memória. São Paulo, n.17, nov./1998, p.223-232.

DOSSE, F. **História e Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2004.

EISENSTADT, S. N. **Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas.** In BRITO, S. (Org.) Sociologia da juventude IV. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, 4v.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1994.

ENRIQUEZ, E. O outro, semelhante ou inimigo? In. NOVAES, Adauto. (org.) **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAERMAN, M. Carecas. In: **Esquinas de S.P.** Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, nov. 1996, n. 11, p.8-10.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

FRANÇA, Carlos Eduardo. **Representações e formas de resistência dos 'carecas do subúrbio' na sociedade paulista dos anos 90**. Marília: UNESP, 2004. (Relatórios FAPESP IC, processo n. 02/09943-0, dez. 2002 a dez. 2004).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
_____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRANDE, S. V. L. **Violência urbana e juventude em São Paulo**: um estudo de caso sobre os skinheads. Araraquara: dissertação de Mestrado, 2001.

GODOY, M. Polícia tenta fazer retrato falado de terrorista. In: **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 set. de 2000, p. C4.

GOLDBERG, J. P. **Cultura da agressividade**. São Paulo: Editora Landy, 2004.

GOMES, A. M. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1988.
_____. **Notas sobre uma experiência de trabalho com fontes:** arquivos privados e jornais. Xº Simpósio da ANPUH, Niterói, Rio de Janeiro, jul. 1979.
_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: alguma reflexões. In: SOIHET, R. BICALHO, M. F. B.; GOUVÊA, M. F. S. (orgs.) **Culturas Políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOCKENOS, P. **Livres para odiar**. São Paulo: Scritta, 1995.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HUGUETTE, T. **Metodologias quantitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1999.

IGOUNET, V. Négationnisme, version front national. In: **Les Génocides dans L'Histoire – Le Monde Diplomatique**, manière de voir 76, août-septempre 2004, p.72-75.

IZIQUE, C. Impunidade e Violência: porcentagem de crimes violentos convertidos em pena com reclusão do acusado é muito baixa, constatam pesquisadores. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, Especial São Paulo 450 anos, p. 50-53, 2004.

LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, J. **A história Nova**. SP: Martins Fontes, 1988.

LEFEBVRE, H. **El manifiesto diferencialista**. Madri: Siglo XXI, 1972.
_____. **A vida cotidiana e o mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: Burke, P. (org.) **A escrita da História – Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

NOBREGA DE JESUS, C. G. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória**: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987 – 2003). São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MANNHEIN, K. **A crise da sociedade contemporânea**. FORACCHI, M; PEREIRA, L. (Org.). In: Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional, 1964.

MARQUES, E. C. **Redes sociais, instituições e atores no governo da cidade de São Paulo**. São Paulo: Fapesp, 2003.

MARTINS, J. S. **Subúrbio**: Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HICITEC, 1992.

PERROT, M. **Na França da "Belle Époque" – Os "apaches": primeiros bandos de jovens**. In: Os excluídos da história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTELLA, A. Skinheads voltam à cena e assustam cidade. In: **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 set. de 2000, p. C6.

POSSAS, L. M. V. **O Trágico Três de Outubro**: estudo histórico de um evento. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1993.

_____.(org.) **Integralismo**: novos estudos e reinterpretações. Rio Claro: Arquivo Municipal, 2004.

_____. **Revendo a história das cidades paulistas**: a inserção feminina e a (re) leitura do cotidiano. Esboços (UFSC), v. 17, p. 57-73, 2007.

_____. Cultura e identidade na globalização: olhando com o olhar dos míopes. **Cadernos da Ffc, Marília**, v. 8, p. 175-190, 1999.

_____. Rastreando pistas - a observação das praças da cidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, p. 233-239, 1992.

_____. (Org.) ; DOTA, Renato Alencar (Org.) ; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro (Org.) . **Integralismo**: Novos Estudos e Reinterpretações. Rio Claro / SP: Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004. v. 1. 166 p.

_____. Um novo olhar sobre o passado: pensando a violência simbólica e relações de gênero. In: Sueli A. Felix; Márcio Ricardo de Carvalho. (Org.). **Violência e Segurança**: entre as percepções, um convite ao debate. 1 ed. Marília: GUTO, 2007, v. 1, p. 1-192.

_____. Indícios e fragmentos das lutas das mulheres na construção da história das cidades paulistas: causos e os silêncios. In: Gilvan Ventura da Silva; Maria Beatriz Nader; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). **História, mulher e poder**. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espirito Santo - Edufes, 2006, v. 1, p. 307-319.

_____. O estudo da correspondência: invenção e reinterpretação na escrita auto-referencial - a militância integralista. In: Ana Maria Penha Mena Pagnocca; Lucila de Oliveira Maciel; Maria Therezinha Duckur Manprin;. (Org.). **Arquivo Rio Claro**. 2 ed. Rio Claro / SP: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, 2004, v. , p. 89-111.

_____. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado(1932-1938). In: Angela de Castro Gomes. (Org.). **A Escrita de Si. A Escrita da História**. 1 ed. RIo de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, v. 1, p. 277-277.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REMOND, R. O retorno do político. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
_____. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Ed. FGV, 1996.
_____. Por que a história política, **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

RIOUX, J-P. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
_____. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. **As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, n. 34, p. 25-37, junho 1997.

SCHWARCZ, L. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: Burke, P. (org.) **A escrita da História – Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

SOIHET, R. Introdução. In: Abreu, Martha & Soihet (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

SUÁSTICA no peito e cacetada nos mestiços. **Veja**, São Paulo, ano 27, n.02, edição 1322, p.52-58, jan. 1994.

SZKLARZ, E. O fascínio do nazismo. In: **Super Interessante**. São Paulo: Abril Cultural, ed. 215, jul. 2005, p. 36-46.

THOMPSON, E. *History from below*, **The Time Literary Supplement**, 7 de abril de 1966.
_____.**A miséria da teoria ou um plenário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zarar, 1981.
_____. **A formação da classe operária inglesa**. III volumes, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
_____. **Senhores & Caçadores**: a origem da lei negra. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. CARDOSO, C. ; VAINFAS, R. (Org.), Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VIDAL, L. Alain Corbin: o prazer do historiador. In: **Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História**. SP, ANPUH, vol. 25, nº 49, jan-jun, 2005, p.11-35.

VIZENTINI, P. F. O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, L. VIZENTINI, P. F**. Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000.

WOLFF, F. Quem é bárbaro? In. NOVAES, Adauto. (org.) **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ZALUAR, A. O espaço público como ódio. In: Cad. Mais, **Folha de São Paulo**, SP, 29 ago. 2004.

Fanzines analisados:

Brasil Oi!, jul./ago. 1988; n.º03.

Consciência Oi! maio 2001, n.º10.

Consciência Oi! dez. 2001; n.º11.

Lute ou Vegete, s/d.

Marcha Nacional, s/d.

Protesto Suburbano, abril/1994; n.º29.

Protesto Suburbano, junho/1997; n.º38.

Protesto Suburbano, jan./1999; n.º41.

Protesto Suburbano, s/m.1999; n.º43.

Protesto Suburbano, jan./fev.2000; n.º45.

Protesto Suburbano, jul./agos.2000; n.º46.

Protesto Suburbano, jan./fev.2001; n.º47.

Protesto Suburbano, maio/jun.2001; n.º48.

Resistência Vermelha: zine rash São Paulo, n.º01.

União Atitude Zine, jan./fev. 1998; n.º03.

Geração Mecânica: *skinhead* zine - S. P. Brasil/, jun. 2002, n.º 01.

Consciência OI!, set. 2003, n.17.

Nova Estirpe: Skinzine - São Paulo, s/d.

Dose Brutal Skinzine – São Paulo, s/d.

Jornais:

A escalada do racismos. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2000, p.C4.

ACUSADOS de matar adestrador negam participação. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2000, p.2-3.

ADIADO depoimento no caso de racismo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2000, p.3-12.

ALMEIDA, Alexandra Ozorio. Fenômeno é sociológico. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2000, p.12.

CAMACHO, Rita; PANDA, Rogério; IWAMIZU, Andrea Lie. Bomba destrói teto de trem da CPTM. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2000, p.3-8.

CARECAS do ABC vão citar 7 por agressão que causou morte de adestrador de cães. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 maio 2000, p.C4.

CORRÊA, Sílvia. Skinhead acusa companheiro por crime. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-6.
_____. Skinhead acusa companheiros por crime. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-6.
_____. Integrante confirma crime de skinheads. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-5.
_____. Amigo não viu agressões, diz sua mãe. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-8.
_____. Carecas negam discriminação e dizem seguir Integralismo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 2000, p.3-8.
_____. Investigação de assassinato será monitorado pela União. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 2000, p.3-8,.
_____. Ações têm de ser definidas. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2000, p.3-15.
_____. Testemunha não reconhece acusados. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2000, p.3-7.

DEPOIMENTO confirma crime de skinheads. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p. 1-1.

DO "Agora São Paulo". Bomba-relógio explode dentro de trem metropolitano em SP. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 fev. 2000, p.3-5.
_____. Liberados oito do grupo de carecas. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2000, p.C6.

DO "Notícias Populares". Homem diz que ensinou como fazer bombas. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 out. 2000, p.C3.

GANGUES de extrema direita em São Paulo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-5.

HOMOSSEXUAL é o principal alvo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-6.

IZIDORO, Alencar. Punk reconhece dois skinheads. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2000, p.3-15.
_____. Acusados depõem e caem em contradição. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2000, p.2-3.
_____. Barman nega Ter acusado skinheads. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2000, p.3-4.
_____. Acusado de matar adestrador é espancado por presos em DP. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2000, p.3-6.
_____. Promotor admite que pode haver algum inocente entre os Carecas. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 mar. 2000, p.3-5.
_____. Careca acusa 5 pela morte de adestrador. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 06 maio 2000, p 3-4.
_____. Livre, comerciante teme represálias. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 maio 2000, p 3-12.
_____. Parentes de vítimas pedem penas rígidas. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jul. 2000, p.C3.

KAHN, Tulio. O ataque Careca. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 fev. 2000, p.1-3.

NEGADO habeas corpus a acusados de integrar grupo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 dez. 2000, p.C7.

MOTT, Luiz. Violência anti-homossexual tem cura. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 out. 2000, p.03.

PARENTE nega preconceito. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2000, p.3-5.

PINHEIRO, Augusto. “Por que somos carecas”. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 fev. 2000, p.14-15.
_____. Medo leva gays às academias. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 maio 2000, p.38-39.

Polícia Federal fecha loja de artigos que associava o Flamengo ao nazismo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2000, p.D3.

SILVA, Adriana Souza. Skinheads espancam e matam homem em São Paulo. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 fev. 2000, p.4-7.

SILVA, Alessandro. CPTM reforça segurança em trens. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2000, p.3-4.
_____. Promotoria tem cinco grupos já identificados. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 set. 2000, p.C3.

SP cria polícia contra intolerância. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2000, p.2-3.

TOLEDO, José Roberto. FHC venceu em 87% dos municípios. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 dez. 1998, p.1-10.

Pesquisa no Centro de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho, CEDIC – PUC/SP: arquivo Movimento *Punk*.

Inquérito Policial 451/2000 anexado no Processo Crime 052.00.000.431-8.

Diálogo Informal com o Pesquisador do Tema: Prof. º Ms. Alexandre de Almeida, 20 de Julho de 2007.

Entrevistas:

Márcia Regina da Costa, Antropóloga e Pesquisadora, PUC/SP, 19 de fevereiro de 2003.

Presidente e Vice-presidente da SENE/Campinas, Marcelo e Cássio, 26 de Julho de 2007.

Integrante da Associação da Parada do Orgulho GLBT, Regina Facchini, 20 de julho de 2007.

Filmografia:

Skinheads: a força branca

Liderados pelo fanático Hando (Russel Crowe), um grupo de jovens "skinheads" ainda acredita na teoria nazista da superioridade racial e estão dispostos a tudo para garantir sua supremacia frente a todos que ameaçam seu território. O pricipal alvo do seu ódio são os imigrantes vietnaminatas que estão se instalando em sua região. Hando, sempre acompanhado de seu braço direito Davey (Danil Pollock) e sua amante rica e rebelde Gabe (Jaqueline Mackenzie), envolve a gangue em uma sangrenta briga de rua contra seus inimigos, desencadeando uma nova onda de violência. Acuados e em menor número, os "skinheads" são obrigados a fugir e enfrentar seu próprio destino em um brutal confronto final[204].

Laranja Mecânica

O filme Laranja Mecânica tem como diretor Stanley Kubrick, que retrata a história de um anti-herói chamado Alex DeLarge, jovem líder de uma gangue de delinqüentes, amantes de leite drogado e música clássica. Tem por diversão bater, estuprar, matar e cometer qualquer brutalidade que tenha vontade, não se importando com as leis ou senso humanitário. Quando finalmente é pego pela polícia, sofre um tratamento duro de reabilitação. Quando Alex volta às ruas, totalmente regenerado, passa a sofrer com aqueles que antes eram as vítimas[205].

A outra história americana

A Outra História Americana é um dinâmico drama sobre as conseqüências do racismo em uma família é dividida pelo ódio. Como uma análise dos extremismos na América, o filme segue a luta de um homem para reformar a si próprio e salvar seu irmão após viver uma vida consumida pela violência e intolerância. Dirigida por Tony Kaye, a história se desdobra através do olhar de Danny Vinyar que idolatra seu irmão mais velho Derek. Buscando vingança pelo assassinato do pai e ansioso para dar vazão à sua ira, Derek se encontra transformado por uma filosofia do ódio ao mesmo tempo que se torna um líder carismático de um movimento de supremacia branca. A despeito de sua indiscutível inteligência, suas ações

---

[204] Sinopse presente em Romper Stomper, PTY. Ltd, 1992.
[205] Como fonte http://www.cineplayers.com/filme.php?id=362.

incendiárias culminam num brutal assassinato e, finalmente, numa sentença de prisão. Três anos mais tarde, todos esperam a volta de Derek: sua mãe Doris, sua namorada Stacey e, principalmente, Danny, que anseia desesperado pelo amor e orientação do irmão. No dia da libertação de Derek, Danny entrega um relatório do livro Mein Kampf, que foi ditado por Hitler enquanto esteve na prisão. Irritado, o diretor do colégio exige que Danny escreva um novo relatório, sobre as circunstâncias que levaram ao encarceramento de Derek. Por meio dessa nova tarefa, o público irá explorar a consciência dos dois irmãos. Mas, para surpresa e de Danny, Derek havia transformado suas concepções e visões de mundo. Recém saído da prisão, ele não vê mais o ódio como sinal de honra. Envergonhado de seu passado, ele agora está em uma corrida para salvar o irmão e toda a família da violência que ele mesmo criou[206].

Garotas do ABC

O filme Garotas do ABC, dirigido por Carlos Reichenbach, ocorre em São Bernardo, cidade do ABC paulista, região de fábricas têxteis e metalúrgicas, onde um grupo de operárias vive seu cotidiano de intenso trabalho, sonhos e ilusões. A principal delas, *Aurélia,* é fã do ator Arnold Schwarzeneger e adora homens fortes e musculosos. Seus problemas começam quando ela se apaixona por *Fábio,* um musculoso neonazista que integra uma gangue que vive praticando atentados contra negros e nordestinos. Entre as demais personagens femininas, algumas se destacam: a operária Paula Nélson, que é assediada por um líder sindical, ao mesmo tempo em que tenta manter a harmonia entre as meninas da fábrica; Antuérpia, que aos 38 anos tenta iniciar-se na profissão de tecelã; e a casta Suzana, apaixonada pelo patrão. Ela parece sentir prazer com os pequenos acidentes de trabalho que sofre e deixam marcas em seu corpo, além de garantir um bom dinheiro a título de indenização. Entre os protagonistas masculinos o mais desprezível é Salesiano de Carvalho, o líder dos neonazistas e mentor intelectual da série de atentados que eles praticam contra nordestinos e negros[207].

As gangues de Nova York

O Filme As gangues de Nova York foi dirigido por Martin Scorsese. A história se passa em Nova York do séc. XVIII, numa cidade ainda em formação completamente tomada por gangues que atuavam nas mais variadas camadas e de diversas formas na sociedade,

[206] Como fonte http://www.webcine.com.br/filmessi/outrahame.htm.
[207] Como fonte http://www.dezenove.net/garotasdoabc/sino.htm.

lutando por territorialidades que se configuravam como espaços de poder. Amsterdam é um jovem rapaz que não sabe sua própria idade e que perdeu o pai ainda quando criança em uma sangrenta batalha. A história se desenvolve quando, anos mais tarde, Amsterdam volta às "Cinco Pontas", o local mais famoso da cidade na época, uma verdadeira visão do caos, em busca da vingança contra Bill, o Açougueiro, que havia matado seu pai, e o padre Vallon[208].

[208] Como fonte http://www.cineplayers.com/filme.php?id=312.